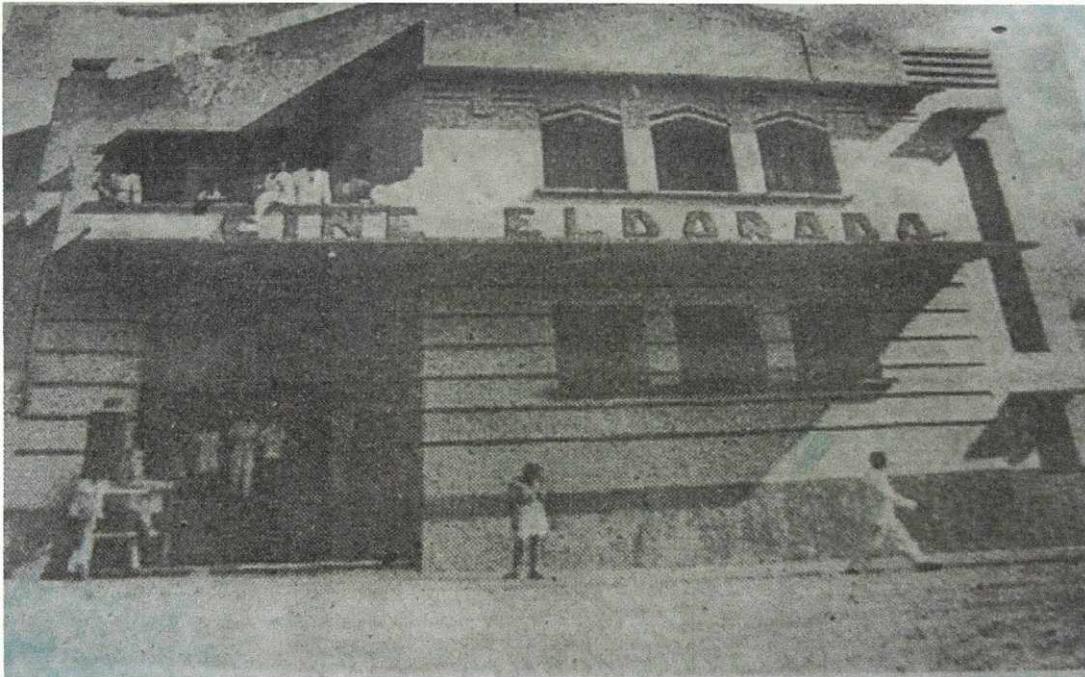




**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**IMAGENS DO MODERNO EM PATOS – PB: (1934 -1958)**

**Josinaldo Gomes da Silva**



**CAMPINA GRANDE-PB**

**MARÇO**

**2011**

**JOSINALDO GOMES DA SILVA**

**IMAGENS DO MODERNO EM PATOS-PB: (1934-1958)**

**Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidade da Universidade Federal de Campina Grande – PB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História, na Área de concentração em História Cultura e Cidades, em Campina Grande – PB, 2011.**

**Orientador: Profº, Dr. Gervácio Batista Aranha**

**Campina Grande – PB**

**Março de**

**2011**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG**

S586i Silva, Josinaldo Gomes da.  
Imagens do moderno em Patos – PB: (1934 – 1958) / Josinaldo Gomes da Silva. — Campina Grande, 2011.  
162 f. : il. col.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

Referências.  
Orientador: Prof.º Dr.º Gervácio Batista Aranha.

1. História da Paraíba. 2. Cidade e Cultura. 3. Cidade - Modernização. 4. Imaginário Moderno. I. Título.

CDU – 94(813.3)(043)



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

**JOSINALDO GOMES DA SILVA**

**IMAGENS DO MODERNO EM PATOS–PB: (1934-1958)**

**Avaliado em:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Conceito:** \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

**Profº Dr. Gervácio Batista Aranha PPGH-UFCG**  
**Orientador**

**Profº Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza**  
**Examinador interno - UFCG**

**Profª Drª. Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano**  
**Examinadora externa - UFPB**

**Profº Drº. Severino Cabral Filho**  
**Suplente interno - UFCG**

**Waldeci Ferreira Chagas**  
**Suplente externo - UEPB**

Dedico esse trabalho especialmente a meu pai, José Gomes dos Santos, um grande incentivador de minha carreira de professor, e um exemplo de personalidade que cada vez mais busco seguir. Que pena, ele não poder ler esse trabalho, pois não se encontra mais entre nós. Dedico também a minha mãe, dona Inácia, minha esposa, Josivânia, meu filho Diego, meus irmãos/irmãs: Josiete, Maria José, Zezinho, e Josicleide. E a três pessoas que também são muito especiais para mim: meu tio Antonio Gomes (Tôta) im memorian, Eunice Araújo im memorian, e meu tio Sebastião (Basto) e sua esposa Maria do Carmo.

Todo ofício termina por marcar aquele que o exerce. A história é um ofício tão envolvente a ponto de não ser deslocado colocar a questão de sua marca sobre o historiador? Em que o fato de consagrar-se à história acaba por formatar, por modelar a maneira de ver, a maneira de ser, a personalidade do historiador? Como a história faz o historiador?

Eu me esforçarei para responder a esta questão através da análise reflexiva antes que através do testemunho. A questão não vale senão, com efeito, por sua generalidade, e é sob este ângulo que eu abordarei (PROST, 2000, pp.7-8).

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de inicialmente agradecer Deus por ter me dado forças para chegar até aqui, aos professores Severino Cabral Filho, Roberval Santiago e Antonio Clarindo B. de Souza, componentes da banca de seleção do PPGH – UFCG (turma 2009), que confiaram no meu trabalho e por isso me selecionaram para o ingresso como aluno regular no referido programa de pós-graduação. Expressar minha gratidão a Prefeita Municipal de Salgadinho – PB, Débora Cristiane, e ao Governo da Paraíba, por terem me concedido licença remunerada das minhas funções docentes durante o período em que estive no mestrado, meu muito obrigado.

Agradeço em especial ao meu orientador professor Gervácio Batista Aranha, pela confiança em mim depositada, e pela maneira sempre humilde e sabia de se relacionar com seus alunos. Levarei comigo as suas lições de erudição, ética profissional e sobretudo de humildade.

Meus agradecimentos se estendem a todos os professores ligados ao nosso programa de pós-graduação, em especial aos professores Severino Cabral Filho, que entre muitas lições que aprendi na disciplina Cidade e Cultura Visual, destaco o uso da fotografia como fonte. Iranilson Buriti pela contribuição que deu ao meu projeto de pesquisa e pela grande competência com que ministrou a disciplina Metodologia da Pesquisa. Osmar Luis que ministrou Teoria da História, e em suas aulas me possibilitou a incorporação de novas leituras que muito contribuíram em minha pesquisa. Keila Queiroz que ministrou a disciplina Cidade e Corpos Invisíveis. Com seu jeito simples e humilde deu sua contribuição, trazendo novas leituras que ampliaram as minhas leituras sobre o tema cidade.

Enfim, agradeço mais uma vez aos professores Gervácio Batista Aranha, pela oportunidade que me deu de participar como ouvinte na disciplina cidade e modernidade que foi ministrada no segundo semestre de 2008 – no PPGH-UFCG – que contribuiu com leituras por demais importantes para o embasamento teórico do meu projeto de pesquisa. E pelas novas leituras que me possibilitou incorporar quando ministrou História Social e História Cultural uma das disciplinas básicas do programa de mestrado. Antonio Clarindo Barbosa pela contribuição que a sua disciplina Cotidiano, Cultura e Lazer na Cidade trouxe para a minha pesquisa.

Não poderia esquecer de agradecer a coordenadora do PPGH-UFCG, professora Juciene Apolinário, pela competência, dedicação e sobretudo pelo amor com que vem

administrando o nosso programa de pós-graduação. Saiba que admiro de mais a “teimosia” típica das mulheres, quando almejam um determinado objetivo. Ao secretário Arnaldo sempre pronto para nos atender, e sua auxiliar Maressa um amor de pessoa. Seria uma grande injustiça esquecer de agradecer a Edjane responsável pela alimentação de muitos professores e alunos do PPGH. Conhecedora da nossa origem sertaneja sempre que podia presenteava a mim e ao professor Gervácio com uma saborosa carne de bode. Eu sempre costumo dizer, que o restaurante de Edjane representava um prolongamento das aulas, visto que muitas discussões que ficavam em aberto tinham continuidade em suas mesas enquanto esperávamos a comida. Agradeço também ao nosso livreiro Lamartine pelo jeito descontraído de atender seus clientes, mas, sempre pronto a trazer as mais recentes publicações. Não posso jamais esquecer a simpatia e a organização de Genilda, proprietária de uma das copiadoras existentes na UFCG.

Registro a mais sincera gratidão aos colegas do mestrado: Alexandre Castro de Farias, Amanda Peixoto de Carvalho, Carlos Alberto Alves de Souza, Danilo Linard Teodoseo, Deuzimar Matias de Oliveira, Elane Cristina do Amaral, Elton John da Silva Farias, Fátima de Paula Albuquerque, Luiz Francisco da Silva Júnior, Marco Aurélio Nepomuceno, Marcos Felipe Vicente, Michele Wadja da Silva Farias, Mírela Cândido Burity de Oliveira, Ossian Soares Landim, Rivaldo Amador de Sousa, Silvana Torquato Fernandes, Thaisy Lanny de Albuquerque, Wlisses Estrela de A. Abreu, Leonardo Bruno Farias e José Elson Carvalho Lira; pelo prazer de tê-los como amigos e pelo conhecimento que juntos podemos construir. Destaco ainda meus sinceros agradecimentos aos amigos Faustino Teatino, e Joachim Melo pela contribuição que deram ao meu projeto de pesquisa.

A minha gratidão também se estende a diretora do Museu Ernani Sátiro na cidade de Patos, a senhora Socorro e a bibliotecária Gorete pela boa vontade com que sempre me receberam naquela edildade, meu muito obrigado. Aos funcionários do IHGP – Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – da Cúria Diocesana da Paraíba, enfim meu muito obrigado a todos que contribuíram de forma direta ou indireta com a presente pesquisa. Incluindo nessa extensa lista, todos os colegas com quem tive oportunidade de discutir meu trabalho, nos diversos seminários que participei nesses últimos anos. Entre esses, destaco o Professor Gisafran Jucá, com quem tive o prazer de participar num simpósio temático no X Seminário Nacional de História Oral, que aconteceu no Recife.

Finalmente, mas com muito respeito, agradeço a todos os meus familiares e amigos pelo apoio e confiança que sempre depositam em mim. A minha gratidão vai em especial aos

meus pais, a minha esposa Josivânia e ao meu filho Diego, pela força indispensável que sempre me deram.

## RESUMO

A presente dissertação tem como temática mais geral discutir a questão da modernidade nas cidades, tendo como objeto de estudo a cidade de Patos, localizada no Sertão paraibano, no recorte temporal que vai de 1934 a 1958. Assim sendo, na impossibilidade de estudar a chegada do moderno numa cidade do interior paraibano, que no recorte temporal por nós estudado sua população girou entre 7 e 13 (sete e treze) mil habitantes, usando como parâmetro as características presentes nas grandes metrópoles européias e/ou brasileiras, a exemplo de: Paris, Londres e Rio de Janeiro. Resta-nos recuperar a instalação dos equipamentos modernos, e procurar perceber as transformações ocorridas a partir de então, transformações essas que adentram o campo do visível e do sensível. Nessa perspectiva, buscamos perceber como a modernização nos transportes, nas comunicações e nos lazeres, mudou a cartografia urbana de Patos, e por sua vez, fundou novas sociabilidades, e assim, contribuiu no aparecimento de sensibilidades ligadas ao imaginário de vida moderna, que tinha como principal centro as metrópoles civilizadas, no Brasil e no mundo. Enfim, na busca por respostas para as nossas perguntas sobre o moderno na cidade de Patos, nos servimos de diferentes fontes historiográficas, entre elas: livros de memória, relatos orais de memória, romances, jornais e fotografias. No diálogo com essa diversidade de fontes o método indiciário foi muito importante para nossa pesquisa.

Palavras – Chave: Cidade – modernização – imaginário moderno

## ABSTRACT

This dissertation has as main thematic the question of the modernity in the city, and its research object is the town of Patos, situated in the remote interior of Paraíba state, in Brazil, between 1934 and 1958. In such case, on the impossibility of studying the rising of the modern in a small town of that state, that in the era we study its population was more or less between seven and thirteen thousand people, if we have as standard the current characteristics of the big European or Brazilian metropolis, for instance: Paris, London and Rio de Janeiro. Remain to us recover the modern equipments of the period and try to perceive the modifications realized from that point on because they get in the inner of the visible and the sensible. On this perspective, we try to understand how the modernization on the transports, communications and leisure changed the urban cartography of Patos and, by its way, constructed new sociabilities, and then contributed on the rise of sensibilities connected to the imaginary of modern life that had as main centre the civilized metropolis, in Brazil and in the world. Finally, in the seek for answers about the modern in the town of Patos we used various historiographical sources, among them: memory books, oral reports of memories, romances, newspapers and pictures. In the dialogue with this diversity of sources the evidentiary paradigm of Carlo Ginzburg was very important in our research.

Keywords: City; Modernization; Modern Imaginary.

## Lista de imagens

Ilustração número 01 – Prédio da Prefeitura Municipal de Patos.....	43
Ilustração número 02 – Chevrolet 1946, pertencente a Chico Nêne.....	45
Ilustração número 03 – Estação ferroviária de Campina Grande.....	55
Ilustração número 04 – Trem inaugural na cidade de Sousa .....	56
Ilustração número 05 – Inauguração do trecho ferroviário Pombal – Patos.....	59
Ilustração número 06 – Inauguração do posto de higiene em Patos.....	61
Ilustração número 07 – Distribuição de leite no posto de higiene de Patos .....	62
Ilustração número 08 – O cassaco Jaime .....	76
Ilustração número 09 – O cassaco Jaime.....	77
Ilustração número 10 – Projetor de som da difusora A Voz das Espinharas.....	94
Ilustração número 11 – Cantoras Ione de Souza e Maria do Carmo no programa Miscelânea Sonora.....	96
Ilustração número 12 – Rádio pertencente ao coronel Miguel Sátyro.....	102
Ilustração número 13 – Festa em Patos, no ano de 1922.....	118
Ilustração número 14 – Prédio da antiga igreja de Nossa Senhora da Guia.....	120
Ilustração número 15 – Primeiro prédio onde funcionou o Cine Eldorado.....	144
Ilustração número 16 – Segundo prédio onde funcionou o Cine Eldorado.....	148

## Sumário

Introdução.....	16
Capítulo I	
DOS TRANSPORTES	
1.1 Do tropeiro ao trem de ferro.....	32
1.2 Imagens do trem inaugural no Sertão Paraibano.....	46
1.3 As ferrovias como canais de novas sociabilidades e ofertas de trabalho	
1.3.1 A estação ferroviária de Patos e as sensibilidades do moderno.....	63
1.3.2 A construção da ferrovia Campina Grande Patos: o cotidiano dos cassacos.....	71
Capítulo II	
DAS COMUNICAÇÕES	
2.1 Dos Correios, do telégrafo e da imprensa escrita.....	80
2.2 Patos nas ondas do rádio	
2.2.1 A difusora A Voz das Espinharas: Patos em sintonia com o moderno.....	93
2.2.2 Nos idos dos anos 1950: a Rádio Espinharas de Patos e as sensibilidades da vida moderna .....	100
Capítulo III	
DOS LAZERES	
3.1 A Festa de Nossa Senhora da Guia: a suspensão temporária do cotidiano da cidade	
3.1.1 Nos idos dos anos de 1940: a inauguração do novo templo católico.....	115
3.1.2 Os anos de 1950: novas sociabilidades na tradicional festa religiosa.....	123
3.3 Do cinematographo itinerante ao cinema permanente: o Eldorado e o imaginário moderno em Patos.....	135
4. Considerações finais .....	152
5. Referências bibliográficas.....	156

## **Introdução: imaginário moderno, cidade e fontes historiográficas**

A cidade é feita de sonhos e desejos. Sonhos e desejos que um dia, se tornarão recordações, se incorporarão aos inúmeros labirintos da memória, revelarão as faces escuras do passado ou deixarão que elas permaneçam desconhecidas para sempre. Mas sonhos e desejos que se reinventam e se transformam. Assim é a cidade, a grande moradia dos homens (REZENDE, 1997, p.19)

A presente dissertação tem como principal preocupação estudar a presença do moderno na cidade de Patos, no Sertão paraibano, no recorte temporal que se estende de 1934, quando se dá a instalação do cine Eldorado, a 1958, ano da inauguração do trecho ferroviário ligando Patos a Campina Grande, admitindo-se o recuo até uns anos antes e o prolongamento até alguns depois desse recorte de pouco mais de duas décadas.

Entendemos que a primeira dificuldade que se apresenta a quem resolve se debruçar na investigação da temática ligada ao moderno, diz respeito a sua natureza ambígua e mutável. “Ele é transitório por natureza; é aquilo que existe no presente. O moderno do ano passado seguramente não é o moderno deste ano” (VELLOSO, 2010, p.11). Todavia, cabe ressaltar que a oposição entre moderno e antigo ocorre há muito tempo, visto que “no baixo latim, o moderno tinha o sentido de ‘recente’ e o antigo de ‘passado’, e vai prolongar-se na Idade Média. O moderno era usado para designar o que não era antigo, ou seja, o ‘presente novo’. Essa idéia vai se firmar no século XVI com a periodização da história” (MARIANO, 2010, p.24). Portanto, o uso sistemático do termo moderno, se corporifica na cultura do Renascimento, no século XVI, quando ali se estabelece um debate entre as forças identificadas com o moderno e o antigo. Nessa perspectiva, Velloso (2010) destaca que do século XVI até os anos finais do século XVIII, a idéia de moderno é polêmica, sendo possível perceber uma constante tensão entre valores antigos (Greco-romano) e novos. A literatura da época traduz bem essa tensão. Autores, a exemplo de Jonathan Swift (que escreveu as viagens de Gulliver) utilizaram metáforas bastante curiosas para expressar a tensão entre moderno e

antigo. O autor das viagens de Gulliver comparou o moderno ao trabalho realizado pela aranha, e o antigo ao trabalho da abelha. Dando mostra do seu ceticismo quanto ao moderno, que relacionado-o com o trabalho da aranha, “observava que, na sua espantosa rapidez ela conseguiria articular teias gigantescas porém muito frágeis” (VELLOSO, 2010, p.13), por outro lado ao relacionar o antigo com o trabalho da abelha, “Jonathan Swift acreditava que os escritores antigos, aqueles que haviam produzido conhecimentos há dois mil anos, eram como as abelhas. Portadores de verdadeiros tesouros, fruto de um trabalho incansável e de natureza coletiva, eles alimentavam a humanidade na sua imensa sede de saber” (Idem)

As narrativas acima citadas expressam claramente o confronto entre moderno e antigo, e demonstram simpatia pelo antigo, comparando-o a algo mais duradouro, e que alimenta a humanidade. No entanto, “ao longo do século XVIII, começava a ser compartilhado o sentimento de viver em um tempo revolucionário, marcado por grandes transformações, que afetaram a vida política, social e pessoal (VELLOSO, 2010, p. 14), essas transformações foram frontalmente influenciadas pelas idéias Iluministas que ascenderam naquele século, e segundo Habermas, é nesse período que o projeto da modernidade entra foco, o referido projeto representou um extraordinário esforço intelectual no sentido de desenvolver “a ciência objetiva, a moralidade e a lei universais e a arte autônoma nos termos da própria lógica interna destas. A idéia era usar o acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente em busca da emancipação humana” (HARVEY, 1992, p.23). Assim sendo, o século XVIII pode ser visto como o século das luzes e da razão, mas também, a justo título pode ser entendido como o século da utopia. Visto que, não foi pequena a quantidade de autores desse período que expressaram pensamentos utópicos em suas obras literárias.

As utopias do Iluminismo assim como as de outros períodos da história, podem ser divididas em dois tipos: por um lado, aquelas em que o distanciamento em relação ao mundo é dado no espaço, por meio da criação de um lugar apropriado a imaginação do escritor, no qual ele pode fazer o mundo de acordo com seus anseios; e, por outro lado, aquelas em que o distanciamento é marcado pelo tempo, quando o autor idealiza uma época diferente da sua, na qual as coisas eram, ou serão, muito melhores do que então. *A Utopia* de Thomas Morus é um exemplo clássico do primeiro tipo, já que sua ilha fictícia existe em um local separado da civilização européia, embora seja contemporânea dela. Quanto ao segundo tipo, um bom exemplar pode ser encontrado na visão futurista elaborada por Gene Roddenberry nas histórias da série *Jornadas nas*

*Estrelas*, em que as nações da Terra convivem em paz enquanto suas naves espaciais exploram o universo, audaciosamente indo onde nenhum homem jamais esteve<sup>1</sup>

A crença iluminista de que a sociedade caminhava para um período em que as artes e a ciência iriam promover não só o domínio das forças da natureza, mas contribuir para o progresso da moral, da justiça e até mesmo da felicidade humana, foi fortemente golpeada, pois, “o século XX com seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais, sua ameaça de aniquilação nuclear e sua experiência de Hiroshima e Nagasaki deitou por terra esse otimismo” (HARVEY, 1992, p.23), e levou alguns estudiosos a acreditar no fim do projeto da modernidade, o que significaria o início de um novo período denominado de pós-modernismo. “Quanto ao sentido do termo, talvez só haja concordância em afirmar que o ‘pós-modernismo’ representa alguma espécie de reação ao ‘modernismo’ ou de afastamento dele. Como o sentido de modernismo também é muito confuso, a reação ou afastamento conhecido como pós-modernismo o é duplamente” (HARVEY, 1992, p.19).

Todavia, tentando entender como a modernidade foi vista por estudiosos no século XIX, buscamos no pensamento do poeta Charles Baudelaire, que viveu na Paris do século XIX, e tornou-se observador das transformações urbanas que a referida metrópole vivenciou. Baudelaire passava o dia observando o que acontecia na Paris dos anos de 1850, e a noite no silêncio do seu quarto anotava as impressões que tivera da cidade. Sendo assim, escreve Baudelaire:

É impossível não ficar emocionado com o espetáculo dessa multidão doentia, que traga a poeira das fábricas, inspira partículas de algodão, que se deixa penetrar pelo alvaiade, pelo mercúrio e todos os venenos usados na fabricação de obras-primas... Essa multidão se consome pelas maravilhas, as quais não obstante, a Terra lhe deve. Sente borbulhar em suas veias um sangue púrpura e lança um olhar demorado e carregado de tristeza à luz do Sol e às sombras dos grandes parques. Essa população é o pano de fundo do qual se destaca o perfil do herói. A imagem que assim se apresenta foi rotulada por Baudelaire à sua maneira: abaixo dela escreveu ‘A modernidade. (APUD BENJAMIM, 1989, p. 73).

Não é difícil perceber na citação acima, o pessimismo do poeta lírico Baudelaire com o modo de vida na cidade grande e moderna do século XIX, porém, outros estudiosos também

---

<sup>1</sup> MOSCATELI, Renato. Tempo e espaço projetados. In: *Revista Leituras da História*, ano I, número 04, p. 20

expressaram seu ponto de vista sobre a modernidade. Entre eles podemos citar: Edmund Burke que criticou os excessos da Revolução Francesa, Malthus, que não aceitava o otimismo de Condorcet e mostrou a incapacidade de se escapar da escassez natural e da necessidade, e, Sade que revelou uma liberdade humana bem distinta da concebida pelos iluministas. Todavia, no início do século XX, dois grandes críticos com pensamentos bem diferentes entraram no debate. “Se a ‘sóbria advertência’ de Weber soa como o epitáfio da razão iluminista, o ataque anterior de Nietzsche às suas próprias premissas deve por certo ser considerado a sua nêmesse” (HARVEY, 1992, p.25). Para esse pensador, “todo o conjunto de imagens iluministas sobre a civilização, a razão, os direitos universais e a moralidade de nada valia” (Idem).

Em meio a essas críticas, há quem continue a apoiar o projeto da modernidade, se bem com uma certa dose de ceticismo, é o caso de Habermas, que defende o diálogo com Hegel - primeiro pensador a desenvolver o conceito de modernidade - na busca por uma compreensão da relação interna existente entre modernidade e racionalidade. “Ele teme que, por detrás dessa crítica à modernidade, exista a negação, gratuita da herança da ilustração” (REZENDE, 1997, p.111). Enfim, Habermas vê a modernidade como um projeto inacabado.

Nessa perspectiva, procuramos nesse trabalho estudar a temática da modernização e sua ligação intrínseca com a modernidade, tendo como campo de estudo a cidade de Patos, no Sertão da Paraíba, assim:

Ao se tornar sinônimo de ‘novo’, o conceito de ‘moderno’ assume uma dimensão certamente essencial para a nossa compreensão de ‘modernidade’, mas, ao mesmo tempo, uma dinâmica interna que ameaça implodir a sua relação com o tempo. Com efeito, o novo está, por definição, destinado a se transformar no seu contrário, no não-novo, no obsoleto, e o moderno, conseqüentemente, designa um espaço de atualidade cada vez mais restrito. Em outras palavras, o moderno fica rapidamente antigo, a linha de demarcação entre os dois conceitos, outrora tão clara, está cada vez mais fluida. Ao se definir pela novidade, a modernidade adquire uma característica que, ao mesmo tempo, a constitui e a destrói (GAGNEBIN, 1997, p.143).

Buscamos entender o processo de modernização da cidade de Patos, compreendido, como um conjunto de amplas e complexas mudanças ocorridas nos diversos setores onde os sujeitos sociais atuam. Implicando em ‘mudanças na economia’, avanços tecnológicos,

predomínio da ciência e da razão prática, burocratização, organização racional do trabalho, ordem e progresso<sup>2</sup>. E sua influência na cartografia urbana (da cidade em questão), nos idos de 1930 a 1950. Como também perceber as novas formas de pensar e agir que são incorporadas ao cotidiano dos seus habitantes.

Assim sendo, convém ressaltar, a cidade (de Patos) passou por mudanças significativas nas primeiras décadas do século XX: convivência com o automóvel nos anos finais da década de 1910; instalação da energia elétrica nos anos iniciais da década de 1920; conclusão da estrada central, ligando Patos a Campina Grande na década de 1930, dando um novo impulso ao transporte motorizado; instalação do cine *Eldorado*, inaugurado em 1934, incorporado como forte símbolo do moderno naquela localidade. Contudo, procuramos perceber nas fontes, rastros das transformações ocorridas na cidade de Patos, e relacionar o impacto que tais transformações exerceram na cartografia urbana, assim como também na construção de novas sensibilidades, vistas neste trabalho como: uma nova visão de mundo, novas atitudes, novos valores, enfim um conjunto de comportamentos que passaram a conviver com os valores ditos tradicionais. Porém, é importante ressaltar que os valores tradicionais não foram superados de uma hora para a outra, ao contrário conviveram, hibridaram-se<sup>3</sup>, chocaram-se, com os valores modernos. Buscamos nas fontes, principalmente nos testemunhos e/ou rastros, as “tentativas feitas por mulheres e homens modernos no sentido de se tornarem não apenas objetos mas também sujeitos da modernização, de apreenderem o mundo moderno e de se sentirem em casa nele”(BERMAN, 2007, p.11).

O processo de modernização foi marcado pelo autoritarismo e pela anti-democracia. Nessa perspectiva, as reformas urbanas brasileiras, que tiveram como modelo as reformas das capitais européias, a exemplo da *Paris Haussmaniana*<sup>4</sup> (1873 -1880) em termos gerais reforçaram as posições centralizadoras do Estado, representando quase sempre os interesses

---

<sup>2</sup> CHAGAS, Waldeci Ferreira. *As singularidades da modernização na cidade de Parahyba, nas décadas de 1910 a 1930*. Tese de doutorado, Recife: UFPE, 2004, P.10-11

<sup>3</sup> Sobre esse assunto ver: CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa e Gênese Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

<sup>4</sup> Intervenções urbanas realizadas durante a gestão do Barão de Haussmann na Prefeitura de Paris. Transformaram a cidade – que já era centro mundial de cultura e civilização – no modelo acabado da metrópole do século XIX. Modelo esse que viajou no tempo e no espaço e participou das representações sociais construídas sobre a cidade moderna na América Latina (PESAVENTO, 1999, p.89-90).

de grupos da elite, cuja ordem era civilizar<sup>5</sup>. Além das reformas arquitetônicas, também se “fazia necessário civilizar os hábitos”: “Foram criados mecanismos de controle do corpo, pois a utopia era fazer uma cidade imune a desordem, na qual fossem possíveis a visibilidade e a vigilância” (BURITI, 2004, p.29). Os códigos de posturas foram exemplos práticos desses mecanismos.

Os hábitos de civilidade também se fizeram presentes em códigos sociais (não escritos), isto é, a maneira de se vestir, de andar, de falar, entre outras práticas correntes, definiam territórios<sup>6</sup> socialmente visitados. Enfim, com a instalação dos equipamentos modernos, os hábitos de civilidade, que tinham como referência hábitos europeus, entravam no Brasil através do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, principais vitrines do moderno no país, e assim passavam a fazer parte do dia a dia dos habitantes desta ou daquela cidade. Pois,

Não é preciso estar nos Estados Unidos para sentir e viver o ‘American way of life’, do mesmo modo como não é preciso estar no Rio de Janeiro ou em São Paulo para se imbuir neste ‘Rio – São Paulo’ ‘artístico’ de que falava Machado, e ser parte dele, uma vez que ele é um fato gerado e difundido pelas novas formas de comunicação social e não uma mera realidade territorial (SEVECENKO, 1998, p.567)

Assim sendo, guardadas as devidas proporções de tempo e lugar, na cidade de Patos em plena década de 1930, vestir a melhor roupa para ir ao cine *Eldorado*, a Festa de Nossa Senhora da Guia e/ou as retretas, eram hábitos tidos como civilizados.

Nessa perspectiva, buscamos o diálogo com o campo temático dos estudos culturais inerentes às cidades, que somente na década de 1980 ganharam visibilidade precisa como linha de pesquisa em programas de pós-graduação nas universidades brasileiras. A título de exemplo, a professora Maria Stella Bresciani, uma das responsáveis pela criação da linha de *Cultura e Cidades* na Unicamp. Essa historiadora “escolheu iniciar o percurso bibliográfico pela questão das condições de vida da população pobre das grandes cidades, a presença das multidões permanentes nas ruas e lugares públicos, indo e vindo do trabalho, mas também,

---

<sup>5</sup> Sobre esse assunto ver: REZENDE, Antonio Paulo. *(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997. CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.*

<sup>6</sup> Sobre o conceito de território ver: ROLNIK, Raquel. *A Cidade e a Lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: FAPESP, 1997*

em certos momentos reivindicando o direito a expressão política” (BRESCIANI, 1998, p.243).

Nos anos de 1990 com a emergência da nova história cultural, surgiram novas abordagens relacionadas ao fenômeno urbano. “O que cabe destacar no viés de análise introduzido pela história cultural é que a cidade não é mais considerada só como um lócus privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais” (PESAVENTO, 2007, p.13)

As cidades são vistas antes de tudo como uma experiência visual, porém, as cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, correspondem outras tantas cidades imaginárias. Pois, “a rigor, todo historiador sabe que as marcas de historicidade deixadas no tempo se revelarão diante de si como fontes, a partir da pergunta que ele fará ao passado, questão essa iluminada pelos conceitos que presidem nossa posição diante do real” (PESAVENTO, 2007, p.16). Assim, os historiadores elaboram o passado sempre a partir de questões do presente. Sendo oportuno ressaltar que nem por isso perdem a sua relação com o real acontecido.

Com relação à historiografia paraibana, percebemos que há muito tempo a temática referente às cidades vem sendo preocupação de historiadores, tendo em vista que autores a exemplo de: Irineo Joffilly que em 1908, em *Notas sobre a Parahyba* analisou a importância histórico-social das cidades, tendo como centro de seu estudo as feiras. Nessa mesma tradição Celso Mariz publicou dois trabalhos: *Através do Sertão*, em 1910 e *Cidades e Homens*, em 1945. Nas duas obras o autor segue uma abordagem evolucionista, na primeira busca resgatar a história dos municípios sertanejos numa trajetória historiográfica que parte da ocupação territorial e chega à vida diária das pessoas. A segunda (*Cidades e Homens*) surgiu a partir de uma série de conferências que o autor realizou entre 1939 e 1945 abordando questões relacionadas às cidades de Patos, Campina Grande, Bananeiras e Areia. Em Patos a conferência foi realizada no dia 24 de setembro de 1943, no cine Eldorado, quando ainda funcionava no prédio localizado na Rua Grande, atual Solon de Lucena. A temática central da referida conferência, foi o crescimento da cidade. Nessa perspectiva, o autor recuperou imagens memoriais inerentes a Patos no início do século XX, quando ali viveu sua infância, e passou a compará-las com aspectos ligados ao que a cidade vivia no momento da conferência, descrita num texto que tem como título: *Patos antigo e moderno*.

Contudo, além de Mariz e Jofilly, outros nomes também se dedicaram a escrever a história das cidades paraibanas. Nessa perspectiva, Serioja Mariano (2010) faz uma breve incursão pelas principais obras que tratam do assunto. Assim sendo, a cidade de Cajazeiras é vista por Antonio J. Souza, em seu livro *Cajazeiras: nas crônicas de um Mestre-Escola* (1981), através dos seguintes personagens: padre Rolim, Cristiano Cartaxo e Antonio de Souza. O autor expressa claramente sua tendência em exaltar os referidos personagens, sendo possível perceber uma ênfase maior na exaltação do padre Rolim, considerado o principal fundador da urbe, que teve seus alicerces a partir de um estabelecimento de ensino. Seguindo uma linha evolucionista o autor aborda a história de Cajazeiras da origem até a invasão do modernismo.

Nessa mesma linha, a cidade de Sousa, no Sertão paraibano, também recebeu seu livro, desta feita, a obra ficou sob a responsabilidade de Julieta P. Gadelha que em 1986, publicou o livro intitulado *Antes que Ninguém Conte*. A autora destaca aspectos tradicionais da urbe, dando ênfase à história da igreja, e descrevendo de forma detalhada as festas tradicionais. Enfatiza também as transformações ocorridas após a chegada de alguns equipamentos modernos, a exemplo do cinema, do automóvel e do futebol. Contudo, em 1962, ano do seu centenário, a cidade de Pombal foi “homenageada” por Wilson Seixas, com o livro intitulado *O Velho Arraial de Piranhas*. E assim como as demais obras citadas, o autor aborda a história de Pombal, seguindo uma linha evolucionista, numa grande síntese que vai desde a sua fundação no século XVII, até o começo do século XX.

Enfim, cabe destacar também alguns trabalhos historiográficos na década de 1970, a exemplo da dissertação de mestrado defendida na UFRJ, por Francisco José de C. Alves, intitulada *Fatores do Crescimento das Cidades do Sertão Paraibano* (1978), na qual o autor trata o econômico como principal motor de crescimento das cidades (MARIANO, 2010, pp. 30-31).

Portanto, as obras acima analisadas, em sua maioria, são produções que seguem uma perspectiva ligada ao IHGP – Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – instalado em 12 de outubro de 1905, falam de um lugar social empenhado em construir um passado heróico para a Paraíba. São histórias urbanas que privilegiam os aspectos quantitativos e/ou evolutivos das urbes, “sem qualquer outro compromisso teórico maior, empenhadas na descrição do crescimento de uma cidade, retrazando sua evolução desde o passado até o presente, arrolando nomes e fatos, retrazando sua transformação urbanística dando a ver as mudanças sofridas

pela urbe” (PESAVENTO, 2007, p.12). Todavia, essas produções são utilizadas pelos historiadores atuais, “à cata de algum dado especial, que complemente sua pesquisa nos arquivos” (idem).

Na década de 1990, os estudos sobre as cidades paraibanas foram ganhando novas abordagens, a exemplo do trabalho de dissertação intitulado *Signos em Confronto? O Arcaico e o moderno na Cidade de Princesa (PB) na Década de 1920*, defendido na UFPE, pela pesquisadora Serioja Mariano, no final da referida década, aborda a modernidade numa cidade do Sertão da Paraíba, tendo como parâmetros a chegada de alguns ícones do moderno: o cinema, o automóvel, a imprensa entre outros, que fundam novas sociabilidades na urbe em questão. Enfim, procura entender como os cidadãos de Princesa do início do século XX se representavam.

Nessa mesma perspectiva, outros professores paraibanos defenderam tese de doutorado na linha de pesquisa de Cultura e cidade na Unicamp. Citamos o exemplo do professor Gervácio Batista Aranha, que em 2001 defendeu o trabalho intitulado *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: Tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)*. Buscando recuperar os jogos do político que marcaram as concessões de trechos ferroviários na Paraíba e região, desenvolveu uma pesquisa rigorosa nos anais do congresso nacional, e na imprensa da época, rastreou os discursos parlamentares inerentes a questão e assim trouxe para o centro do debate uma série de práticas escusas, quando o assunto era a concessão de trechos ferroviários. Na segunda problemática o autor aborda o impacto causado pelos equipamentos modernos: trem de ferro, telégrafo, cinema e imprensa escrita na vida cotidiana nortista.

O professor Fábio Gutemberg Ramos B. Sousa, foi outro que defendeu tese na linha de pesquisa de Cultura e cidade na Unicamp, em seu trabalho intitulado *Territórios de Confrontos: Campina Grande 1920-1945*, busca compreender as tensões e as diferentes formas dos moradores de Campina (nas décadas de 1920-1940) viver. Adentra o mundo dos jornaleiros, operários, artistas, comerciantes, prostitutas, industriais e agricultores, e dessa forma vai revelando como esses personagens viviam, moravam, amavam, se divertiam e trabalhavam; enfim, busca compreender como esses atores sociais usavam os espaços e territórios da cidade no momento em que sua área central passava por um processo de reforma urbana (SOUSA, 2006, p.12).

A cidade de Campina Grande é vista também pelo professor Antonio Clarindo Barbosa de Souza, que em seu trabalho *Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)*, defendido na UFPE, no ano de 2002, busca recuperar os momentos de lazers dos campinenses, principalmente das pessoas pobres, num momento em que a cidade passava por reformas urbanas, e assim compreender as sensibilidades daquela a época.

No ano de 2006, através da resolução 09/2006, a UFCG – Universidade Federal de Campina Grande – PB recebeu o Curso de Pós-Graduação em História Stricto Sensu em nível de Mestrado, tendo como única área de concentração - História, Cultura e Sociedade, composto por duas linhas de pesquisa a Linha 1 - Cultura e Cidade e Linha 2 - Cultura, Poder e Identidades<sup>7</sup>. A partir de então o referido programa passou a produzir trabalhos acadêmicos dentro de sua área de concentração. A linha de pesquisa Cultura e Cidade vêm desenvolvendo um rigoroso trabalho sobre a história urbana, nessa perspectiva várias cidades do Estado da Paraíba e de outros estados, a exemplo do Rio Grande do Norte, já foram objeto de olhares de pesquisadores ligados ao referido programa. Entre elas Campina Grande, que foi objeto de estudo do pesquisador Lincon César Medeiros de Souza, em seu trabalho de dissertação defendido em 2009, intitulado *Cinematographo: a imagem da modernidade e das práticas socioculturais na cidade de Campina Grande (1900-1940)*, nele o autor busca compreender a sociedade campinense das quatro primeiras décadas do século XX, a partir do contato com o cinematographo.

Foi também em 2009 que a pesquisadora Helmara Giccelli Formiga Wanderley, ligada ao PPGH-UFCG, defendeu dissertação sobre a cidade de Pombal, no Sertão paraibano. O trabalho que tem como título *Cotidiano, Cultura e Lazer em Pombal: contradições do progresso (1927 -1959)*, busca entender as transformação do moderno na referida cidade, isto é, procura revelar as novas sensibilidades construídas em Pombal a partir da instalação de alguns equipamentos modernos.

Entretanto, percebemos a carência de estudos ligados a perspectiva historiográfica da nova história cultural, referentes ao Sertão paraibano. Sendo assim, nos propomos a

---

<sup>7</sup> <http://www.ufcg.edu.br/~historia/ppgh/>

desenvolver o presente trabalho, que busca estudar a modernização, e, por conseguinte, as novas sensibilidades que vão surgindo na cidade de Patos a partir de então.

A nossa pergunta é: o que mudou na cartografia urbana, e na vida das pessoas, com a emergência dos ícones da vida moderna em Patos? Por exemplo, mudanças em termos de atitudes, valores, visões de mundo, ritmos... enfim, “como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade se traduz em sensações e emoções, quase imediatas dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psiquiátricos, uma vez em contato com a realidade” (PESAVENTO, 2007, p.10). Dessa forma, a nossa reflexão sobre as singularidades do cotidiano da cidade de Patos, mergulha tanto nos espaços visíveis, quanto nos seus espaços sensíveis, vale dizer espaços gravados no imaginário social da época.

A nossa viagem em busca da modernização e das sensibilidades do moderno na cidade de Patos, apóia-se em fontes variadas. Entre elas as memórias, que seja através da escrita, os livros de memórias, e/ou através da oralidade, a chamada história oral. Todavia, além das memórias dialogamos também com a literatura, que é sem dúvida uma fonte muito rica para estudar o imaginário de uma época; com jornais, revistas, fotografias e documentos oficiais existentes nos arquivos públicos e/ou privados.

O nosso trabalho com memória<sup>8</sup> tem como principal objetivo recuperar as representações<sup>9</sup> expressas nos testemunhos: escritos e orais, de pessoas que viveram as transformações provocadas pelo moderno na cidade de Patos.

---

<sup>8</sup> Devo deixar claro que apesar de reconhecer a existência de características comuns entre a memória e a história, defendemos a especificidade de ambas, sobre a narração do passado. Segundo Fernando Catroga, 2001 p.44 parece excessivo defender tanto a existência de uma diferença radical, como uma semelhança entre a memória e a história. Mais avisadamente Paul Ricoeur fala numa relação ‘indécise’. De fato, facilmente se aceita que ambas constituem modalidades essenciais de afirmação da consciência histórica e que as suas narrações não são uma mimese do espaço e do tempo reais, porque referenciam ‘objetos ausentes e presumem a sua onticidade. Deste modo, a *imaginação memorial* e a *imaginação histórica* não podem ser confundidas com a *imaginação artística*: para esta, a referencialidade e a verificação não constituem condições essenciais para a ordenação do seu discurso; e é-lhe indiferente o problema da comprovação da verdade e o da verossimilhança, porque a sua especificidade consiste, sobretudo, em produzir efeitos estéticos. Por sua vez a recordação e a historiografia constroem *representações* que interrogam os indícios e os traços que ficaram do passado.(RICOEUR, 2007)

<sup>9</sup> A noção de representação que adoto, sempre que o termo for utilizado no decorrer deste trabalho, é fundamentada na discussão empreendida por Roger Chartier, em seu livro que tem como título *A história cultural: entre práticas e representações* (1990). Segundo ele, mais do que o conceito de mentalidade a representação permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos, seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas objetivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 1990, p.23). Dessa forma, assim como defende Chartier, “*as percepções*

Nessa perspectiva, “não se trata de tentar alcançar uma lembrança exata de um passado como se fosse uma substância imutável, mas de estar atento a ressonâncias que se produzem entre passado e presente, entre presente e passado, aquilo que Benjamim chama de ‘experiência’ com o passado” (GAGNEBIN, 2009, p.66), assim sendo, segundo Ecléa Bosi, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas, refazer, reconstruir com imagens e idéias de hoje as experiências do passado” (BOSI, 1994, p.55). Devendo ressaltar que, nem por isso o discurso de memória perde a ligação com o real acontecido, tendo em vista que apesar da distância que separa narrador e objeto narrado, trata-se de depoimentos de sujeitos que viveram aquela temporalidade que tentam descrever, e por isso mesmo não conseguindo trazer totalmente o real acontecido, assim como defendia os adeptos da *Escola Metódica*<sup>10</sup>, seu discurso não pode deixar de ser influenciado pela sua experiência de vida.

Dessa forma os relatos de memória podem até comportar características ficcionais, porém o universo do social e a sensibilidade de uma época se revelam diante do leitor de maneira verossímil, convincente. Portanto,

Para a recuperação de uma cidade, há que ter em conta, ainda, essas narrativas de fronteiras entre o documental e a ficção, que são as crônicas de jornal que falam do urbano, ou os discursos de memória que recompõem no tempo presente reminiscências e experiências passadas, contando as cidades do passado que as cidades de hoje encerraram. (PESAVENTO, 2007, p.19).

Assim sendo, seria impossível mergulhar nos valores, nas maneiras de pensar e proceder de uma época, sem considerar seus cronistas. Nesse contexto, afirmar que a

---

*do social, não são de forma alguma discursos neutros*” (CHARTIER, 1990, p.17), porém, é possível elaborar uma narrativa verossímil do passado.

<sup>10</sup>A escola metódica tenta impor uma forma de pesquisa, que afaste qualquer especulação científica, visando a objetividade absoluta na história, nos moldes das ciências da natureza. Pois despreza a subjetividade do historiador, louva o apagamento do mesmo por detrás dos textos, e dessa forma, na sua postura ingênua, acredita que, uma vez o historiador, portando de fontes seguras, tem acesso direto a realidade. Para os positivistas a consciência é epifenomênica e inteiramente relativa às condições objetivas. E, por isso, acreditavam na possibilidade de uma ciência social nos moldes das ciências naturais. Para eles o mundo humano está tão submetido as leis, é tão determinado e, em consequência, tão cognoscível quanto o mundo da natureza. Portanto, a escola metódica, continua a dominar o ensino e a investigação em história nas universidades até aos anos de 1940; inscreve uma revolução mítica da coletividade francesa – sob forma de uma galeria de heróis e de combates exemplares – na memória de gerações de estudantes até os anos de 1960.

literatura íntegra o nosso repertório de fontes não deve causar estranheza ou polémica, visto que, especialmente pela sua riqueza de significação para mergulhar no universo cultural e nas experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo, os textos literários tornaram-se fontes de inúmeros trabalhos historiográficos. Entretanto, nem sempre foi assim, na segunda metade do século XIX, quando a história ganhou status de disciplina acadêmica, buscou alcançar o estatuto científico, dentro dos parâmetros estabelecidos pela *Escola Metódica*. Com isto, o termo *fonte* passou a ser visto como sinônimo de *documento* e expressão de *autoridade e verdade*. Nesse contexto, as fontes escritas, de preferência oficiais, ganharam status de documentos verdadeiros. Dessa forma a literatura, assim como outras fontes artísticas, não era considerada como fontes históricas (FERREIRA, 2009).

Todavia, o ingresso da literatura como fonte para o historiador, está relacionado à revolução no conceito de fonte que veio junto com a *Escola dos Anales*, na França, mas com repercussão em vários países do mundo, inclusive no Brasil. Assim sendo, Lucien Febvre, um dos precursores da *História das Mentalidades*, em sua obra sobre Rabelais (1483[?]-1553), publicada em 1942, demonstrou grande sensibilidade para com o uso da literatura como fonte. Sendo oportuno ressaltar que o trabalho com fontes literárias também se tornou preocupação de alguns historiadores ingleses, comprometidos com a renovação da historiografia marxista, que até então enfatizava os estudos das estruturas econômicas e sociais. Entre eles cabe citar Raymond Williams, que dedicou atenção especial à cultura para a compreensão das relações sociais, e encontrou nos textos literários uma das fontes mais significativas.

No Brasil, observadas as raras exceções, a exemplo de Sérgio Buarque de Holanda e Nelson Werneck Sodré, a literatura só se tornou objeto de interesse dos historiadores a partir dos anos de 1980, com as novas propostas da *História Social e Cultural*.

No entanto, mesmo consciente de que o texto literário é sinônimo de ficção ou fingimento, transportando o leitor para universos imaginários, assim como defende o escritor Maria Vargas Llosa, o historiador deve ter sempre em mente, que toda “ficção está enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem” (FERREIRA, 2009, p.66).

O trabalho com a história oral tem como desafio recuperar as representações de pessoas, que freqüentaram o *cine Eldorado*, visitaram a estação ferroviária de Patos, ouviram, ou assistiram os programas de rádio, participaram da Festa de “Nossa Senhora da Guia”, e das

retretas, enfim, percebermos nos relatos de memória, as cidades do passado que se escondem na cidade do presente. Portanto,

A pesquisa com fontes orais apóia-se em pontos de vista individuais expressos nas entrevistas; estas são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico), incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas – tradicionalmente relacionadas apenas a indivíduos – com a subjetividade, as emoções ou o cotidiano (AMADO e FERREIRA, 1998, p.12-13)

Ocorre que tudo para o historiador pode tornar-se documento, depende da pergunta que se faça. Pois, “com o testemunho inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental” (RICOEUR, 2007, p.170).

Enfim, na medida em que as imagens fotográficas são o resultado direto do esforço de sociedades históricas para imporem-se ao futuro voluntária ou involuntariamente, nos permite pensá-las como uma documentação que torna possível a realização da pesquisa. Visto que, com a revolução das últimas décadas e, com o alargamento do conceito que o termo documento passou a ter, a fotografia começou a ser tratada de forma diferenciada. “Não há história sem documentos assinalou Samaran. Todavia, há que tomar a palavra documento no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira” (APUD KOSSOY, 2001, p.31). Dessa forma, procuramos a partir de algumas imagens fotográficas, perseguir os rastros da modernização e sua implicação no imaginário moderno, isto é, relacionar à instalação dos equipamentos modernos, as novas sensibilidades construídas a partir então.

A nossa relação com as fontes é por meio do método indiciário<sup>11</sup>, em que o pesquisador assume o papel de um detetive, e a partir dos indícios encontrados em fontes diversas, procura revelar os questionamentos referentes à formulação do problema da sua pesquisa. Como trabalha com os indícios, o trabalho do historiador se compara ao do médico que procura comparar tais indícios para dessa forma chegar ao que Paul Ricoeur denomina de representação historiadora. Que se constitui não só como um “complemento do olhar da representação-objeto de história mas também como um acréscimo, na medida em que a

---

<sup>11</sup> GINZBURG, Carlo. *Mito Emblemas e Sinais*. Tradução Frederico Carotti, São Paulo: Companhia das Letras, 1989

representação-operação pode ser tida como a fase reflexiva da representação-objeto” (RICOEUR, 2007, p.277). De modo que o historiador, ao perseguir indícios, rastros e/ou testemunhos das ações humanas no passado, possa elaborar representações plausíveis sobre o outro no tempo, representações capazes de operar a religação do passado com o presente, em que este último, deixando de ser visto como presente integral, erige-se como futuro passado, e aquele deixando de ser visto como algo extinto, morto, passa a ser revivido no futuro passado.

Esta dissertação se divide em três partes, no primeiro capítulo, a discussão se constitui em torno da modernização nos transportes. Dessa forma, procuramos desenvolver uma breve incursão aos primórdios dos meios de transportes que ligavam o Sertão paraibano ao Cariri, ao Brejo e ao Litoral. Tudo começou com os tropeiros, depois veio o caminhão e chegou ao trem de ferro. Inicialmente buscamos entender a importância das tropas de burros que transitavam soberanas na caatinga sertaneja, até mais ou menos a década de 1940, quando vão sendo substituídas pelo caminhão, que rodava sozinho nas estradas de rodagens (de várias localidades) do Sertão. Isso marcou um novo espaço tempo para a cidade de Patos, que na década de 1940, já era considerada um pólo comercial do Sertão.

Nos debruçamos então nas imagens inaugurais do trem de ferro no Sertão paraibano, imagens essas que revelam verdadeiros espetáculos públicos para saudar a sua chegada. Assim sendo, o dia do trem inaugural em Patos, - assim como nas demais localidades por onde o revolucionário meio de transportes chegou - foi marcado por grandes festividades.

Passamos a recuperar o ambiente da estação ferroviária como um ponto de novas sociabilidades, e para isso adentramos a memória de personagens que visitaram a estação de Patos na década de 1950.

Concluindo o capítulo I, adentramos a memória dos cassacos que trabalharam na construção do trecho ferroviário Campina Grande – Patos, para assim desvendarmos o cotidiano desses trabalhadores braçais, quase sempre esquecidos na historiografia oficial.

No segundo capítulo, a discussão centra-se em torno da modernização dos meios comunicações, e as sensibilidades modernas na cidade. Para tanto, inicialmente procuramos recuperar indícios ligados aos *Correios*, instalado em Patos ainda no século XIX, do *telégrafo*, e da *imprensa escrita*, instalados no início do século XX. Procuramos destacar a dobradinha, Correios x tropeiros, que fez parte do cotidiano de Patos e muitas cidades sertanejas, de meados do século XIX até a década de 1940 quando o transporte com caminhões se tornou hegemônico.

A instalação do telégrafo no início do século XX, quando Patos já tinha sido elevada a condição de cidade, se constituiu em mais um canal de comunicação com outras cidades vilas ou povoados. O telégrafo imprimiu uma velocidade incrível nas notícias, pois passou a possibilitar a comunicação instantânea com pessoas de outras cidades. E tendo em vista que a cidade de Patos só recebeu o seu primeiro sistema de telefonia em 1958, era no *Posto do Telégrafo Nacional* e, após 1944 (quando chega o trem do Ceará), na estação ferroviária, que as pessoas podiam se comunicar também por telefone.

Ainda no século XX a imprensa escrita se instalou na cidade, pois de 1914 a 1917, registramos a presença de dois periódicos patoenses: *A Voz do Sertão* e o *Jornal do Sertão*, porém ambos tiveram vida efêmera. Contudo, destacamos a importância dos jornais da *Festa da Padroeira “Nossa Senhora da Guia*, como veículo privilegiado de divulgação das sensibilidades daquela época.

Focamos a discussão na tarefa de recuperar o impacto exercido pela radiodifusão, nos idos de 1940 e 1950. Todavia, achamos justo, pelo impacto que ela exerceu no setor de comunicação em Patos, dedicarmos uma parte da nossa discussão a difusora “*A Voz das Espinharas*”, que passou a fazer parte do cotidiano local em 1938. E finalizando o capítulo, a nossa discussão refere-se à *Rádio Espinharas de Patos*, fundada em 1950, sendo a primeira emissora de rádio da cidade.

No capítulo III, buscamos perceber como os patoenses se comportavam em seus momentos de lazeres. Para isso, procuramos recuperar a dinâmica (percebida como suspensão temporária do cotidiano) da *Festa de Nossa Senhora da Guia*, principal evento religioso da cidade, que no decorrer de sua programação atraía um grande número de pessoas. Se constituindo dessa forma, como um ponto de novas sociabilidades. Perceber as novas sensibilidades presentes naquele evento, sensibilidades essas relacionadas a modernização da urbe, nas décadas de 1940 e 1950. Nessa empreitada, o diálogo com o romance denominado *Festa de Setembro*, de autoria do patoense Flávio Sátiro Fernandes teve grande importância.

Enfim, o nosso desafio consistiu em perceber a influência do cinema no imaginário moderno da cidade, nesse contexto, traçamos uma rápida trajetória do cinema em Patos e alhures, e focamos nossa discussão no ambiente do *cine Eldorado*, inaugurado em 1934. Visto que, aquele local, além da exibição de filmes, funcionou também como ponto de encontro, local de passeio público, e flerte. Sendo um ponto privilegiado de novas sensibilidades.

## CAPITULO I

### DOS TRANSPORTES

#### 1.1 Do tropeiro ao trem do ferro

Durante décadas, antes do advento do trem de ferro e do caminhão, as tropas de burros<sup>12</sup> eram o principal elo de ligação entre o Sertão, o Cariri e o Litoral paraibano. “Pra Campina, eu me lembro que a gente gastava 8 dias na ida e oito dias na volta, quase sem descanso. E ganhava muito pouco”, relembra um antigo tropeiro<sup>13</sup>. O nosso personagem se refere ao percurso entre Brejo do Cruz e Campina Grande, eles percorriam em média 40 quilômetros por dia, sendo duas paradas para o rancho, uma por volta das onze horas para o almoço e para dar ração aos animais, e outra, ao escurecer para jantar e dar mais uma vez, água e comida aos animais, e, dormir, pois não costumavam viajar a noite, já que entre outras limitações, a precariedade dos caminhos não oferecia condições para isso. Assim sendo, durante a noite os caminhos tornavam-se mais perigosos, o que facilitava a ação de ladrões. Vejamos o que diz o senhor Pedro Mendes sobre o assunto:

Na década de 1920 viveu nessa região um temido e perigoso ladrão de animais e de terra chamado pelo nome de Tendó, o ladrão causava medo e pelo fato de agir sempre no mesmo local, ou seja na cabeça da “Serra da Viração” o lugar ficou conhecido pelos tropeiros como Tendó, que passaram a usar o lugar como ponto de encontro. Desse modo os tropeiros que vinham do Brejo se encontravam com os que vinham do Sertão justamente no local onde Tendó praticava seus roubos dificultando a ação do mesmo devido à grande quantidade de tropeiros que se arranchavam no local. Esse encontro deu início a uma feira<sup>14</sup>.

<sup>12</sup> Na verdade as primeiras tropas surgem na Paraíba mais ou menos em meados do século XIX, sendo incrementado o seu uso a partir de então. Se durante muito tempo o cavalo foi utilizado como animal de carga, aos poucos foi sendo substituído pelo burro, pois constatou-se que esse último era mais resistente e mais apropriado as longas travessias, principalmente em épocas de estiagens. E assim sendo o cavalo passou a ser utilizado principalmente no transporte de pessoas (ARANHA, 1991, p.233).

<sup>13</sup> Depoimento de um antigo tropeiro do município de Brejo do Cruz –PB. Citado em: ARANHA, Gervácio Batista. *Campina Grande no Espaço econômico regional: estradas de ferro, tropeiros e empório comercial algodoeiro (1907 – 1957)*. Campina Grande – PB: UFCG, dissertação de mestrado, 1991 p.257

<sup>14</sup> Depoimento concedido pelo Senhor Pedro Mendes ao autor, em 15 de março de 2010. Devo ressaltar que o depoente não foi testemunha ocular do acontecimento relatado, mas segundo ele, ouviu do Sr. João Mariano, um dos antigos moradores da região, que também afirmou haver feito compras na feira que surgiu no “Tendó”.

Principalmente nos locais de pernoite, os tropeiros costumavam parar em grupos, pois como vimos a partir da citação acima, isso dificultava a ação de ladrões. Essas paradas eram também nomeadas por eles, a exemplo do Sítio Tendó, - localizado no atual Município de Salgadinho – PB - que ainda hoje conserva esse nome. Nesse contexto, não foram poucos os lugares que se tornaram pontos de parada das tropas e que por sua vez foram sendo nomeados pelos tropeiros, inclusive alguns desses tornaram-se povoações, com a presença de feiras, chegando até mesmo a se tornarem cidades. Como por exemplo, o atual Município de Salgadinho, que de povoado passou a distrito de Patos, e em 22 de dezembro de 1961, através da lei nº 2.676 passou à cidade. Porém, a origem da localidade liga-se ao intenso tráfego de tropas de animais, que nas suas idas e vindas, com destino à Campina Grande, ou ao Brejo paraibano, uma das paradas certas para o rancho era no pé da Serra da Viração, local onde cavavam poços para obter água que se apresentava com um acentuado gosto de sal, daí o motivo para que os tropeiros denominassem a referida parada de Salgadinho (nome que ainda hoje permanece).

Essas considerações comprovam incisivamente a intensidade do movimento de tropeiros, no Sertão paraibano nas quatro primeiras décadas do século XX. Neste contexto, Silvano Alberto de Vasconcelos parafraseando o depoimento de Eurípedes Oliveira, relata:

Durante toda a viagem, os comboios oriundos das mais diversas localidades vinham-se agrupando, de maneira que era comum chegar à cidade (Campina Grande) 200 ou 300 animais simultaneamente, em época de safra de algodão, cerca de 2000 animais diariamente. (...) Cada tropa comportava entre 8 e 10 animais, conduzida por um portador, os comboios nunca comportavam menos de 35 animais, em de torno de 5 tropeiros (APUD ARANHA, 1991, p.259-260).

Contudo, os tropeiros foram os grandes desbravadores, até a proliferação do caminhão. No início do século XX, a cidade de Campina Grande – que tinha recebido o trem de ferro em 1907 – já era um importante centro comercial. Assim sendo, as tropas que partiam do Sertão, levavam principalmente o algodão, e de volta traziam gêneros alimentícios, tecidos e demais insumos para abastecer o comércio sertanejo. Nessa perspectiva, “*Tropeiros da Borborema*” uma composição de Rosil Cavalcanti e Raimundo Asfora, também gravada por Luiz Gonzaga, descreve a importância da tração animal para Campina Grande, e por conseguinte, para as demais cidades paraibanas.

Estala relho malvado  
 Recordar hoje é meu tema  
 Quero rever os antigos  
 Tropeiros da Borborema

São tropas de burros  
 Que vem do Sertão  
 Trazendo seus fardos  
 De pele e algodão  
 O passo moroso  
 Só a fome galopa  
 Pois tudo atropela  
 Os passos da tropa  
 O duro chicote  
 Cortando seus lombos  
 Os cascos feridos  
 Nas pedras aos tombos  
 A sede a poeira  
 O sol que desaba  
 Oh! Longo caminho  
 Que nunca acaba

Assim caminhavam  
 As tropas cansadas  
 E os bravos tropeiros  
 Buscando pousada  
 Nos ranchos e aguadas  
 Dos tempos de outrora  
 Saindo mais cedo  
 Que a barra da aurora  
 Riqueza da terra  
 Que tanto se expande  
 E hoje se chama  
 De Campina Grande  
 Foi grande por eles  
 Que foram os primeiros  
 Oh! Tropas de burros  
 Oh! Velhos tropeiros.

Os velhos tropeiros, decantados nos versos inspirados dos poetas, tiveram um papel fundamental no desenvolvimento de nossas cidades, por isso os autores do poema, ligam a grandeza de Campina aos tropeiros, principais responsáveis pelo transporte entre essa cidade e o Sertão do Estado – tendo em vista que em 1907 Campina Grande recebeu o trem de ferro e passou a representar cada vez mais o papel de entreposto comercial – considerando que o trem de ferro oriundo do litoral só chegou ao Sertão do Estado em meados do século XX, e o transporte com caminhões só se generalizou a partir da década de 1940, a tração animal foi responsável pelo transporte de mercadorias, para abastecer o comércio, e além disso, uns e outros eram também agentes de comunicação e de intercâmbio, conduzindo encomendas, documentos e correspondências. Por isto a chegada de uma tropa de burros era o suficiente

para quebrar a rotina dessa ou daquela cidade, vila ou povoado. Formavam-se verdadeiras platéias nas calçadas, para assistirem o espetáculo. Nessa perspectiva um certo memorialista relembra a chegada de uma tropa numa pequena cidade do interior paraibano:

Conservo na visão do menino de outrora aspectos indeléveis da vida sertaneja. Talvez seja por isso que facilmente consigo me transportar, como num sonho, ao ambiente da minha infância. E sentir-me como ainda agora, diante de um comboio de mercadorias em lombo de animais chegando de volta à minha cidade de Patos. Tenho a impressão de estar ouvindo ao longe o estalo do chicote de ponta de linha que vem vindo, regressando do sul. (Estalo que se confundia com o destino da vida comercial do sertão). A tropa mantendo a mais perfeita fila indiana, com a burra-da-guia de guiso especial tinindo no pescoço, corta as ruas da cidadezinha nordestina, rompendo na direção da primeira casa de comércio em que terá de estacionar. Para descarregar e para a evolução da pragmática. O pelotão de elite, composto de cinco animais, desliga-se do conjunto a um simples assovio para a manobra de praxe, ali no largo da Feira, entre a Igreja Velha e a Cajarana, enquanto o grosso do comboio pára botando a carga a baixo (sic). (CABRAL, 1962, p.50).

A chegada de uma tropa de burros constituía um espetáculo à parte, porém, o estalo do chicote, anunciava que o comércio daquela cidade seria abastecido, algumas pessoas receberiam suas encomendas, suas correspondências, seus jornais por assinatura (tendo em vista que nas cidades que ainda não haviam recebido o trem de ferro as malas dos correios eram transportadas pelas tropas de animais). Isto nos remete a outro momento bastante esperado, o da chegada do estafeta do Correio com as malas postais. Enfim, a tropa que acabara de chegar à cidade, trazia a realização de muitos desejos. Daí sua forte presença no imaginário social. Pois a madrinha da tropa marchando com sabedoria, com faceirice, imprimia um colorido especial àquele acontecimento.

Essas cenas marcaram incisivamente o imaginário dos sertanejos. A partir da década de 1930, foram dando lugar ao “caminhão que surgia rondando sozinho na estrada com as suas próprias forças, para desmoronar toda a estrutura do transporte nos sertões, transporte que se apoiava na lentidão e no martírio” (CABRAL, 1962, p.52).

Contudo, apesar da incapacidade (para o tráfego de automóveis) da estrada de rodagem que ligava Campina Grande ao Sertão paraibano, ainda nas primeiras décadas do século XX, algumas cidades da referida região começaram a conviver com esse importante signo do moderno, pois em 1918, chegou o primeiro automóvel na cidade de Patos, um verdadeiro espetáculo para tão solene acontecimento:

Ainda me lembro daquela tarde em que chegou o primeiro automóvel na minha pequena cidade natal. Foi por volta de 1918. Grande era o movimento das ruas. Das varandas do Sobrado Velho, dos telhados da Rua do Comércio, repontavam cabeças estiradas para o lado sul<sup>15</sup>. Mas a estrada de areia – uma fita branca na paisagem verde – ainda não respondia aos apelos. Parecia que as casas tinham sido espremidas, de tanta gente na rua. No patamar da igreja velha, meio metro acima do nível comum das calçadas, uma fila de cadeirolas acomodava o prefeito, o vigário, o chefe político – essa gente grande das cidades pequenas. Todas as vistas se voltavam para o rio, que já estava seco. Todos parados, a respiração também parava.

E o automóvel veio surgindo, a princípio na imaginação, mas logo como um ponto negro, que se avoluma e depois se esquarteja. Um carro, afinal. Ora se mostrando, ora se escondendo na estrada improvisada e cheia de barrancos, desceu a barreira fazendo mais barulho do que o ruído do motor (APUD FERNANDES, 2003, p.192).

Em Nordeste Pitoresco e Engraçado, o escritor Luis Wanderley Torres, descreve de forma satírica o momento em que chegou o primeiro automóvel na referida cidade. Segundo ele, quando o automóvel se dirigiu um pouco para fora da cidade, houve pânico, desombestamento de comboios, abortos e passamentos. De início foi apelidado pelos matutos de “Besta Fera”. O escritor conta também que alguns dias depois ocorreu a primeira virada! Seu Chiquinho (assim como era conhecido o fazendeiro Francisco Olídio Wanderley, o primeiro patoense a comprar um automóvel e adentrar as ruas da cidade com ele, conforme relato citado acima) e alguns amigos resolveram fazer uma visita à Passagem<sup>16</sup>. Vestiram as melhores roupas, engomados e engravatados, partiram no corredor de Antonio Nóbrega que demandava no areial do rio, ovacionados com aplausos dos que ficaram, lá seguiu o veículo em louca corrida espantando os animais, mergulhando e saindo nas lombadas da beira da cerca, até que descendo sem freios a barreira do Rio Espinharas, ficou com as rodas girando no ar. Não houve danos físicos aos passageiros. Mas o automóvel ficou com a capota imprestável. Por vários dias o assunto na cidade teve como mote a referida capotada do automóvel de seu Chiquinho. Porém, a grande maioria atribuiu a uma derrapagem como causa da capotada. Segundo ainda o autor, o termo derrapagem foi usado pela primeira vez no Sertão<sup>17</sup>.

Enfim, teria exagerado o nosso cronista, principalmente no que diz respeito ao apelido de “Besta fera”? É possível que sim. Todavia, foram com essas tintas que as representações

<sup>15</sup> A partir do ponto em que os expectadores se encontravam (esperando a chegada do primeiro automóvel), se fosse nos dias atuais olhariam para o leste, tendo em vista que a estrada que parte de Campina Grande chega a Patos por este ponto cardinal. Porém na época que se deu o referido acontecimento a estrada (que vinha de Campina Grande) adentrava Patos pelo Sul. Daí as atenções estarem voltadas para este ponto.

<sup>16</sup> Na época era distrito de Patos, e localizava-se a aproximadamente 30 quilômetros. Em 1961 recebeu sua emancipação política, tornando-se município.

<sup>17</sup> APUD Patos em Revista. Edição histórica, Patos: Gráfica JB, 2005, p.32

dos primeiros automóveis foram pintadas na região. Nesse contexto, Dona Neuza Soares descreve a euforia que houve na cidade de Princesa, no Sertão paraibano, no ano de 1918, em um sábado, quando o comerciante José Petrucci chegou com seu automóvel.

Nossa Senhora! Acabou com a feira. O povo acabou com a feira para ir olhar o carro, o povo nunca tinha visto. Quando foi mais tarde tiraram o carro e botaram na garagem. Os feirantes quando viram disseram: vixe, olha a bosta dele como é, é bosta de cavalo, isso porque o fofoca (um dos nomes dado ao auto) estava estacionado em cima de um monte de esterco de cavalo<sup>18</sup>.

Fatos cômicos à parte, é possível imaginar as dificuldades que o sr. Francisco Olídio Wanderley, teve de enfrentar para chegar à cidade de Patos, com o seu automóvel, tendo em vista que nessa época a “estrada central” que estava sendo construída com recursos da IOCS (Inspetoria de Obras Contra as Secas) só tinha chegado ao município de Soledade<sup>19</sup> oriundo de Campina Grande. No longo trecho de Soledade a Patos, o referido automóvel teve de rodar numa estrada ou caminho carroçável. Porém, ele não foi o único a se aventurar em tal empreitada Celso Mariz relata duas experiências similares entre os anos de 1915 e 1918. Em 1915, um comerciante da capital paraibana e mais três amigos resolveram ir de automóvel até o Município de Taperoá. Foram de trem até Campina Grande, ponto terminal da estrada de ferro, a partir daí a viagem continuou no automóvel que fora despachado no dito trem, foi uma verdadeira aventura, que não teria se concretizado se eles não fossem precavidos, a ponto de levarem instrumentos (possivelmente, picaretas, pás, enxadas, foices) para removerem os obstáculos que se apresentaram no decorrer do caminho, a exemplo de tocos, depressões, pedras<sup>20</sup>...

<sup>18</sup> Depoimento concedido por dona Neuza Soares, a pesquisadora Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano, IN: MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. *Signos em confronto? O Arcaico e o Moderno na Cidade de Princesa (PB) na Década de 1920*. João Pessoa –PB: editora da UFPB, 2010, p.64

<sup>19</sup> No dia 20 junho de 1918 o trecho da estrada ligando Campina Grande a Soledade foi inaugurado. Nesse dia o Dr. Matheus d’Oliveira representante do Presidente do Estado, acompanhado do Dr. Leal Costa e demais engenheiros auxiliares na construção da estrada, chegaram a Soledade em automóvel da comissão, sendo festivamente recebidos. No dia 04 de agosto do mesmo ano iniciou-se o transporte de passageiros em automóvel entre Soledade e Campina Grande, nos seguintes horários: “às 4 horas da manhã (pela hora legal) partirá o carro desta Villa para chegar em Campina meia hora antes da partida do trem para a capital deste Estado ou Recife, e, quinze minutos depois da chegada do mesmo trem daquelas capitais, partirá de Campina Grande para chegar aqui (em Soledade) às 20 horas aproximadamente”. (jornal A Imprensa, 28 de julho e 04 de agosto de 1918).

<sup>20</sup> Ver ARANHA, Gervácio Batista. *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e Região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)*. Tese de doutorado, São Paulo: UNICAMP, 2001 p.354

Terceiro Neto (2002) reporta-se ao mesmo fato, contudo apresenta-o como acontecido em 14 de abril de 1914, e não em 1915. Segundo esse autor, Francisco Seráfico da Nóbrega e Gouveia Nóbrega “foram a Taperoá em missão política junto a Joaquim Rodrigues Coura, prefeito, que fazia oposição a Félix Daltro” (p. 145).

O jornal *Correio de Campina*, de 07 de junho de 1914, reportou-se a esse fato dizendo que

(...) O Dr. Seráfico Nóbrega, prestigioso representante parahybano na Câmara Federal, com o passo aiantado e patriota que deu no mez de abril, **trazendo até Taperoá a buzina cantante do automóvel**, deu não só uma muito mais lição de progresso aos taperoaenses como mostrou praticamente a de uma antiga e pobre aspiração dos taperoaenses. Bem haja o seu nome no coração desse povo Ascenso de progresso, por mais esse passo dado pelo nobre deputado de nosso pequenino Estado, digno de melhor sorte (João David, Perfis Sertanejos) (Grifos nossos).

Essa fonte histórica mostra o equívoco do primeiro autor mencionado e vem a garantir a assertiva do segundo, ou seja, os taperoaenses conheceram o automóvel no ano de 1914.

A outra experiência relativa ao ano de 1918 teve como personagens centrais, o comerciante Emídio Sarmiento de Sá e o “Chauffeur” Rubens Cavalcanti. O primeiro comprou um caminhão Ford por 4 contos de réis, no Recife, de onde despachou-o no trem até Campina Grande, e de lá a viagem teve de continuar na “velha estrada dos tropeiros” descendo a Serra da Viração com destino ao Sertão do Piranhas, no extremo oeste da Paraíba, onde fica a cidade de Sousa. Como já ficou claro em linhas anteriores, nessa época o trecho da estrada de rodagem “Central” de Campina Grande a Soledade já havia sido concluído, razão pela qual o referido percurso deve ter sido trafegado com um certo conforto (para os padrões da época). Porém, a partir desse ponto, os nossos personagens tiveram de enfrentar as agruras de uma estrada preparada para o trânsito de tropeiros e/ ou carro de bois. E como o tráfego de tropas de animais nessa época era intenso, é possível imaginar o espanto dos tropeiros ao encontrar na estrada, aquela máquina “barulhenta” e “fumacenta”. Conseguiram cumprir a tarefa e adentraram a cidade de Sousa, ovacionados pela multidão que esperava ansiosa, para assistir a entrada triunfal de um dos ícones da mecânica moderna, o automóvel.

Contudo, nas décadas de 1920 e 1930 (os caminhões foram chegando gradativamente nas cidades sertanejas), tratava-se apenas de experiências isoladas de ricos fazendeiros plantadores de algodão e muitos deles também proprietários de bolandeiras e/ou ricos comerciantes. Em 1933, por exemplo, a cidade de Patos possuía apenas 15 caminhões e 800

muares<sup>21</sup>. A verdade é que os caminhões e as tropas de burros coexistiram, durante alguns anos/ou décadas, uma vez que só a partir de 1940 as estradas de rodagem e por sua vez o transporte rodoviário proliferaram no Sertão, pois esse foi também o momento da instalação das usinas de beneficiamento de algodão, a exemplo da Anderson Clayton e da SANBRA, instaladas em Patos em 1936. Com isso, se intensificou a ruína das antigas bolandeiras e do transporte em lombo de animais.

Ocorre que as usinas, diferentemente das bolandeiras, passaram a preparar fardos (de lã de algodão) bem mais pesados, chegando a pesar 110 quilos, acima da capacidade do animal de carga (lembrando que o lombo do burro comportava até 128 quilos, dividido em dois fardos de 64 quilos em cada lado, oito arrobas em cada fardo). Dessa forma, o transporte para Campina Grande, onde se encontrava as pontas de trilho, passou a ser em caminhões. O que não significa dizer que houve a extinção total da tração animal, pois essa continuou a servir principalmente ao comércio entre as pequenas povoações, onde as estradas de rodagem demoraram a chegar. Vejamos o que diz seu Manoel Lourenço:

Em 1945, eu tinha 9 anos de idade e saía do município de Brejinho - PE no domingo uma hora da tarde com meu pai João Lourenço, para a cidade de Patos com quatro burros carregados de farinha, milho e feijão, e eu ia no meio de uma das cargas principalmente na da frente que guiava os demais, que tinha o nome de caneta, os outros três eram chamados chá-preto, faceira e mimoso. A serra de Teixeira nessa época era uma vareda (sic) e quando agente chegava na serra era bonito aquela fila de burros descendo e sendo tangido pelo reio (chicote) que dava um estalo por cima do lombo dos animais, quando encontrava um carro tinha que voltar os burros para dar passagem para o carro. Antes de chegar em Patos tinha um rancho que agente ficava e era seu Jovintino que tomava conta dos animais e do rancho, agente dormia e na segunda-feira, ia para a feira e tinha que atravessar de canoa o rio Santa Cruz isso só na época do inverno, depois do inverno nós passávamos com os animais para feira que era na frente da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, 2 horas da tarde agente voltava para o rancho dormia e na terça-feira vinha para casa. Em 1948, Raimundo Dantas comprou um caminhão e aí agente deixou de tanger burros e passamos a andar no caminhão, e saía do Sítio Taíá Município de Teixeira uma 1 hora da tarde e quando chegava em Teixeira descia todo mundo para que só o motorista descesse a serra e dava para nós passar (sic) pelo caminhão e esperar lá embaixo e com muito tempo é que o caminhão chegava, só ai é que nós montava (sic) para chegar na feira na cidade de Patos. O sofrimento foi esse que eu enfrentei com meu pai indo para a feira de Patos<sup>22</sup>.

<sup>21</sup> Ver: ARANHA, Gervácio Batista. *Campina Grande no Espaço econômico regional: estradas de ferro, tropeiros e empório comercial algodoeiro (1907 – 1957)*. Campina Grande – PB: UFCG, dissertação de mestrado, 1991 p.291

<sup>22</sup> Depoimento concedido pelo senhor Manoel Lourenço, ao pesquisador Josivan Araújo Alves, em 10 de dezembro de 2010.

Assim, as tropas de burros (que chegavam dos pequenos povoados), os automóveis de passeio, os caminhões com destinos mais longos e o trem de ferro (que chegou em 1944) marcaram a paisagem urbana de Patos durante muitas décadas. Dessa forma, o estalo do chicote dos tropeiros, o barulho dos motores dos automóveis e caminhões, juntamente com o odor da fumaça exalada por ambos, e o apito estridente da locomotiva configuravam a cartografia urbana de Patos. Nessa perspectiva,

A apreciação sensorial da cidade não pode, como se sabe, reduzir-se a uma arquitetura de pedra, isto é, a uma natureza morta. Ultrapassa em muito essa materialidade. Os seus ruídos, os seus odores e o seu movimento constituem a identidade da cidade, tanto quanto o seu desenho e as suas perspectivas (CORBIN, 1998, p.107).

O jornal a Voz Parochial de 15 de fevereiro de 1925, publicou o seguinte comentário:

Constitui sério perigo para os transeuntes desta cidade a forma por que (sic) costumam chauffers e amadores guiar seus carros pelas ruas. Todos sabemos que ainda se não obedece aqui a regulamentação de velocidades nos autos, pelo que a toda hora se vêem, em doidas disparadas, automóveis e caminhões, até mesmo em noites de movimento e em dias de feira (...) Na esquina da Associação dos Empregados no comércio, embora de curva muito violenta, é hábito passar-se ali como genro com medo de sogra. Chamamos a atenção do nosso ilustre prefeito a fim de evitarem-se desastres e tantas outras funestas conseqüências (APUD FERNANDES, 2003, p.200)

Vimos em linhas anteriores que em 1933 a cidade de Patos dispunha apenas de 15 caminhões, e oito anos atrás, quando publicada a reportagem, suponhamos que esse número era menor. Todavia, a verdade é que tanto os motoristas quanto os pedestres ainda não haviam se adaptado a dividir os espaços das ruas, e por sua vez as ruas também ainda não haviam sido preparadas pelo poder público para comportar (pessoas e automóveis). Enfim, o automóvel foi incorporado ao cotidiano das pessoas, pois prometia perfazer distâncias em tempos menores, além de constituir-se num objeto de admiração e status (era adquirido apenas por pessoas de posses, grandes fazendeiros e comerciantes). Guardadas as devidas proporções de tempo, cultura e lugar, a experiência de Patos é parecida com a ocorrida alhures.

No Rio de Janeiro, por exemplo, o automóvel configurou-se como um “emblema de poder e força, indispensável para atrair as mulheres. O carro permitiu multiplicar as oportunidades de contato, convívio e desfrute da companhia feminina” (SEVCENKO, 1998, p.599). Contribuiu também para o aumento do número de mortes e acidentes devido o fator

velocidade, tendo em vista que os “atropelamentos mesmo seguido da morte das vítimas, eram apenas passíveis de uma multa pecuniária de valor ínfimo para os infratores” (SEVECENKO, 1998, p.558).

Além da revolução nos meios de transportes, com o advento do trem de ferro (lembrando que esse não chegou a todas as cidades), do automóvel e do caminhão, outras transformações contribuíram para mudar a rotina de algumas cidades sertanejas. Neste contexto, imagens literárias referentes à cidade de Patos na década de 1940, enfatizam as transformações ocorridas naquela urbe, numa trama em que alguns fazendeiros e donos de bolandeiras sentem-se ameaçados pela instalação de usinas de beneficiamento de algodão, e também pelas dívidas contraídas junto à agência bancária instalada recentemente na cidade<sup>23</sup>.

Contudo, a instalação das referidas usinas em Patos, intensificou um processo de modernização<sup>24</sup> que remonta aos primórdios do século XX. E dessa forma a cartografia urbana passou por um conjunto de transformações: no final da década de 1910, a referida cidade já contava com mais de quarenta locomoveis<sup>25</sup>; em 1921 recebeu a energia elétrica; e na década de 1930 a cidade é arborizada e corrigiu-se a imundície do seu açougue público, visto que todo o prédio foi remodelado; o beco do cemitério foi alargado; canalizou-se o riacho que cortava a Rua Solon de Lucena<sup>26</sup>; foram construídos os prédios dos Correios e Telégrafos e do Grupo Escolar Rio Branco; promulgou-se o primeiro Código de Posturas Municipais; rasgou-se novas avenidas; exigiu-se a construção de fachadas nas casas das ruas principais; decretou-se a obrigatoriedade da construção de fossas para as residências urbanas (WANDERLEY, 1994). Assim, a cidade passou por reformas a partir de então, tornando-se possível um certo imaginário de vida civilizada. Sensibilidade essa que teve como referencial, o ideal de civilidade presente nas reformas urbanas ocorridas no século XIX nas grandes

---

<sup>23</sup> Ver WANDERLEY, Allyrio Meira. *Ranger de dentes*. Romance. Rio de Janeiro: Companhia Editora Leitura, 1945

<sup>24</sup> Sobre modernização, ver: HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. Tradução Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

<sup>25</sup> Espécie de máquinas a vapor utilizadas no beneficiamento do algodão

<sup>26</sup> O referido riacho passava onde atualmente está localizado o Posto Paizão, cortava a atual Rua Pedro Firmino, passando mais ou menos onde hoje se encontra a Livraria Dom Bosco, e seguia em direção ao Rio Espinharas (FERNANDES, 2003, p.47).

capitais européias e, no início do século XX, nas capitais brasileiras, a exemplo da reforma Pereira Passos<sup>27</sup> no Rio de Janeiro.

Contudo, Patos ingressou na década de 1940 respirando ares de modernidade. A exemplo de um moderno prédio no estilo art decó construído para funcionar a sede da Prefeitura Municipal (conforme ilustração número 01), um bonito prédio para os padrões da época, localizado na Rua Grande, na esquina com a atual Rua Pedro Firmino, centro da cidade, vizinho à Escola Rio Branco e ao prédio dos Correios, na mesma rua da matriz de Nossa Senhora da Guia, quase em frente ao Hotel Central, ponto de parada das marinetes, caminhões e demais veículos automotores, uma espécie de cartão de visita da cidade. Sendo oportuno ressaltar, que o referido prédio foi inaugurado no dia 25 de janeiro de 1940 (na mesma data em que a ilustração número 01 foi publicada no jornal *A União* sediado em João Pessoa) e fez parte de um conjunto de inaugurações que celebraram o quinto aniversário do governo Argemiro de Figueirêdo. Visto que o Estado Novo implantou um calendário comemorativo que contemplava: 19 de abril data do aniversário natalício de Vargas, 01 de maio dia do trabalhador, 07 de setembro dia da independência do Brasil, e para complementar as datas festivas, na Paraíba comemorava-se também o aniversário natalício, e do governo, dos Interventores Federais. Como exemplo, podemos citar o Interventor Argemiro de Figueirêdo que durante sua gestão comemorou-se tanto seu aniversário natalício, como de seu governo<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> Nomeado em dezembro de 1902 - pelo Presidente Rodrigues Alves (1902-1906) - e empossado em janeiro do ano seguinte, o engenheiro Passos foi o 12º prefeito do Distrito Federal (Rio de Janeiro). Nomeado no bojo de um projeto de modernização que pretendia distanciar a capital republicana da cidade imperial, onde os traços da escravidão e da cultura do ex- colonizador encontravam-se por toda parte. Seu esforço principal consistiu na transformação capital numa espécie de cidade-vitrine, destinada a atrair o capital estrangeiro e a garantir às elites um viver civilizado. Para tanto, havia projetos a serem importados, modelos a serem copiados e exemplos a serem seguidos (MENEZES, 2000, p.118-119)

<sup>28</sup> Para saber mais sobre os jogos do político na imprensa paraibana no Governo Argemiro de Figueirêdo, ver: CABRAL FILHO, Severino. *A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930 – 1950)*. João Pessoa PB: UFPB, tese de doutorado, 2007.

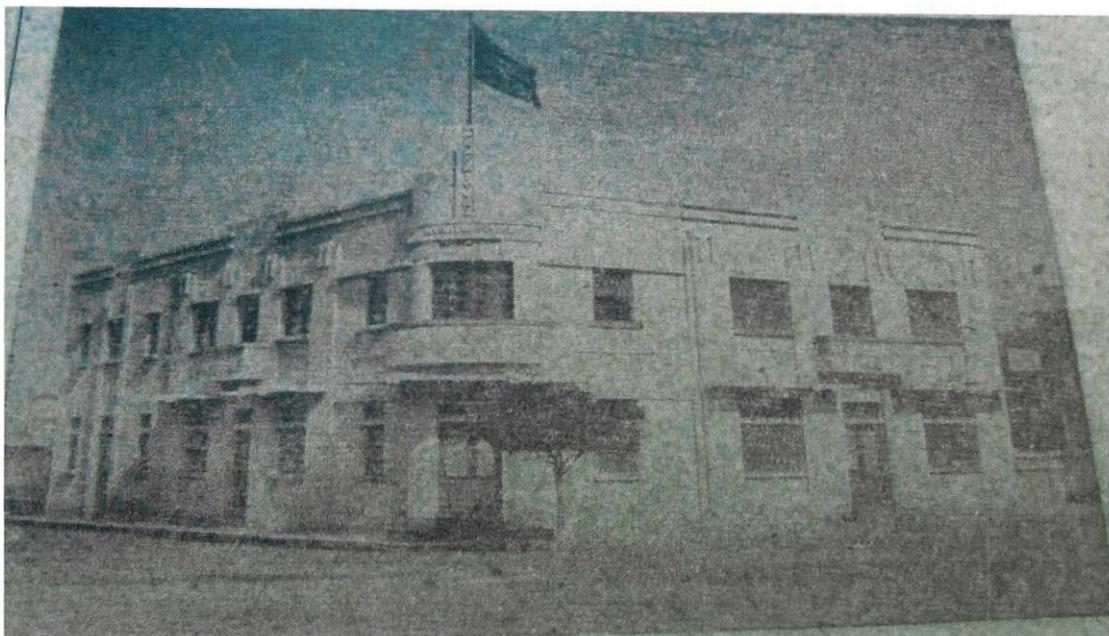


ILUSTRAÇÃO Nº 01: Prédio da Prefeitura Municipal de Patos. (Reproduzida do jornal “A União” – João Pessoa – PB, em 25 de janeiro de 1940, p.3)

A cidade cresceu, incorporou as regras de urbanismo e estendeu-as aos logradouros públicos e privados. Passou-se a viver uma nova realidade: “as fábricas apitam nos subúrbios onde antes as siriemas vinham cantar o seu hino monótono de deserto (MARIZ, 1985, p.38). Numa clara alusão de que os relógios das usinas de algodão, passaram a ser responsáveis por marcar um tempo novo, um tempo marcado pela pressa da máquina (das fábricas), estas gradativamente substituíram as pequenas bolandeiras. Onde, o trabalho do amanhecer até o crepúsculo podia parecer ‘natural’, principalmente na época da safra do algodão. Isso nos remete ao estudo sobre o trabalho nas pequenas oficinas, realizado na Inglaterra, no qual Thompson, observou: “na pequena oficina, sem subdivisão complexa dos processos, o grau de sincronização exigido era pequeno, e a orientação pelas tarefas ainda prevalecia” (THOMPSON, 1998, p.280). Por outro lado, nas usinas o tempo precisa ser sincronizado pelo relógio, pois tempo é dinheiro, “na sociedade capitalista madura, todo o tempo deve ser consumido, negociado, *utilizado*; (grifo do autor) é uma ofensa que a força de trabalho meramente ‘passe o tempo’”(THOMPSON, 1998, p.298).

Celso Mariz, em palestra realizada no *cine Eldorado*, em 1943, esclareceu:

Nos últimos 25 anos, Patos cresceu dez vezes em número de casas e cem vezes no seu poder<sup>29</sup> econômico e nos recursos de instrução de comunicação e transportes. A Frigidaire suavisa o calor dos 36 centígrados. O rádio trás dos melhores estúdios e teatros as músicas mais belas, e comunica as notícias de João Pessoa e do Rio. A BBC de Londres chega-lhe às 21 horas com as esperanças do mundo sobre a guerra. (...) o trem de ferro bate-bate às vossas portas e aviadores de ambos os sexos, entre os quais já aparecem filhos da terra, fazem trepidar seus aparelhos nos céus quentes de Patos<sup>30</sup>. Enche as Espinharas de alto a baixo um drama que em 1900 parecia aqui um trecho do Apocalipse. (MARIZ, 1985, p.38-39).

Talvez haja um pouco de exagero na descrição acima, principalmente no que diz respeito ao crescimento econômico. Todavia, é possível perceber (tanto nas palavras de Celso Mariz, quanto em outros memorialistas) que o processo de modernização da cidade de Patos, na década de 1940, já podia ser considerado substancial. Considere-se o desenvolvimento industrial, “conta com uma grande fábrica de óleo e sabão, três grandes usinas e 14 maquinismos destinados ao beneficiamento do algodão, e uma usina para o preparo do óleo de caroço de oiticica” (MEDEIROS, 1950, p.187). Assim sendo, a referida cidade passou a exportar a sua produção, principalmente o óleo de oiticica, o algodão em pluma, entre outros. O destino dessa produção era a cidade de Campina Grande, e daí seguindo no trem de ferro para o porto do Recife.

Tendo em vista que a cidade de Patos ainda não tinha sido beneficiada com os trilhos ferroviários, esse transporte – até Campina Grande, cidade onde se encontravam as pontas de trilhos – era feito em caminhões. Além de viajar para Campina Grande, os caminhões também transportavam algodão e passageiros das cidades circunvizinhas para Patos, pois na década de

<sup>29</sup> Gostaria de deixar claro que nas citações diretas procurei sempre conservar a ortografia utilizada pelo autor citado.

<sup>30</sup> Em 21 de julho de 1942 às 15:15 (quinze horas e quinze minutos) aterrissou pela primeira vez no campo de aviação Santa Tereza, em Patos, um avião pilotado pela capitão Fontoura. Em homenagem ao aviador, e para se comemorar a data, realizou-se um baile no salão nobre da Prefeitura Municipal. O piloto seguiu viagem no dia seguinte. Em 05 de setembro do mesmo ano às 16:30 (dezesesseis horas e trinta minutos) aterrissou outro avião em Patos, desta feita, pilotado por uma mulher, a aviadora Eliete, que se hospedou na casa do senhor Massilon Caetano. O avião foi doado ao aeroclube de Patos. Em 1943 o Ministro da Aeronáutica fez a doação de mais um avião para o aeroclube de Patos. E no dia 09 de janeiro de 1949 foram diplomados os integrantes da primeira turma de pilotos patoenses: Sigismundo Gonçalves Souto Maior, Severino Lustosa Moraes, Severino Pimentel, Hilton Aureliano e Pedro Queiroz. Contudo, na tarde de 15 de dezembro de 1945, um acidente aéreo, no qual perderam a vida Geraldo de Souza Carvalho, mais conhecido por Geraldo Gondim, instrutor do aeroclube de Patos, natural de Taperoá, mas que residia em Patos há bastante tempo, e o aluno Adalberto de Biu Farias. Segundo testemunhas o piloto executou uma manobra de parafuso, não tendo conseguido planar o aparelho que se precipitou em vertiginosa velocidade contra o solo, segundo Batista Leitão, uma das testemunhas ocular do acidente, ao se aproximar dos destroços do avião, observou que uma das vítimas usava um relógio que marcava 16:15 (dezesesseis horas e quinze minutos). Fonte: *Patos em revista*. Edição histórica, Patos: Gráfica JB, 2005. P.33

1940, Chico Nenê adquiriu um Chevrolet 46, chamado de misto (pelo fato de ter duas boleias - conforme ilustração nº 02), estabelecendo-se a partir daí, como motorista de carga e passageiros, viajando para as cidades vizinhas a Patos, a exemplo de Pombal, Souza e São Bento, de onde trazia algodão para a SIDOL E CICA – empresas de beneficiamento de algodão em Patos – além de transportar feirantes e seus amores<sup>31</sup>.

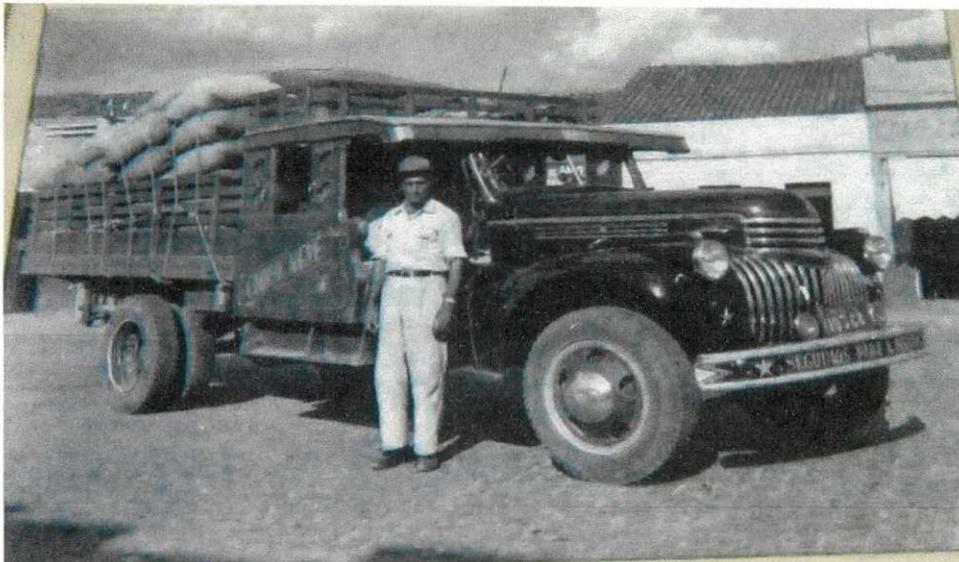


Ilustração nº 02: Chico Nenê junto ao seu Chevrolet ano 1946, também conhecido popularmente por “cara branca” pelo fato de sua parte frontal ser cromada. Fonte: acervo da família.

Trata-se de uma foto pousada, nesse dia o senhor Chico Nenê encontrava-se na cidade de São Bento, com seu caminhão carregado de algodão, de onde deveria seguir para a cidade de Patos. O semblante do nosso personagem, aliado as suas vestimentas, possivelmente de linho diagonal, usando sapatos, chapéu de massa, relógio no pulso, denunciam veemente o status ocupado pelos proprietários de caminhão na época. Possuir um caminhão era sinal de poder, inclusive para conquistar namoradas.

Após 1944, quando o trem chegou do Ceará, se formou nas imediações da estação ferroviária de Patos uma praça destinada ao estacionamento de caminhões, pois esses tanto

<sup>31</sup> NÓBREGA, Maria Zoetânia. Profissão: motorista. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Patos*, número 05, ano 2005, P.98

traziam mercadorias para embarcar no trem, quanto transportavam mercadorias trazidas pelo trem. Isso fazia da praça da estação ferroviária um ponto importante no espaço da cidade. O entorno do prédio da referida estação foi ganhando novos empreendimentos, a exemplo de bombas de gasolina, hotéis, restaurantes, lojas de peças para autos, entre outros, que passaram a fazer parte da cartografia da cidade, numa mostra bastante clara da importância que o trem de ferro representou no processo de modernização da cidade. E assim a estação ferroviária de Patos tornou-se um dos pontos mais movimentados da cidade, emergindo (a partir do ato inaugural) como um dos pontos privilegiados de novas sociabilidades.

## 1.2 Imagens do trem inaugural no Sertão paraibano

No dia 19 de abril de 1944 a cidade de Patos acordou em ritmo de festa. Nessa data aconteceu a inauguração oficial do trecho ferroviário Pombal – Patos. Nesse dia se concretizou uma obra cuja aspiração remonta ao século XIX, quando em 19 de julho de 1891 um jornal da capital divulgou correspondência oriunda da vila de Patos dando conta de que “chegou por aqui a notícia de se ir já continuar com a estrada de ferro deste Estado, até Cajazeiras. Esta notícia foi recebida com geral agrado” (APUD FERNANDES, 2003, p.132). Em 1907 os trilhos chegaram à cidade de Campina Grande, e no ano seguinte deram-se os primeiros passos para o prolongamento dos trilhos com destino ao Sertão<sup>32</sup>. Em 08 de janeiro de 1910, o “*Correio da Serra*” publica a seguinte reportagem:

Sabemos que foram empreitados os serviços da estrada de ferro que, partindo de Guarabira demandará o nosso alto sertão, correndo ao norte do Estado. A estrada, até Picuhy<sup>33</sup>, será entregue ao trafego em agosto de 1912. E’ este primeiro trecho que se vae construir, numa distancia aproximada de 150 kilometros. Entregue este ao trafego, dar-se-á começo aos trabalhos do seu prolongamento até Patos, ponto terminal dos estudos até agora feitos e aprovados.

---

<sup>32</sup> Ver *Diário da Borborema*, Campina Grande –PB, 16 de fevereiro de 1958.

<sup>33</sup> Trecho ferroviário que nunca foi inaugurado. Trata-se na verdade, de um dos inúmeros ramais fantasmas Brasil afora, que partiram do nada para lugar nenhum.

Passados então cinco anos da referida reportagem, o propósito de levar o trem ao Sertão paraibano ainda não havia se concretizado. Visto que “*A Voz do Sertão*” jornal sediado em Patos publicou, em 04 de julho de 1915 um apelo dos moradores de Taperoá. O documento com 54 assinaturas solicitava ao presidente Wenscelau Braz, o prolongamento dos trilhos para o Sertão, passando por Taperoá. A justificativa para tal empreendimento estava atrelada ao tão propalado discurso da seca.

#### MEDIDA URGENTE

O prolongamento da via-ferrea de Campina Grande a Taperoá

A secca continua na sua marcha furiosa, qual exercito de invasores bárbaros, assim ella se nos afigura sem pincelladas pessimistas de exagero, como parecera a muita gente.

Só quem está no theatro dos acontecimentos que se desenrolam dia a dia no sertão, poderá estereographar os lances dramáticos de tanta miséria, a infinita miséria dos nossos desventurados patricios.

Não há calamo que sem vacillar trace esta triste verdade que contém o absintho letal das grandes dores Moraes!

Urgem portanto as medidas de socorro as vítimas do calamitoso mal, e que os poderes competentes ordenem sem mais delongas o início das obras publicas em perspectiva.

Estas, ao que corre, já foram despachadas e vão consistir no prolongamento da via-ferrea de Campina Grande a Taperoá.

A ser verdade, é motivo para nos congratularmos com os defensores de tão avantajada idéia, mensageira de progresso, ao mesmo tempo que, como raios de esperança, penetra nos lares onde a fome destende as sombras sinistras dos seus horrores.

A estrada que demanda de Campina Grande a Taperoá pela sua estructura geographica offerece todas as possibilidades para effetuação desse importantíssimo melhoramento em o nosso Estado sem grande trabalho e em pouco tempo.

Sendo assim, já se tornará mais fácil o prolongamento da estrada de ferro até esta cidade e depois aos confins territoriaes da Parahyba.

Com facilidade de vias de comunicação, que é a vantagem precípua das estradas de ferro, nos virão as mãos os meios scientificos de espantar a visita periódica das seccas, enquanto nos descaptivamos dos rigores da carestia que em epocas de calamidade meteorológica é um abysmo hiante devorando os fructos da economia particular.

Não nos cansaremos de bradar, em nome da solidariedade à dor e a desventura dos nosso patricios, por estradas de ferro em nosso sertão!

Que ellas nos venham sem demora.

Retemos do editorial acima citado, que em pleno século XX, o drama da seca ainda servia como mote que fundamentava tanto o discurso – dos políticos como da imprensa - quando cobravam obras públicas para a região. Desta feita o nosso periódico vê no prolongamento dos trilhos para o Sertão a salvação para milhares de sertanejos “flagelados pela seca que assolava a região”. Contudo, essa forma de justificar as construções ferroviárias em nome da seca e do flagelo, esteve presente nos discursos parlamentares e jornalísticos do

Norte do Brasil, desde a segunda metade do século XIX, tal como observou o pesquisador Gervácio Aranha.

(...) fome-epidemia formavam uma dobradinha perfeita enquanto mote para justificar a necessidade do transporte ferroviário na região. De modo que tinham pouca importância aqui, razões de ordem econômica, voltadas para o incremento da atividade agrícola e/ou comercial; o que importava era a capacidade de engatilhar um discurso que sensibilizasse, que implicasse na liberação dos recursos visando a consecução do 'benefício', por mais estranho que pudesse parecer no tocante à lógica da reprodução do capital (ARANHA, 2006, p.112)

Dessa forma, quando o paraibano Epitácio Pessoa assumiu a Presidência da República, no ano de 1918, as estradas de ferro foram incluídas no seu projeto de obras contra as secas. Apareceram então dois traçados para o prolongamento da estrada de ferro com destino ao Sertão. Em um deles, os trilhos partiriam de Campina Grande para São João do Cariri, Batalhão (Taperoá), S. Luzia, Pombal, Sousa e São João do Rio do Peixe; tocando mesmo em cada uma dessas localidades ou passando a tal distância delas que aproveitasse a localidades vizinhas, tais como Patos, Catolé, Piancó etc. (ALMEIDA, 1980). No outro traçado, os trilhos partiriam de Alagoa Grande, cortariam Areia, Alagoa Nova, Esperança, Pocinhos, Soledade, Santa Luzia, S. Mamede, Patos, Pombal, Sousa e Cajazeiras. (ALMEIDA, 1980). Os dois traçados deixaram claro os interesses políticos em jogo nas concessões de trechos ferroviários. No caso descrito acima, os embates eram entre grupos de interesses, principalmente grupos de comerciantes com força política, tanto na capital como em certas regiões do interior. Estes, há um certo tempo discutiam de onde deveria partir o prolongamento ferroviário com destino ao Sertão. Visto que, mesmo antes do projeto ferroviário para a região sertaneja, apresentado no Governo Epitácio Pessoa, em 15 de agosto de 1915, Alcides Bezerra, em artigo divulgado na imprensa da Capital Paraibana, expôs e defendeu seu ponto de vista a respeito da questão.

Dois traçados estão sendo propostos: uns querem que essa linha de penetração férrea parta de Campina Grande, na direção de Taperoá; outros defendem que a mesma linha siga via Bananeiras, Picuí, até Patos. Observa o autor que na época atual, é obvio que o primeiro plano é muito mais fácil e de resultados práticos imediatos. 'Não olhemos porém, o presente; lancemos também nossas vistas para o futuro. Essa estrada para Taperoá determinará fatalmente o escoamento dos nossos produtos para a praça do Recife, onde também todo o alto sertão passará a se abastecer de toda sorte de mercadorias, desde molhado (sic) até os artigos de luxo. Conseqüência lógica: diminuição da exportação pelo porto de Cabedelo, ruína completa do comércio desta Capital'(APUD FERNANDES, 2003, p.165).

O ponto de vista do Sr. Alcides Bezerra indica claramente que ele sai em defesa dos interesses do comércio da capital. Com isto, o prolongamento para o Sertão a partir de Campina Grande é condenado veemente. Mas veja: no início dos anos 1920, quando da instalação das obras contra as secas o traçado que o comércio da capital condena já não é aquele de 1915, segundo registro do Sr. Alcides Bezerra.

Visto que, em 1920 os serviços de exploração foram iniciados a partir de Paiano na linha de Baturité, passando por São João do Rio do Peixe, Sousa, Pombal, Malta, Patos, São Mamede, Santa Luzia, Juazeiro, Pocinhos, Esperança até os municípios de Alagoa Nova, Areia e Alagoa Grande (ALMEIDA, 1980, p.355). Esse seria o projeto original, pois na prática os serviços de construção partiram de Baturité em direção a São João do Rio do Peixe, Sousa, Pombal, Malta e Patos. Outro trecho partiu de Alagoa Grande em direção a Alagoa Nova com destino a Patos. Isso deixa claro a opção pela ligação do Sertão com a capital através do brejo. Nesse período, as cidades sertanejas, entre elas Patos, sentiam a iminência da chegada dos trilhos, e com eles a modernidade, o desenvolvimento trazido pela locomotiva. Todavia, no governo Artur Bernardes (1922 – 1926) o projeto de obras contra as secas foi interditado, e isso representou também a interdição das obras das estradas de ferro que faziam parte do projeto em questão. Quando da interdição das obras, os trilhos que vinham do Ceará já se encontravam em São João do Rio do Peixe, e no trecho que vinha do Brejo nas portas de Alagoa Nova, mas não foi inaugurado.

Como nas demais celebrações inaugurais de trechos ferroviários, a vila de São João do Rio do Peixe foi também palco de grandes festejos, pois no dia primeiro de junho de 1922, o povo recebeu festivamente o primeiro trem que chegou à localidade. Tratava-se de um trem utilizado na construção da ferrovia<sup>34</sup>. Um certo número de pessoas se aglomerava, dando vivas ao trem, que foi abençoado pelo padre e exaltado nos discursos das autoridades presentes. Um ano antes da inauguração oficial, no dia 09 de julho de 1921, nas proximidades de Pilões, o início dos trabalhos da construção da estrada de ferro ocorreu em clima de festividade. O momento se transformou num ato solene coordenado pelo responsável pelas obras, o engenheiro José Rodrigues Ferreira, que discursou juntamente com o Pe. Joaquim

---

<sup>34</sup> Ver SOUSA, Rivaldo Amador. *Vertigens do Progresso: o trem e outros signos do moderno em São João do Rio do Peixe (1918 – 1964)*. Cajazeiras – PB, : UFCG, monografia de pós-graduação (especialização), 2005 p.40

Cirilo de Sá. Num estilo formal o evento foi acompanhado pela banda Sertaneja regida por Francisco Ribeiro<sup>35</sup>.

É possível imaginar a agitação que contagiou as pessoas da vila de São João do Rio do Peixe no dia do referido ato inaugural, pois a presença do trem naquela localidade representava o desenrolar de uma trama, que se não fosse a amizade do chefe religioso e político local (o padre Cirilo), com o Presidente Epitácio Pessoa, o trem que naquele momento chegara aquela vila, deveria estar chegando à cidade de Cajazeiras. Pois os pareceres técnicos dos engenheiros acenavam para o direcionamento dos trilhos para Cajazeiras, que na época já era cidade, e gozava de um certo status cultural e econômico no Estado. Bastou uma viagem do Padre Cirilo ao Recife, para os engenheiros responsáveis pela obra receberem um bilhete do Presidente Epitácio Pessoa, nos seguintes termos, “faça a estação de São João do Rio do Peixe na cozinha do padre Sá se ele assim solicitar” (APUD SOUSA, 2005, p.31).

Contudo, não é nosso propósito dissecar as tramas políticas que marcaram os projetos ferroviários na Paraíba e alhures, porém cabe ressaltar que a construção de ferrovias inseriu-se numa trama político-econômica que visava tanto à permanência de determinados grupos políticos, como também, o enriquecimento de alguns personagens da política e da lavoura. “É que barganhar uma concessão de estrada de ferro e ter em mãos a esperada autorização governamental tornava-se algo bastante promissor, algo que possibilitava, de um lado, um significativo retorno político (...) e de outro, podia render economicamente” (ARANHA, 2006, p.135). E assim sendo, um editorial do jornal *A imprensa*, se refere à questão nos seguintes termos:

Falla-se muito, e com fundamento de verdade, de fortunas particulares que se fizeram á custa das estradas de ferro e de rodagem em vias de construção no Estado.

Da noite para o dia appareceram ricos e capitalistas uns tantos pobretões; outros acresceram os seus latifúndios na medida dos contratos suspeitos que conseguiam realizar...

O facto é que, de uma estatística que vimos em jornaes do sul, a respeito de gastos de estradas de ferro, consta ter-se despendido maior somma de dinheiro em certo trecho de estrada da zona nordestina do que n’outra qualquer do pais, notando-se ainda que a diferença para mais é simplesmente excessiva.

O resultado pratico dessa manobra deshonesta foi argumentar desmensuradamente a porcentagem dos empreeiteiros e contratantes sem escrupulo<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> IDEM, p. 39

<sup>36</sup> Jornal *A Imprensa*, Parahyba, 25 de março de 1923.

Porém, apesar dos jogos de interesses presentes nos projetos ferroviários, as pessoas presentes nas festas de inaugurações em questão, estavam mesmo interessadas em ver como funcionava a locomotiva, e ansiosas para usufruírem do progresso que aquela máquina prometia trazer às cidades, vilas ou povoados por onde chegava. Nesse contexto, para muitas pessoas presentes na estação de São João do Rio do Peixe, aquele momento representava a redenção da vila comandada pelo padre Cirilo. Não pensem que a chegada do trem de ferro era motivo de festa apenas nas pequenas vilas, como São João do Rio do Peixe, pois, tanto nas vilas, povoados, pequenas ou grandes cidades, “o dia do trem inaugural aparecia, então, como um dia decisivo para a vida do lugar, que concretizava um sonho alimentado durante anos, às vezes durante décadas” (ARANHA, 2001, p.373).

Para se ter uma idéia da importância de eventos dessa natureza, em setembro de 1830 o trem inaugural da ferrovia Liverpool – Manchester, o primeiro trem que correu no mundo, reuniu em torno de 400 mil espectadores<sup>37</sup>.

Em 1853 Irineu Evangelista de Souza, proporcionou uma amostra (a um grupo de privilegiados) de como funcionava a locomotiva, depois de concluído um pequeno trecho da Estrada de Ferro de Petrópolis. Um periódico da época assim descreveu o decantado acontecimento:

De repente um grito prolongado, estridente, um sibilo de força de cinquenta sopranos estrugiu pelos ares e nos fez levar as mãos aos ouvidos. Era o anúncio da partida, era o aviso a quem se achasse à frente para acautelar-se do bote mortal, aviso dado por um tubo da própria locomotiva. Mais veloz do que uma flecha, do que o vôo de uma andorinha, o carro enfiou-se pelos trilhos, embalançou-se, correu, voou, devorou o espaço e, atravessando campos, charnecas e mangues aterrados, parou enfim arquejante no ponto onde o caminho não oferece segurança. O espaço devorado foi de uma milha e três quartos. O tempo que durou o trajeto foi de quatro minutos incompletos<sup>38</sup>.

A inauguração oficial da referida ferrovia, só se deu no dia 30 de abril de 1854, e contou com a presença de grande multidão (inclusive do Imperador D. Pedro II). Um certo cronista, a serviço de um Jornal Pernambuco, que se encontrava no referido evento, descreveu

<sup>37</sup> ARANHA, Gervácio Batista. *Trem modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)*. Campinas –SP: UNICAMP, tese de doutorado, 2001, p.374

<sup>38</sup> Apud CASTRO, Bertholdo. Caminhos de ferro. In: *Revista Brhistória: para entender o Brasil de hoje*, São Paulo: março de 2007, ano I, edição número I, p.51

o acontecimento, nos seguintes termos: “nenhum dos acontecimentos nestes últimos tempos, deu tamanho rebate, excitou mais a curiosidade e a atenção pública que o grande sucesso de hoje” (APUD ARANHA, 2001, p.375). Enfim, a inauguração da primeira estrada de ferro brasileira foi assunto em vários jornais do país. O mesmo aconteceu com a primeira viagem de trem ocorrida na Capital Pernambucana, considerada a primeira do Norte e a segunda do Brasil. Nessa perspectiva, “os trilhos estavam sentados, as estações prontas; os vagões armados. E afinal, entre festas, curiosidades e entusiasmo, o trem inaugural partiu de Cinco Pontas atingiu, debaixo de foguetes, músicas e repiques, a cidade (na época ainda vila) do Cabo”<sup>39</sup>. A referida viagem de trem representou um grande acontecimento para o Estado de Pernambuco, e por que não dizer para o país, acerca do qual Estevão Pinto nos forneceu detalhes precisos.

No dia em que ocorreu o primeiro trem do Nordeste (08 de fevereiro de 1858), a estrada de ferro do Recife ao São Francisco transportou de Cinco Pontas à Vila do Cabo, mais de quatrocentas pessoas. O comboio partiu às 12 horas, após a benção tradicional; meia hora depois atingira aquela vila, entre aclamações da população apinhada nos caminhos. Isto para não falar que na hora do ‘lunch’, oferecido na Vila do Cabo a convidados ilustres, não faltaram brindes de saudação a dois chefes de estado, ao Imperador e à Rainha Vitória.<sup>40</sup>

Houve casos que até mesmo o início dos trabalhos de construção da linha férrea foi motivo de festa. Como por exemplo, o que ocorreu na Capital Paraibana, em 09 de agosto de 1880, sem dúvida, um dia festivo, com passeatas, queima de fogos de artifícios, discursos, cujo tom exaltava o trem de ferro à condição de algo novo por excelência na vida dos paraibanos. Enfim, foi um dia dedicado à comemoração de algo que se mostrava iminente. Quando o primeiro trecho foi inaugurado, entre a capital e a vila de Mulungu, em 1883 um certo cronista da capital que se fazia presente a solenidade, assim se expressou:

Cumprindo o cerimonial religioso, com a presença de ‘el cura’, que ‘latinou, empunhou o byssope e atacou água’ na locomotiva Isabel, esta, já devidamente ‘baptisada’ e com todos os convidados a bordo, pôs-se em movimento. Assim, ‘como um lutador que experimenta as forças, a Isabel jogou os músculos de aço, soltou o grito alarmante do progresso e, desenrollando no espaço o novello fumarento do seu hálito, partio ao som da música e da aclamação dos que ficavam. (...)variando de

<sup>39</sup> APUD ARANHA, Gervácio Batista. *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais*. São Paulo: UNICAMP, tese de doutorado, 2001, p.374.

<sup>40</sup> Idem

velocidade, corre a locomotiva, atritando os rails; voa o tempo e diminui o espaço, de lado e de outro da estrada, como no fundo de um cenário, surgem admiradores do grande invento, a exemplo daquele velho com uma creança nos braços e que parece dizer-lhe: ‘ainda não saíste do berço e já estás vendo aquilo que só me foi dado quase ao entrar para o túmulo; quando tiveres da minha idade, (...) o que não terá o gênio do homem inventado, o que não mostrarás a teus netos!! (APUD ARANHA, 2001, p.378).

A presença do trem marcou um novo espaço-tempo para as populações. Pois a vida das pessoas não foi mais a mesma, precisavam aprender a conviver com o tempo produtivo do trem. O agricultor, apesar da sua simplicidade, sabia que a vida do neto seria diferente, pois seria marcada pela convivência com a máquina, coisa que ele viu já “bem perto de ir para o túmulo”. O espanto do agricultor ao ver a locomotiva varando a estrada, talvez expresse um pouco de admiração e medo, pois o “ambiente moderno que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo, ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (HARVEY, 1992, p.21 ).

Entretanto, qualquer decisão que dissesse respeito à construção de trechos ferroviários era motivo para se comemorar. Nesse contexto, o pesquisador Gervácio Aranha, observou que em Campina Grande-PB, o anúncio de um decreto autorizando o prolongamento dos trilhos para aquela cidade, foi o suficiente para que o chefe político local, Cristiano Lauritzen, percorresse a cidade com o telegrama na mão, convidando o povo para ir à festa que promoveria para celebrar tal acontecimento. Construiu-se toda uma representação de progresso, de modernidade, ligadas ao advento do trem de ferro, pois tanto os políticos, como os letrados, exaltavam as benesses desse ícone do moderno, que quando havia o anúncio de concessão de estrada de ferro para uma cidade, ali já não se falava mais em outra coisa.

O poder que o trem de ferro assumiu no imaginário social do século XIX e meados do século XX foi tão forte, que se tornou logo matéria-prima para arte, pois,

A imagem da serpente de aço deslizando sobre os trilhos, o apito da locomotiva a vapor, sua fumaça inundando tudo, transformou-se em matéria-prima para a arte em suas diversas manifestações. Em 1873, o pintor impressionista Édouard Manet pintou *A ferrovia (grifo nosso)* (Gare Saint Lazare), focalizando uma mulher e uma criança nessa estação ferroviária de Paris. Quatro anos depois, o também impressionista Claude Monet exibiu sete estudos sobre a Gare Saint Lazare, além de produzir nessa mesma época, diversos quadros representando trens e ferrovias. Em 1895, ainda nos primórdios do cinematógrafo, os irmãos Auguste e Louis Lumière encantaram os espectadores com *A chegada do trem à estação de La Ciotat (grifo nosso)*, uma

pequena obra prima. A plasticidade da Maria-fumaça, o símbolo de força e poder que representava, iniciava assim seu namoro com as telas<sup>41</sup>.

Como vimos, o trem apareceu como forte presença no imaginário social da época, decantado em versos, a exemplo do *Trem de Alagoas* publicado em 1939, indicando que o trem partia do Recife (em 1930) com destino à cidade alagoana de Catende. Em plena década de 1950 quando ninguém mais ignorava o descaso das autoridades brasileiras com a malha ferroviária do país ainda ecoava forte, como parte do imaginário do trem, o que representava em termos de padrão de velocidade. Em poema publicado em 1954, João Cabral de Melo contemplou todo o percurso do rio Capibaribe, desde sua nascente até a cidade do Recife, onde se encontra com o mar (ARANHA, 2008, p.149). O trem de ferro também é decantado em romances, como por exemplo as tramas do ciclo do açúcar, do paraibano José Lins do Rego, (seu tempo de menino) profundamente marcadas pelo imaginário do trem.

Os exemplos acima deixam claro o impacto causado pelo trem de ferro no imaginário social, porém, se entre as décadas de 1930 e 1950, o trem marcou profundamente as localidades por onde chegou, o que dizer da repercussão de sua chegada na cidade de Campina Grande – PB, em 1907. O cronista Cristino Pimentel, que se encontrava no trem inaugural entre as cidades de Campina Grande e Juazeirinho, no ano de 1957, ao observar a animação do povo de Juazeirinho, naquele dia do trem inaugural, lembrou-se do dia em que chegou o primeiro trem à Campina Grande, e rememorou: “nesse momento eu me transportei ao palco da minha infância, quando o vapor chegou a Campina (...) houve música, e vivas ao gringo (referência a Cristiano Lauritzen), a quem se devia aquela iniciativa” (APUD ARANHA, 2001, p.385). De fato, alguns indícios que ficaram do referido acontecimento, a exemplo da ilustração número 03, que registra a decantada cerimônia, nos dão mostras do glamour presente na referida ocasião. Um grande número de pessoas se aglomerou na plataforma da estação ferroviária, bem próximo aos trilhos, e pelos vestuários, se fizeram presentes pessoas das diferentes posições sociais. Conforme podemos visualizar na fotografia, em frente à entrada central da estação, um grupo de mulheres com seus vestidos brancos e longos dava a entender que se tratava de senhoras ou/e senhoritas pertencentes a elite social da época. Na fotografia também é possível identificar pessoas trajando paletós e chapéus

---

<sup>41</sup> FERREIRA, José Victor. O trem no imaginário brasileiro. In: *Revista Caminhos do trem: a conquista do território brasileiro*, São Paulo: edição número 04, 2008 p.54.

pretos, trajes típicos dos grupos privilegiados, além de pessoas vestidas da forma mais humilde possível, inclusive alguns usando chapéus de palha, indicando que se tratava de gente simples.



Ilustração número 03: Estação ferroviária de Campina Grande – construída e inaugurada em 1907. Acervo do Museu Histórico de Campina Grande – PB.

Enfim, fica claro pelo exposto acima, a importância que o dia inaugural do trem de ferro representou para a localidade que tinha o orgulho de recebê-lo. Porém, como vimos em parágrafos anteriores, no início da década de 1920 (no governo Artur Bernardes -1922-1926) as obras das estradas de ferro foram interditadas. Mesmo com a interdição, os trabalhos do trecho ferroviário de São João do Rio do Peixe a Cajazeiras - que passou a ser um ramal – continuaram, por isso em 1923 o trem marcou presença na referida cidade sertaneja. E daí, só após ter se passado três anos, chegou à cidade de Sousa no ano de 1926.

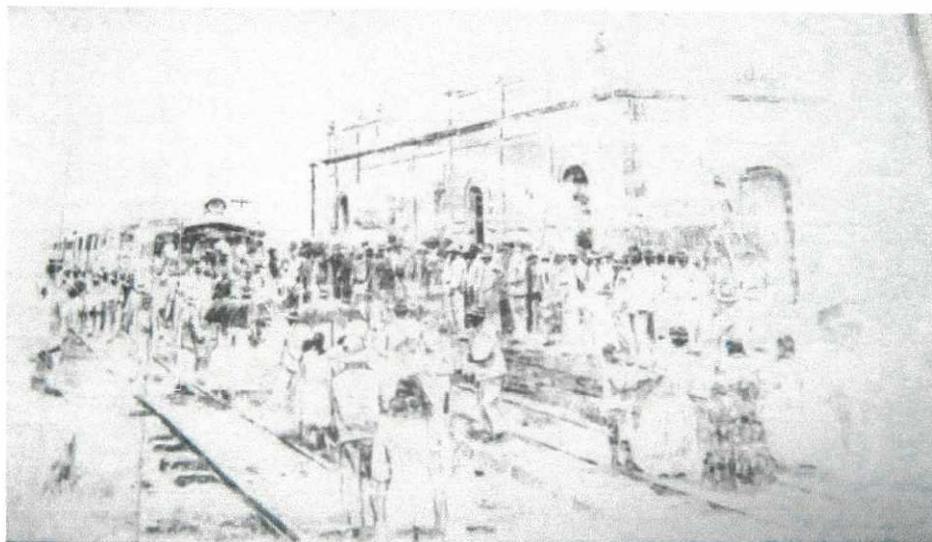


Ilustração número 04: Trem inaugural na cidade de Sousa, no sertão paraibano, no ano de 1926. (Reproduzida de MELLO, 1995)

Conforme é possível observar a partir da ilustração acima, no dia do trem inaugural, a cidade de Sousa praticamente parou, um grande número de pessoas, tanto da cidade como das fazendas e sítios vizinhos ocuparam o espaço da estação ferroviária à espera do trem de ferro. No momento em que o trem parou na estação, as pessoas invadiram os trilhos numa busca frenética para se aproximar, e assim poder observar e até mesmo tocar no grande ícone da mecânica moderna, que a partir daquele dia passou a marcar presença naquela cidade do Sertão paraibano.

Só em 1932 a cidade de Pombal recebeu o “monstro de ferro”. Wanderley esclarece acerca dessa questão:

Muitos dos nossos rememoradores tentaram nos contar como foi esta ocorrência, mas seus depoimentos nem sempre se coadunam, isto porque se alguns relatos de memória são parecidos, outros entram em conflito sobre detalhes significativos, e apesar de suas versões sobre aquele evento serem cambiantes, múltiplas, todos eles estão de acordo num aspecto: o advento do trem de ferro provocou o surgimento de novas sensibilidades e sociabilidades<sup>42</sup> entre os habitantes de Pombal (WANDERLEY, 2009, p.82).

<sup>42</sup> Com relação aos conceitos de sensibilidade e sociabilidade, a pesquisadora se apóia no trabalho do professor Gervácio Aranha, que trata as estações de trem como espécies de portas abertas para o mundo, tendo em vista que os trens tornaram-se canais por meio dos quais essas estações se constituem enquanto espaços de intensa sociabilidade, convergindo para elas praticamente todos os interesses da coletividade, em seus laços com o mundo exterior, sejam econômicos, políticos, afetivos (WANDERLEY, 2009, p.82).

Alguns personagens que estavam na estação ferroviária de Pombal no dia da solenidade, entenderam que naquela ocasião não houve festa, pelo fato de (na referida cidade) a solenidade de inauguração não ter contado com o ato oficial, assim como ocorrera nas demais cidades, em que os políticos locais, e até mesmo estaduais colocavam-se em posição de destaque, e procuravam sempre aparecer como os grandes benfeitores da obra. Ao contrário, para a maioria dos depoentes a festa ocorreu, pois o povo queria mesmo era ver o “monstro de ferro”, esperado há décadas naquela urbe. Com isto, durante semanas o assunto predominante em Pombal foi a chegada do trem. No dia marcado para tal acontecimento, logo cedo um grande número de pessoas se direcionou para a estação ferroviária, tendo em vista que ninguém queria perder aquele evento especial. E apesar do atraso ninguém reclamou, pois todos se distraíam num ambiente que comportava ricos e pobres. Nesse contexto, o senhor Pedro Fernandes de Almeida, assevera:

Ora, quando menos se esperou foi aquele barulho enorme. Parecia que o mundo vinha se acabando. Aí todo mundo ficou olhando para o lado ali do Rói (aponta). Aí lá vinha aquela máquina enorme: café-com-pão, café-com-pão, café-com-pão! Era o barulho do trem. Aí quando chegou bem pertinho da estação... ainda apitou de novo piiiiii!!!! O povo ficou todo admirado. Uns correram com medo! Também um bichão daquele tamanho, com um barulho daquele? Aí foi aquela salva de palmas, os fogos truando (sic) e tudo mais (APUD WANDERLEY, 2009, p.106).

Nessa época (quando o trem chegou gradativamente ao Sertão) Patos já era vista pela imprensa paraibana como uma das mais promissoras cidades do interior da Paraíba, sendo um centro comercial e cultural do Sertão. Assim sendo, segundo uma matéria publicada no jornal “*A Imprensa*”, uma das coisas que mais confortava o forasteiro na florescente cidade sertaneja, era sem dúvida o *Hotel Centenário*, “cujo refeitório talvez seja o melhor do Estado”, hotel que contava com um salão amplo largamente aberto para o nascente e para o Norte, sem portas, com um gradil de pouco mais de meio metro de altura e sem guarda, sem a menor cautela. Não faltavam plantas, vasos cheios de flores, um rádio (e como na época não havia emissora de rádio em Patos, ouvia-se ali a Rádio Clube de Pernambuco) e uma vitrola. Além disso, o refeitório ficava tanto durante o dia como durante a noite com suas portas abertas, dando a entender que ali não existiam ladrões<sup>43</sup>.

<sup>43</sup> Jornal *A imprensa*, João Pessoa, 19 de julho de 1936

Assim, dá para imaginar a ansiedade, ou até mesmo a revolta, dos habitantes de Patos, em saber que algumas cidades sertanejas, inclusive com menor expressão, já contavam com o transporte ferroviário. Então, o prolongamento da ferrovia para essa cidade era assunto preferido em qualquer roda de conversa.

Em 1936, há um sobressalto da população local, diante de notícias segundo as quais seriam desviados para o Ceará, especificamente para a região de Sobral, não só os recursos mas o próprio material destinado a construção da ferrovia Pombal- Patos. Os recursos eram da ordem de quatro mil e quinhentos contos de réis, alocados pelo deputado Pereira Lira, a quem foi enviado um telegrama acompanhado de um abaixo assinado com 70 assinaturas, nos seguintes termos: “Nós abaixo assinados, sensivelmente prejudicados, pedimos V. Excia que se digne patrocinar nossa justa causa, sentido seja terminada estrada de ferro aqui cujo entrave é uma falta de patriotismo e de justiça a uma coletividade<sup>44</sup>”.

Porém, só oito anos após o referido telegrama, os patoenses ouviram o apito estridente da locomotiva que estacionou de forma espetacular na estação ferroviária daquela cidade. Foi em 26 de janeiro de 1944, quando chegou a Patos o primeiro trem de passageiros, vindo de Fortaleza, o que assinalou o término do trecho ferroviário Pombal - Patos. E mesmo não sendo a inauguração oficial da obra, que só ocorreu no dia 19 de abril do referido ano. Naquele dia a A.C.I.A.P (Associação Comercial Industrial e Agrícola de Patos) divulgou nota oficial convidando os comerciantes e o povo de Patos em geral, para se juntarem as 17:00 horas em frente ao cine *Eldorado* (nessa época ainda funcionava no prédio localizado na rua Grande, próximo a Matriz de Nossa Senhora da Guia) e de lá seguir em caminhada para a estação ferroviária, para receber o trem que deveria chegar no horário anunciado. A referida associação também solicitou ao Prefeito Municipal, Sr. Manoel Severiano de Souza, autorização para que o gerador de energia elétrica da cidade fosse ligado uma hora mais cedo, pois isso possibilitaria a divulgação do evento na difusora local. A solenidade contou também com a presença da banda de música da cidade.

Enfim, mesmo não se tratando da cerimônia oficial de inauguração do referido trecho ferroviário, aquele dia 26 de janeiro, representou para muitos habitantes de Patos o primeiro contato com o trem de ferro, e assim sendo, na medida em que o “sol ia esfriando”, as ruas da

---

<sup>44</sup> Jornal *A imprensa*, João Pessoa, 29 de abril e 10 de julho de 1936.

cidade iam sendo tomadas por curiosos, que se aglomeravam principalmente nas imediações do *cine Eldorado*, para de lá seguirem para a estação ferroviária.

A inauguração oficial da obra, só aconteceu no dia 19 de abril de 1944, e no dia 23 do mesmo mês, o jornal *A União*<sup>45</sup> trouxe uma longa reportagem sobre o assunto:

Nesse dia Patos despertou no uso da velha praxe da salva de 21 tiros. Era o convite a população para as festas. Assim as 7:30 horas as ruas se mostravam movimentadas. Desfilavam pela via pública o Ginásio Diocesano de Patos, o colégio Cristo Rei e o Grupo Escolar em direção a matriz para ouvir a missa campal celebrada pelo padre Francisco Lopes. Estavam presentes o representante do governo do estado, autoridades municipais e destacados elementos do comércio e da lavoura. Após o encerramento da parte religiosa, ocorreu a cerimônia de hasteamento da bandeira na Prefeitura Municipal, o dr. Lourival Cavalcanti diretor do Grupo Escolar falou exaltando as virtudes do Presidente Vargas<sup>46</sup>. Em seguida foram para a estação ferroviária inaugurar o trecho (ferroviário) que liga Pombal a Patos.



Ilustração número 05: Cerimônia oficial de inauguração do trecho ferroviário Pombal – Patos. Acervo da Associação Comercial de Patos.

A ilustração acima mostra claramente que o ato de inauguração (do trecho ferroviário) foi solene, pois (como vimos acima) apesar da primeira viagem de trem entre Pombal e Patos ter ocorrido em 26 de janeiro de 1944, aquele dia -19 de abril - representou a inauguração oficial da referida obra. Na sala principal da estação ferroviária, o engenheiro

<sup>45</sup> *A União* João Pessoa, 23 de abril de 1944

<sup>46</sup> A exaltação a figura do Presidente Vargas se dava pelo fato da referida festa de inauguração ter acontecido dentro das comemorações do seu aniversário natalício, para saber mais sobre esse assunto, ver: FILHO, Severino Cabral. *Água: desejo, promessa e espetáculo*. In: a cidade através de suas imagens : uma experiência modernizante em Campina Grande. João Pessoa- PB: UFPB, tese de Doutorado, 2007

diretor da RVC (Rêde de Viação Cearense), abriu a sessão e convidou para ocupar a presidência o dr. Janduhy Carneiro, diretor do Departamento de Saúde, representante do interventor Estadual Ruy Carneiro. Na ocasião, usaram a palavra o engenheiro José Olinto, diretor de construções que expôs aos presentes o desenvolvimento dos trabalhos para a conclusão, até ali, do novo ramal da Rêde de Viação Cearense. Dizendo da importância da estrada para as populações sertanejas e, sobretudo, do interesse tomado pelo Governo Estadual para que se objetivasse aquele secular anseio dos nordestinos que sempre sonharam com aquela ligação. Usou em seguida da palavra o dr. Janduhy Carneiro que se congratulou, em nome do interventor Ruy Carneiro, com o povo de Patos, pela inauguração da ferrovia que tantos benefícios proporcionaria ao povo do Sertão. Todavia, no instante da fotografia, a postura das pessoas presentes nos sugere que estava acontecendo à execução do Hino Nacional Brasileiro. É possível visualizar também uma fita, posicionada logo em frente às autoridades, que muito provavelmente foi cortada, após a execução do Hino Nacional, simbolizando o ato inaugural.

Após a cerimônia na estação ferroviária a comitiva seguiu para o posto de higiene, outra obra que seria inaugurada naquele dia - conforme ilustração número 06 - e mais uma vez ocorreram discursos das autoridades presentes. Os oradores exaltaram entre outras coisas, a figura de Vargas, Ruy Carneiro, Janduy Carneiro e destacaram a importância da referida obra, para Patos e região. Em seguida houve distribuição de leite para as crianças carentes. No final da cerimônia foi oferecido um almoço às autoridades, no salão de honra da Prefeitura Municipal.



Ilustração número 06: Inauguração oficial do Posto de Higiene de Patos. (Reproduzida do jornal “A União”, João Pessoa, 23 de abril de 1944).

É visível a grande quantidade de pessoas presentes no ato de inauguração do posto de higiene, que teve início às dez horas da manhã, e segundo o editorial de *A União*, de 23 de abril de 1944, foi o ponto alto da festa. Na oportunidade falou o prefeito de Patos, senhor Severiano de Souza, que frisou a importância daquela obra para a cidade. Em seguida falou dr. Janduy Carneiro (responsável pela inspetoria de higiene e na oportunidade representante do governo do Estado). Finalizando a cerimônia inaugural, numa demonstração clara de assistencialismo, houve doação de leite para as crianças carentes.



Ilustração número 07: Distribuição de leite para crianças carentes. (Reproduzida do Jornal *A União* de 23 de abril de 1944)

É bastante clara na ilustração acima a quantidade de mulheres com crianças nos braços, trajando roupas simples, dando a entender tratar-se de pessoas pobres que foram participar da festa, mas que estavam também interessadas em receber o leite que iria alimentar as suas “raquíticas” crianças. Alguns degraus acima delas, é possível perceber a presença de homens trajando paletó e gravata, dando a entender que trata-se de representantes da política, do comércio e da lavoura, que tentam se colocar na posição de benfeitores da obra inaugurada. Metaforicamente falando, temos nas duas imagens acima, dois ingredientes que se oferecem como um “prato cheio” para os representantes dos poderes locais/estaduais aparecerem como benfeitores do povo: pão e circo para os populares ali presentes.

Com a chegada do trem (vindo do Ceará) Patos tornou-se ponta de trilhos, sendo elo de ligação com Campina Grande através da estrada central (que fora concluída na década de 1930) e que possibilitou o tráfego de caminhões. Na época a cidade contava com a ACIAP (Associação Comercial Industrial e Agrícola de Patos) fundada numa reunião que ocorreu no prédio da Ação Católica, ao lado da Igreja Matriz em novembro de 1943. Naquele momento (quando o trem chegou do Ceará) o processo de modernização em Patos, passou a ser visível, pois entre outros empreendimentos já citados anteriormente, houve a instalação da Anderson Clayton em 31 de Janeiro de 1936 e da SANBRA, duas indústrias de beneficiamento do

algodão, que passaram a gerar empregos na cidade. O seu comércio já se destacava, inclusive com feira semanal, na segunda e na quinta feira, sendo que essa última foi criada em 1943.

O *cine Eldorado* inaugurado em 1934 alegrava as noites patoenses com seus filmes ontológicos; a difusora “*A voz das Espinharas*” trazia as notícias da guerra através da sintonia com a BBC Londres. Enfim, Patos era a cidade que mais crescia no Sertão paraibano. Com a chegada do trem, a estação de Patos tornou-se por excelência um espaço de novas sociabilidades, espécie de passeio público, sem dúvida um dos lugares mais atraentes da cidade, assunto que será discutido no próximo item.

### 1.3 As ferrovias como canais de novas sociabilidades e ofertas de trabalho

#### 1.3.1 A estação ferroviária de Patos e as sensibilidades do moderno

Buscando recuperar o que for possível, do ambiente da estação ferroviária de Patos nos idos de 1950, quando muita gente para lá se dirigia para assistir a chegada do trem de ferro. No dia 05 de março de 2010, fui até lá com o nosso colaborador, o senhor Antonio Aureliano Silva (Madureira), um dos freqüentadores assíduos da referida estação nos anos de 1950, que na oportunidade, rememorou:

Interessante o que é a gente ver isso aqui de novo, daqui até certo ponto virava um glamour! Era um grande vai e vem, um verdadeiro costurar! Usava-se as melhores roupas, a espera do trem, alguns vinham esperar familiares, e outros vinham só mesmo pra passear... para ver coisas diferentes, aqui era o setor de carga e descarga, ali era o setor de transporte de passageiros, isso aqui era cheio, era muita gente da cidade só para esse acontecimento, não tinha muita motivação na época, essa chegada de trem era uma beleza, isso acontecia as quartas feira as 3 horas da tarde, quem anunciava essa chegada era o sol, quando o sol esfriar, eu vou para a estação, quando o trem chegava na ponte do frango<sup>47</sup> aí tinha aquele buzinar! aí as pessoas já ficavam naquela ânsia da chegada do trem, isso aqui se enchia de gente, era preciso que o guarda de trilhos ficasse limitando o avanço das pessoas<sup>48</sup>.

<sup>47</sup> A ponte que o nosso memorialista se refere está localizada na propriedade de mesmo nome, que fica a uns 3 Ou 4 km (sentido oeste) de Patos

<sup>48</sup> Depoimento concedido pelo senhor Antonio Aureliano Silva (Madureira) ao autor, no dia 05 de março de 2010.

É possível perceber como os relatos de memória do nosso depoente, são fortemente tocados pela imagem do trem de ferro como algo revolucionário por natureza, capaz de fomentar o desenvolvimento desse ou daquele lugar por onde chegasse. Assim sendo, vejo que não seria pretensão de nossa parte estender esse imaginário ligado ao trem de ferro, a uma parcela maior de cidadãos patoenses que viveram o período estudado, visto que, a chegada (diária) do trem em Patos se constituiu num espetáculo que atraiu muita gente para a estação, fazendo com que essa se tornasse um ponto privilegiado de novas sociabilidades. Assim como ocorrera em outras cidades quando da instalação de suas respectivas estações ferroviárias Brasil afora. Nessa perspectiva, o pesquisador Gervácio Aranha, em seu estudo sobre as estações ferroviárias, observou que sendo espécies de portas abertas para o mundo exterior, a sua instalação atraiu tanto uma rede de serviços, a exemplo de: bares, cabarés, hotéis, baixo meretrícios etc. Quanto à mancha urbana em sua direção, em especial nas localidades onde elas foram construídas afastadas do perímetro urbano (ARANHA, 2007, p.114).

Assim sendo, deixemos que o memorialista Antonio Aureliano Silva (Madureira) se expresse:

Você vê que isso aqui cresceu, de início o comércio veio para aqui, principalmente auto peças, aqui tinham dois postos de gasolina, restaurante, (na época era rua do sol), os bons restaurantes vieram pra cá em função da rede ferroviária, hotel vieram para cá, tinha o Santa Terezinha, e outros, eram hotéis de grande porte, olhe em matéria financeira a rede ferroviária foi de uma enorme importância, tudo vinha no trem. Quando atrasava o trem atrasava tudo, quando chegava o trem tinha novidade, os circos vinham de trem, era uma maravilha, a região dos circos era onde o trem faz a manobra, isso daqui que você vê tudo pertence a rede ferroviária federal, os circos era um acontecimento! Vê os elefantes! E demais animais. O centro de Patos não lembro bem, mas, nessa época não era calçado, o carnaval da época era uma maravilha, não sei por que acabou o carnaval de rua em Patos era um maravilha. Pra você ter uma idéia quando o exército veio para Patos essa casa aí (se refere a uma casa localizada em frente à estação) foi o quartel do exército, quem botou os trilhos foi os soldados do exército. Ali (se refere a outro prédio também em frente à estação) era a oficina da rede ferroviária onde consertava máquinas e vagões, o trem quebrava a rotina da cidade, o pessoal vinha antes um pouco, dependia do sol, mas mesmo assim vinha muita gente, tinha o comércio informal, pirulito, rolete de cana, cavaco chinês, se usava as melhores roupas, pra você vê a importância do evento<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> Depoimento concedido pelo senhor Antonio Aureliano Silva (Madureira) ao autor, no dia 05 de março de 2010.

Fica evidenciado então, o impacto causado pelo trem de ferro na cartografia urbana de Patos, pois além de atrair uma rede de serviços para as imediações da estação ferroviária, esta, tornou-se também ponto de novas sociabilidades, local para onde afluíam: senhoritas, cavalheiros e rapazes a fim de assistirem a chegada do trem.

As imagens literárias, como também os testemunhos de memorialistas e demais indícios que acenam para a presença do trem de ferro, nessa ou naquela cidade, vila ou povoado, nos dão mostra da grande importância que as estações ferroviárias passaram a representar no universo de cada localidade onde foi instalada, as quais se tornavam “espécie de portas abertas para o mundo”.

Enfim, sociabilidade como a da estação de *Pureza*, uma pequena estação ferroviária, localizada num lugar ermo, quase sem vida, entre Paraíba e Pernambuco, centro de uma trama literária que tem como título o nome da referida estação de trem, ali a monotonia era quebrada nos quinze minutos que o trem parava na estação.

Na hora dos trens de passageiros, porém, a estação se movimentava. Do meu alpendre eu via quando começava a chegar gente. O primeiro que aparecia era o cego, que sempre passava pelo chalé para pedir a Felismina a sua esmola. Duas vezes por dia. Esse cego ficava na plataforma, de mão estendida. Vinha também um carteiro de São Miguel com a mala do correio. Esses dois eram figuras obrigatórias. Às vezes chegavam carros de bois com famílias dos engenhos. As mulheres procuravam a casa do chefe, para mudar de vestidos. E os homens tinham direito às cadeiras de palhinha da sala de visitas. Outros, de guardo-pó no braço, esperavam o trem. E a estação ficava com uma meia hora de movimento intenso. Quando havia atraso no horário, saíam para passear nos arredores (REGO, 1982, p.13-15).

Em um certo momento da trama, os ferroviários deflagraram uma greve, e com isso *Pureza* ficou sem os trens que diariamente quebravam o cotidiano da estação. Nos dias em que os trens deixaram de passar, a vida em *Pureza* mudou completamente. Os dias ficaram mais longos, entregues a solidão.

Entretanto, apesar de Patos, em relação à *Pureza*, já ser uma cidade bastante habitada, visto que no recorte temporal estudado, sua população estava entre sete mil e treze mil habitantes, aproximadamente, a chegada dos trens era um espetáculo bastante esperado. O senhor Genival Maciel de Almeida (seu Bau), um dos freqüentadores da estação ferroviária de Patos, descreve os passeios públicos na referida estação:

Quando o trem dava um eco, o povo corria pra estação, ali era lotado de gente, ficava carro de trem carregado de mercadoria, o povo ia mais olhar o movimento, vinha

muita gente de fora, eu me lembro que Mocinha tinha um vestido de linho com golas era lindo demais, era mais ou menos parecido com esse aí (no momento da entrevista D. Mocinha estava sentada em frente a Seu Bau) as pessoas se vestia com *diagonal branco* chega cheirava a água de coco. Tinha um tio de mocinha que tinha 50 pares de meias, a gente tinha muito alfaiate que fazia as roupas, o tropical azul era para o derradeiro dia de festa (ele se refere à festa de Nossa Senhora da Guia), era uma maravilha<sup>50</sup>!

O nosso memorialista também lembra os passeios na Praça Getúlio Vargas, nos domingos a noite.

Olhe você pergunte a Madureira, na Praça Getulio Vargas era uma festa, você vê, andava tudo engravatado de roupa de diagonal, tropical, a banda tocava ali, a gente tomava uma cervejinha com um pedacinho de frango, não era assado, era recheado, com verduras, era uma festa, que a gente tinha aqui todo domingo na praça<sup>51</sup>.

A senhora Luzia Vieira Maciel (Dona Mocinha)<sup>52</sup>, assevera: “era bom demais, eu morava aqui (no atual Bairro do Belo Horizonte), o meu pai não queria deixar a gente sair, a gente fugia para ir pra praça, o carnaval era na Prefeitura, o bloco na rua era muito bom”. Seu Genival, complementa - “naquele tempo usava lança, era uma coisa linda”. D. Luzia “meu pai comprava lança pra nós, nós botava no lenço e cheirava, mais era bom rapaz mais tudo sem maldade, era uma beleza rapaz, nessa época!”

Dona Luzia e seu Genival, relembram com saudade da época em que eram jovens, sempre fazendo questão de frisar que “hoje em dia não existe mais festa”, que os jovens de hoje não sabem mais se divertir, “tempo bom era o nosso”.

O romantismo no discurso dos nossos memorialistas tem um sentido, eles foram também protagonistas de um conjunto de mudanças comportamentais que ocorreram no mundo - com uma intensidade incrível - a partir de meados do século XIX. Foram novos valores, novas atitudes, que contrastavam com os valores ditos tradicionais. O processo de modernização da urbe fomentou novas sensibilidades, isto é, o comportamento (das pessoas) ganhou feições modernas, hábitos considerados civilizados nas principais capitais brasileiras,

---

<sup>50</sup> Depoimento concedido pelo senhor Genival Maciel de Almeida (seu Bau) ao autor, em 04 de março de 2010

<sup>51</sup> IDEM

<sup>52</sup> A senhora Luzia Vieira Maciel (Dona Mocinha) e o senhor Genival Maciel de Almeida são casados. Assim sendo, em várias das nossas entrevistas encontravam-se presentes os dois.

a exemplo do Recife e do Rio de Janeiro, principais vitrines do moderno na época, passaram a fazer parte do cotidiano das cidades interioranas, a exemplo de Patos.

De resto, modernidade enquanto experiência marcada pelo novo mundo afora, teve um preço. “O individuo vê-se confrontado com uma multiplicidade de objectos culturais, desde a religião à moralidade, dos costumes à ciência, da arte aos sistemas econômicos” (SIMMEL, 2008, p.15). No mundo cada vez mais plural, sentem-se rodeados por um conjunto de objetos que acirram e controlam seus desejos e necessidades. “Efeito de semelhante situação será, então transformar-se ele próprio em peregrino e vagabundo, em *flanêur*, sempre *in itinere*, a caminho ou em *debandada*, sem fins ou objetivos seguros” (SIMMEL, 2008, p.16).

A instalação dos equipamentos modernos também contribuiu para o crescimento da população urbana. As dificuldades econômicas, a opressão, a que grande maioria da população rural estava submetida, tendo em vista que muitos fazendeiros ainda conservavam atitudes de senhores absolutos em seus domínios<sup>53</sup>, conjugadas ao imaginário social ligado a um estilo de vida tipicamente urbano que se consolidou ao longo dos anos de 1950, contribuíram para o êxodo rural, isto é, à procura de melhores condições de vida na cidade, o que quase sempre não se concretizava. Assim sendo, na década de 1950 já era bastante visível o crescimento urbano de Patos. Pois enquanto o censo demográfico de 1940 apontou para uma população urbana de apenas 7.760 habitantes, o censo realizado em 1951 apresentou os seguintes números: população do Município: 49.540 habitantes; destes, 34.290 moravam na zona rural; 13.672 na zona urbana; e 1.578 na zona suburbana<sup>54</sup>. A população rural ainda era maior do que a população urbana, porém em uma década a população da cidade praticamente duplicou. E com isso foram surgindo vários aglomerados suburbanos compostos por pessoas geralmente egressas da zona rural do município, com poucos recursos, quase sempre analfabetas, tinham diversas ocupações, entre elas os trabalhos domésticos mais comuns entre as mulheres, e os serviços braçais, seja nas cooperativas de algodão, seja na construção civil, mais comuns para os homens. Portanto, mesmo reconhecendo a importância de uma abordagem que possa revelar com maior rigorosidade o cotidiano desses grupos acima citados, esse trabalho não comporta tal abordagem, pois devido à abrangência do objeto, deve ser estudado de forma mais específica.

---

<sup>53</sup> Ver WANDERLEY, Allyrio Meira. *Ranger de dentes*. Romance. Rio de Janeiro: Companhia Editora Leitura, 1945

<sup>54</sup> Sinopse estatística do Município de Patos, Rio de Janeiro, IBGE, 1948

Entretanto, apesar do transporte ferroviário não representar mais a prioridade dos governos na década de 1950, pois o transporte rodoviário ganhara espaço, o que representou um certo abandono da malha ferroviária do país, a ligação ferroviária com Campina Grande, ainda era um grande anseio da população de Patos e região. Assim sendo,

Em 10 de outubro de 1955 é feito o assentamento do primeiro trilho em direção a (sic) Campina Grande (da ligação ferroviária Patos – Campina Grande), o ato é assistido pelo Coronel Rodrigo Otávio, Comandante do Grupamento de Engenharia do Nordeste e pelo Cel. Onofre de Brito, Comandante do Batalhão Ferroviário sediado em Campina Grande e conta com o comparecimento do Prefeito Darcílio Wanderley e outras autoridades (FERNANDES, 2003, p.295).

E em 16 de janeiro de 1957, chegou pela primeira vez um trem à cidade de Juazeirinho. “O ato inaugural contou com a presença do Presidente da República Juscelino Kubiteschek de Oliveira, do Ministro da Viação Lúcio Meira, do General Nelson de Melo, chefe da Casa Militar e outras autoridades federais, estaduais e Municipais” (FERNANDES, 2003, p.300). Presente no dia da inauguração do serviço de trem, um cronista registrou o que viu. Ele encontrava-se no trem que partiu de Campina Grande, que “apitou para o povo sair da linha, e partir bufando, com aquele bufo característico dos trens do Nordeste, para chegar, um pouco antes das 15 horas, debaixo de foguetões, vivas e música à estação terminal que é Juazeirinho” (ARANHA, 2001, p.383). Ao estourar dos foguetões, o povo saltava freneticamente, e segundo ainda o referido cronista, “via-se a alegria estampada em cada rosto, e o entusiasmo saindo de cada peito. Estava, em parte salvo o Cariri. O trem chegou”(APUD ARANHA, 2001, p.384). O entusiasmo demonstrado em relação ao trem inaugural foi percebido pelo cronista, não só na estação ferroviária de Juazeirinho, mas por todo o trajeto. O trem foi saudado na medida em que passava; nas fazendas a beira dos caminhos, pessoas erguiam os braços ou ‘faziam das mãos bandeiras’ todos o saudavam. Isso porque por onde passa esse trem passa a esperança.

Em 08 de fevereiro de 1958 foi feita a viagem inaugural entre as duas cidades, Campina Grande – Patos. O jornalista José Soares de Souza encontrava-se na cidade de Patos naquele dia, e descreveu:

No dia 08 do corrente esta cidade viveu momentos de grande alegria com a entrega do tráfego (provisoriamente) da Estrada de Ferro CAMPINA GRANDE - PATOS, uma

velha aspiração, não só de Patos como de todo o sertão que hoje também se vê ligado aos grandes centros, através de linhas ferroviárias. A tarde daquele dia grande multidão se concentrou em frente a Estação da R.V.C. aguardando a chegada da composição da Rede Ferroviária do Nordeste que conduzia mais ilustre embaixada composta entre outros de altas figuras do exército nacional tendo a frente o Dr. Renato feio. Ao chegar a ilustre comitiva o povo vibrou de entusiasmo num gesto de agradecimento àqueles que eram os portadores de tão grande realização. Saudando os homenageados falou em nome das autoridades municipais o dr. Francisco Soares, representando o Governador do Estado falou o deputado José Gaioso, em seguida ocupou o microfone o professor João Noberto, terminando, usou a palavra o GAL. Otacílio Terra Urarahy, agradecendo aquela manifestação e entregando ao tráfego a referida ferrovia que será inaugurada oficialmente em abril ou maio próximo, com a presença do senhor presidente da República<sup>55</sup>.

Assim como ocorreu em todos os lugares por onde o trem passou pela primeira vez, no trecho de Juazeirinho a Patos (pelo fato daquela viagem de trem ser a primeira) naquele dia, muitos agricultores não trabalharam, ou largaram o serviço mais cedo, procuraram pontos estratégicos para poder ver de perto o grande ícone da mecânica moderna. Nessa perspectiva, vejamos o depoimento do senhor Geraldo Pinheiro da Nóbrega:

Eu me lembro como se fosse hoje, quando o trem passou pela primeira vez aqui, eu era muito criança, me agarrei nas pernas da minha mãe, tive um medo muito grande, lembro que era de tarde quando o trem apontou lá no corte, vimos o reflexo do sol na máquina, chega clareou, o povo lá de casa veio tudo para ver o trem<sup>56</sup>.

Cristino Pimentel denominou o referido acontecimento de “abraço de trens” pois afinal o trem da Rede Ferroviária do Nordeste encontrava-se com o seu colega da Rede Viação Cearense que vinha de Fortaleza, e passou a ligar as duas cidades mais progressista da Paraíba..

Patos. A cidade bonita da espinhara, onde o progresso calça umas botas brilhantes e expõe vitrines no seu comércio volumoso (...) Campina Grande e Patos, duas mãos que se apertam, duas culturas que se encontram, duas colméias do progresso, que realizam o milagre da multiplicação pelo trabalho, sofrimento e pela paciência<sup>57</sup>.

---

<sup>55</sup> *Diário da Borborema*, Campina Grande-PB, 16 de fevereiro de 1958.

<sup>56</sup> Depoimento concedido pelo senhor Gerlado Pinheiro, ao autor em 14 de abril de 2010

<sup>57</sup> *Diário da Borborema*, Campina Grande-PB, 16 de fevereiro de 1958.

O sonho de décadas estava concretizado. Com a entrega desse trecho ao tráfego ferroviário, cinco capitais nordestinas ficaram interligadas – via trem – e, por sua vez à estação ferroviária de Patos que - desde 1944 já recebia o trem vindo do Ceará – a partir daquele momento tornou-se um ponto privilegiado, uma porta aberta para a comunicação com as principais capitais, pois os trens que ali chegavam apitando, e apitando partiam, como um espetáculo a parte. Os trens, portadores das principais notícias (relacionadas à política, à economia, à moda etc.), traziam as malas dos correios, os jornais por assinatura, entre outras novidades. Acerca dessa questão, Antonio Aureliano Silva (Madureira) relembra:

O trem era de uma utilidade que eu não sei ... tanto pra carga quanto para o deslocamento de pessoas, eu conheço pessoas que tinha caminhão como Caju Verde que viviam exclusivamente do transporte de matérias primas que vinham no trem para distribuir na cidade e na redondeza, os vagões ficavam na linha secundária, e os caminhões ficavam ao lado, era algodão, oiticica, o algodão era beneficiado aqui e daqui saía no trem, eu viajei pra Sousa, pra cá viajei até Itabaiana onde fazia a baldeação, rapaz olhe o dia da chegada do trem em Patos era uma festa, até as mulheres do baixo meretrício ficavam na espera, ali vinham os namorados essa pessoas que trabalhavam na linha férrea eram muito namoradores, eles ganhavam muito bem para o padrão da época, quando eles chegavam! Aí na zona do meretrício não tinha pra ninguém<sup>58</sup>!

No final da década de 1950, o progresso de Patos foi decantado nos principais periódicos do Estado. Em 05 de maio de 1959, o *Diário da Borborema* publicou um editorial, assinado por Cristino Pimentel (correspondente do *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro). O mesmo visitou Patos, em trabalho de divulgação do seu livro “*Pedaços da História de Campina*”. O cronista ficou encantado com a beleza da cidade sertaneja, e sentiu-se ali o cheiro de “civilização”. Pois “os patoenses vivem uma vida não muito longe da ideal.” Contudo, apontou certas carências na urbe em questão, a exemplo de água encanada e energia de Paulo Afonso<sup>59</sup>. O que levou outros cronistas a admirar-se com o impressionante progresso da urbe, mas por outro lado também reclamar da escuridão e da falta de água encanada. Enfim, progressista por um lado, por outro nem tanto. Ademais, nem todos os habitantes da cidade usufruíam dos melhoramentos urbanos que a cidade recebia. E ainda segundo o censo

<sup>58</sup> Depoimento concedido pelo senhor Antonio Aureliano Silva (Madureira) ao autor, em 05 de março de 2010.

<sup>59</sup> Cristino Pimentel, no ano de 1959, ainda estava sob efeito da energia de Paulo Afonso em Campina Grande, inaugurada na cidade três anos antes, em 1956.

de 1950, ia se formando nos arredores da cidade muitas comunidades denominadas na época como suburbanas, composta por pessoas que migravam da zona rural para a cidade, e que viviam em péssimas condições financeiras, habitacionais e higiênicas, residindo principalmente em casas de taipas. Sem escolaridade, tinham como principal meio de sobrevivência, o trabalho nas usinas de algodão.

Cabe ainda ressaltar, que a presença dos ícones da vida moderna em Patos e alhures, exigiu o trabalho de milhares de pessoas, que em sua maioria, movidas pela exploração no campo, encontravam na construção de estradas de rodagens e ferrovias, a salvação para não “morrer de fome”.

Adentramos então a memória de alguns “cassacos”<sup>60</sup>, e isso nos possibilitou acessar rastros que contribuíram na recuperação do cotidiano desses trabalhadores braçais, que impelidos pela falta de trabalho na agricultura – principalmente nos períodos de estiagens – tornaram-se peregrinos em busca da sobrevivência nas obras de estradas de ferro.

### **1.3.2 A construção da ferrovia Campina Grande - Patos: o cotidiano dos “cassacos”**

A construção da ferrovia entre Patos e Campina Grande, além de possibilitar o escoamento da produção do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte pelo porto do Recife, estabeleceu a ligação entre cinco capitais: Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife e Maceió (FERNANDES, 2003). Dessa forma, a cidade de Patos ficou em contato direto com as referidas capitais, e como vimos no item anterior, a chegada do trem a Patos representou o incremento de uma prática modernizante que gradativamente ganhou espaço nessa urbe. Todavia, nesse item o nosso propósito é discorrer sobre o cotidiano dos cassacos, recuperar (o que for possível) da história desses trabalhadores braçais, que com a força do seu trabalho contribuíram profundamente para a execução da referida obra. Foram eles os principais responsáveis pelo trabalho de cavar a terra, transportá-la em jumentos para os aterros, aplicar dinamite para a abertura de “cortes” nas serras. Enfim, colaboraram na modernização do país, mas geralmente são esquecidos pela história oficial.

---

<sup>60</sup> Denominação dada às pessoas que trabalhavam na construção e/ou manutenção de estradas de ferro.

Iniciemos falando sobre o senhor José Gomes dos Santos (Zé Grosso) nascido em 03 de maio de 1927, natural de Patos, nasceu e viveu toda a sua vida na comunidade de Serraria no atual município de Salgadinho PB<sup>61</sup>. Nosso personagem trabalhou de tropeiro na referida obra. Segundo ele

Grande parte dos aterro foi feito utilizando jumento, os acidentes de trabalho era constante. Na frente da Fazenda de Pedro Leite morreu um rapaz numa explosão de dinamite, na construção do viaduto no sitio Bonfim Velho morreu mais dois num acidente com um quíncho<sup>62</sup>.

Apesar de ter começado a trabalhar na obra desde o serviço de terraplanagem - até o momento não temos o ano exato do seu início, mas pelos indícios até então reunidos podemos falar num início por volta do final da década de 1940 e início da década de 1950 – o senhor José Gomes, só teve a carteira de trabalho assinada em 21 de março de 1955, e foi demitido em 14 de abril do mesmo ano.

No momento da entrevista, o senhor José Gomes, já se encontrava com 77 anos, aposentado como agricultor, mas mantinha uma pequena mercearia há mais de 40 anos. O nosso memorialista recordou emocionado recortes do cotidiano da referida construção. “O pagamento dos operário (sic) era mensal, parte em dinheiro e parte em vale para o barracão, existia também um tipo de vale chamado de pau nas costa que poderia ser trocado por dinheiro. No barracão as conta era feita de cabeça<sup>63</sup>”.

---

<sup>61</sup> O território que compreende ao atual município de Salgadinho, até 1961 pertencia ao Município de Patos – PB. Pois sua emancipação política se deu através da Lei nº 2676 de 22 de dezembro de 1961.

<sup>62</sup> Depoimento concedido pelo senhor José Gomes dos Santos (Zé Grosso) ao autor, em 19 de março de 2005.

<sup>63</sup> A soma dos valores correspondentes aos produtos adquiridos nos “barracões” era feita mentalmente, isto é, não costumava-se usar lápis para fazer as contas. Daí a expressão conta de cabeça.



O referido documento pertence aos familiares de Zé Gomes



Outro personagem que colaborou com o nosso trabalho, foi o senhor Júlio Pedro da Silva. Nascido em 19 de março de 1923, natural de Patos, foi cassaco na construção do trecho ferroviário em questão. Sobre esse assunto vemos o que diz o nosso personagem:

Trabalhei muito cavano barreira cavava e os tropeiro carregava em jumento para os aterro, nos corte era usado dinamite. Bati marreta, carreguei fogo dinamite, morreu dois rapaz<sup>64</sup> numa explosão no corte em frente a fazenda de Pêdo (sic) Leite. Quando fui trabaiar (sic) em Campina Grande não tinha registro de nascimento tirei lá<sup>65</sup>.

No momento da entrevista o senhor Júlio Pedro encontrava-se cego, morava na casa de um filho no município de Salgadinho – PB. Guardava uma carteira profissional assinada pela *Construtora Camillo Collier* com admissão em 14 de julho de 1959 e demissão em 31 de março de 1960. Todavia, o nosso personagem trabalhou muitos anos sem assinar carteira. Sobre esse assunto deixemos o sr. Júlio falar, “ante de 1959 eu não tinha documento, por isso não foi pussive fichar”. Contudo, mesmo há mais de uma década da criação da CLT

<sup>64</sup> Sobre esse acidente há uma pequena discordância entre os testemunhos, pois com vimos Júlio Pedro fala em duas mortes, e José Gomes fala em uma. Porém mais adiante Jaime Tenente afirma que só ocorreu uma morte.

<sup>65</sup> Depoimento concedido pelo senhor Júlio Pedro da Silva ao autor, em 17 de março de 2005

(Consolidação das Leis Trabalhista, criada em 1º de maio de 1943) os operários da obra em questão, não recebiam salário fixo, pois o pagamento era sob regime de tarefa, o que fazia com que os trabalhadores só recebessem os dias trabalhados.

No decorrer da conversa, o nosso personagem sempre estava a repetir que: “A vida era muito sofrida, sofri muito, passei muita fome, mas com a *Collier*, miorou (sic) muito, nós tinha pelo o meno (sic) o que comer”, finaliza.

Portanto, quando o assunto é a “*Collier*”<sup>66</sup> não faltaram testemunhos, porém, Anibal Francisco de Araújo, faleceu antes que iniciássemos o nosso trabalho de pesquisa oral. Assim, não foi possível entrevistá-lo. Todavia, encontramos com os seus familiares uma carteira de trabalho, com assinatura da *Construtora Camillo Collier*, infelizmente os campos referentes à admissão e a demissão estão ilegíveis. Existe juntamente com a carteira de trabalho, uma caderneta com anotações referentes ao seu dia a dia na referida construção. Segundo as anotações contidas na caderneta, o senhor Anibal, foi admitido pela primeira vez no dia 03 de outubro de 1951 e saiu em 28 de fevereiro de 1955. Em 15 de abril de 1958 foi readmitido e saiu em 30 de setembro de 1958. Foi readmitido mais uma vez em 20 de outubro de 1959 e demitido em 13 de fevereiro de 1960. Através das anotações que constam na referida caderneta foi possível recuperar em parte os salários recebidos pelo nosso personagem. A referida caderneta também mostra a itinerância desse emprego, tipo de emprego temporário, sendo admitido, demitido e readmitido várias vezes.

<sup>66</sup> Denominação com a qual os cassacos se referem a construção ferroviária em questão.

Ano	Meses	Salário C\$
1951	Outubro	278,20
	Novembro	148,40
	Dezembro	304,50
1952	Janeiro	1.261,00
	Fevereiro	475,60
	Março	180,00
	Junho	270,00
	Julho	527,00
	Agosto	527,00
	Setembro	501,50
	Outubro	527,00
	Novembro	510,00
1953	Março	620,00
	Abril	834,99
	Maio	864,90
	Junho	831,00
	Julho	700,00
	Agosto	635,50
	Dezembro	604,50
1954	Janeiro	ilegível
	Fevereiro	576,80
	Março	396,00
	Outubro	911,40
	Novembro	801,00
	Dezembro	1.045,50
1955	Janeiro	1.089,00
	Fevereiro	565,20
1958	Setembro	Ilegível
1959	Outubro	ilegível
	Novembro	3.300,00
	Dezembro	Ilegível
1960	Janeiro	3.410,00
	Fevereiro	1.540,00

Fica evidente a partir da tabela acima, que os cassacos não tinham salário fixo. Como já expomos em linhas anteriores, recebiam por regime de tarefa. Daí a diferenciação salarial de um mês para outro. Mesmo que trabalhassem do amanhecer ao anoitecer (em torno de 12

horas por dia), o salário recebido por eles era abaixo do mínimo<sup>67</sup>. Porém, o fato de ganharem dinheiro, numa região marcada pela exploração, e, por conseguinte pela falta de trabalho no campo. Os trabalhadores da “*Collier*” adquiriam certo poder de compra, visto que a cada quinzena recebiam seus salários.

O Sr. Jaime Tenente de Oliveira é mais um desses personagens, que nasceu e se criou na agricultura, mas que nos períodos de longas estiagens (fenômeno que ocorre com frequência no Sertão) encontrava como opção de sobrevivência o trabalho em obras públicas. O trabalho na estrada de ferro de Patos a Campina Grande se tornou opção de sobrevivência para muitos agricultores da região.

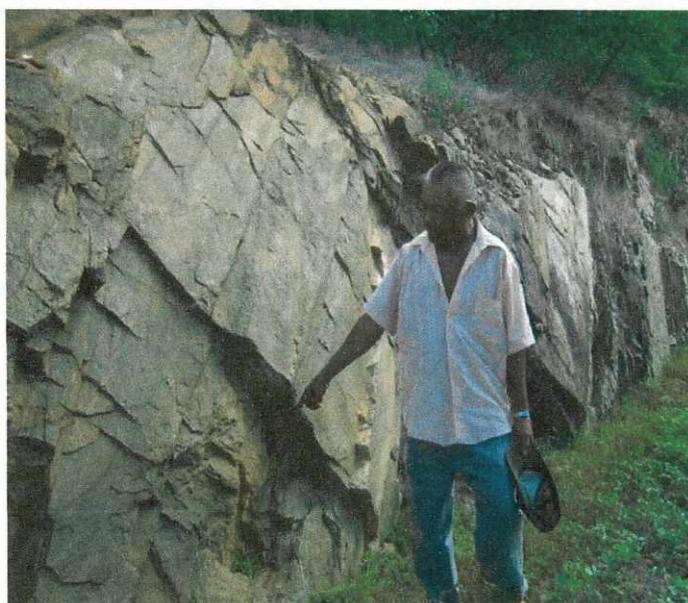


Ilustração número 08: local onde morreu um cassaco em uma explosão.  
Acervo do autor

Na foto acima o nosso personagem aponta para uma das marcas dos explosivos usados na abertura dos cortes. Neste local morreu uma pessoa, deixemos Jaime falar: “foi aqui mermo que morreu um cassaco, vi ele estirado aqui<sup>68</sup>”. Jaime trabalhava cavando barro para

<sup>67</sup> Nessa época havia uma variação entre os valores do salário mínimo de uma região para outra. Todavia, de 1952 até meados de 1954 o salário mínimo na Capital Federal era de 1.200,00 (hum mil e duzentos cruzeiros), a partir de meados de 1954, até meados de 1956 passa a ser de 2.800,00 (dois mil e oitocentos cruzeiros), e partir de outubro de 1956 passa para 3.800,00 (três mil oitocentos cruzeiros), e em 1959 chega a 6.000,00 (seis mil cruzeiros). Ver: <http://www.jfpr.gov.br/ncont/salariomin.pdf>

<sup>68</sup> Depoimento concedido pelo senhor Jaime Tenente de Oliveira ao autor, em 12 de fevereiro de 2010

um aterro próximo ao corte que visualizamos na foto. Foi muito esclarecedor a forma como ele lembrou o local onde cavava barro. Como podemos observar na foto abaixo.

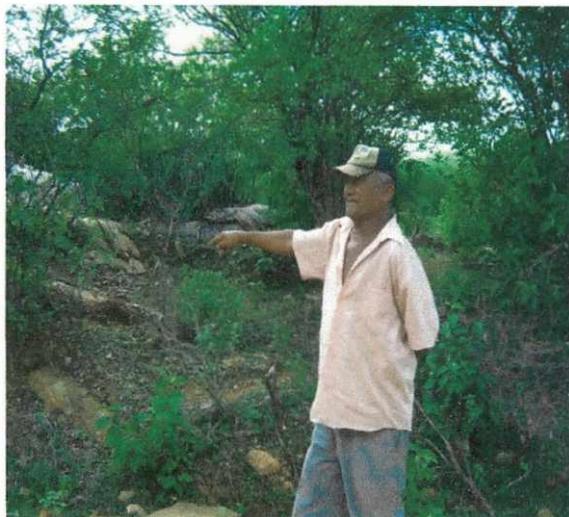


Ilustração número 09: Ponto onde Jaime Tenente cavava barro. Acervo do autor.

Oi aqui o barreiro onde eu trabaiava, eita barreiro grande, eu cavava o barro e os tropero carregava em jumento, tinha um perero ali, parece que derrubaro! oi ele ali! a barraca de nós era esse perero, embaxo chega é liso, era dos cassaco se sentar (risadas), tabaiar aqui era bom, quando pegou o inverno eu curri pó roçado (mais risadas)<sup>69</sup>.

Jaime é sobretudo um apaixonado pela agricultura, trabalhava de cassaco apenas nos períodos de seca, mas quando o inverno começava voltava a trabalhar na agricultura. “quando o siviço aqui afracou, eu fui tabaiar em Campina Grande, lá na estação nova, era um tempo de seca, um dia eu vi um relampo em busca de Patos, vim me borá, quando vim, a chuva tinha sido de solidade pra baixo” (risadas)<sup>70</sup>. Atualmente Jaime é aposentado como agricultor, mas nunca deixou de plantar em seu roçado. Segundo ele “hoje em dia as coisa mioraro demais, antigamente nós sofria muito, comia até xiquexique, miorou um poquim com a Collier”!

Todavia, as ofertas de trabalho não se esgotavam com a conclusão dos trabalhos de construção dos trechos ferroviários, visto que, após a conclusão, as opções de trabalho que

<sup>69</sup> Depoimento concedido pelo senhor Jaime Tenente de Oliveira ao autor, em 12 de fevereiro de 2010.

<sup>70</sup> Idem

corriam as margens dos trilhos, iam desde o fornecimento de lenha para alimentar as “Marias Fumaças”, a manutenção e conservação das mesmas, a venda de água, cocadas umbus e demais produtos, nas estações ferroviárias. Assim sendo, o depoimento de Dona Maria do Carmo, que por muito tempo vendeu cocada, sequilhos, umbus... na estação ferroviária de Areia de Baraúnas, na época distrito de Passagem, e localizado a aproximadamente 40 quilômetros entre Patos e Campina Grande.

A eu vendia muita coisa, aliada, siqui (sequilhos), soda, imbu, cocada, tira gosto, tudo eu fazia pra vender, o trem passava de manhã de nove hora e quatro e meia da tarde, a estação de Baraúna ficava cheia de gente, mas quem vendia mais era eu, eu vendia muita coisa lá, tinha os meus freguês, já tinha aquele povo que comprava a eu, por isso eu vendia tudo que levava, quando sobrava alguma coisinha eu vendia na rua de Baraúna, ou vinha vendendo no camim. Pepeta andava com um balaim de pão pra vender, aí vinha vendendo, e eu entrava na casa de Peninina pra vender, eu lutei muito para criar aqueles filho, assim que começou a passar o trem eu comecei a vender, as mulher de Campina já trazia as sexta pra levar o que comprava, o siqui faz de leite de coco sem água, vinha mulher do cinza (um sitio próximo a Areia de Baraúnas) para vender, elas entravam no trem pra vender, os siqui que eu fazia era bom, em Salgadinho não tinha movimento de venda não, eu ensinei as mulher do cinza a fazer siqui, são feito de leite de coco sem água, se botar água não presta não<sup>71</sup>.

A nossa depoente tinha como principal meio de sustento para a sua família a agricultura, que por questões de infra-estrutura<sup>72</sup>, gerava proventos insuficientes, daí ter encontrado no comércio informal que corria a beira dos trilhos, uma complementação de renda. Uma complementação para o trabalho na agricultura, segunda ela: nos períodos de seca, se não fosse a venda de produtos na estação ferroviária de Areia de Baraúnas as coisas teriam se tornado ainda mais difíceis.

Foi sem dúvida muito gratificante ter a oportunidade de ouvir esses testemunhos, pois o que motivou esse trabalho foi o esforço de recuperar a experiência e os pontos de vista daqueles que normalmente permanecem invisíveis na documentação convencional. O trabalho com a história oral nos possibilitou um contato diferente com as fontes, pois os gestos, a forma como as pessoas se emocionam ao lembrar determinado fato, como por exemplo, quando Jaime lembra o local onde ele cavava barro, a árvore onde os cassacos descansavam,

<sup>71</sup> Depoimento concedido pela senhora Maria do Carmo ao autor, em 21 de janeiro de 2011

<sup>72</sup> É muito comum observarmos no discurso dos sertanejos, inclusive da colaboradora Maria do Carmo, que os proventos insuficientes gerados pela agricultura são devido à seca que assola a região. Porém discordamos desse discurso, pois sabemos que a pobreza da região é uma questão política e não climática.

são momentos que só estando presente para viver o que Barthes denominou de Aura. Dessa forma, recordar é não só selecionar e esquecer mas também uma operação de resgate, nessa perspectiva:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não o viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor (BOSI, 1994, p. 82-83).

Os cassacos contribuíram no desbravamento de regiões inóspitas. Visto que foram eles, com a força do seu trabalho, que construíram estradas de rodagens e de ferro, que viabilizaram o tráfego de automóveis e locomotivas respectivamente. Sentaram os postes que seguravam os fios do telégrafo, esse revolucionário meio de comunicação que adentrou o interior paraibano na passagem para o século XX, e que imprimiu uma velocidade inacreditável na comunicação entre as cidades, vilas ou povoados que tinham o prazer de recebê-lo.

Contudo, uma cidade civilizada, precisava possuir se não todos, pelos menos o máximo possível desses equipamentos tidos como modernos. E nesse contexto, os equipamentos que faziam parte dos serviços de comunicação, a exemplo dos Correios, do telégrafo, dos jornais escritos, das rádios e difusoras entre outros, se constituíram como importantes emblemas do moderno, pois eram responsáveis por interligar as cidades, e assim sendo, funcionaram também como importantes canais de divulgação das sensibilidades da vida moderna, que teve como principal eixo Europa-Rio-Recife. Assim sendo, no capítulo II, a nossa empreitada segue em busca de revelar a modernização nos meios de comunicação em Patos, e sua implicação no imaginário moderno daquela urbe.

## CAPITULO II

### DOS SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO

#### 2.1 Dos Correios, do telégrafo e da imprensa escrita

Em 1833, no mesmo ano em que a povoação de Patos foi elevada à condição de vila imperial, ocorreu também a instalação dos Correios<sup>73</sup>. A partir de então os moradores dessa vila passaram a fazer uso das correspondências escritas com outras cidades, entre elas a Capital, Parahyba do Norte. Como já vimos (no capítulo I) desse trabalho, na época o principal meio de transporte era a tropa de burros, dessa forma uma correspondência entre Patos e a Capital paraibana levava em média oito dias para chegar, o que significa dizer que a resposta para uma dada correspondência levava em média trinta dias. Nesse contexto:

Em 24 de outubro de 1888 é publicado, pela administração dos Correios, edital para contratação, com quem maiores vantagens oferecer à fazenda nacional, de serviço de condução de malas postais para as diversas agências dos Correios na província, três vezes em cada mês. O plano de remessas de tais malas inclui esta vila de Patos, da maneira seguinte:

- Da Capital a Patos, tocando em Mulungu, Areia, Esperança, Soledade e Santa Luzia, ida e volta.
- Da Capital a vila de Teixeira, tocando em Mulungu, Alagoa Grande, Alagoa Nova, Campina Grande, São Pedro e Patos, ida e Volta.
- Da vila de Patos a Catolé do Rocha, tocando no Brejo do Cruz, ida e volta.
- Da vila de Patos à cidade de Cajazeiras, tocando na de Pombal e Souza, ida e volta.
- Da vila de Patos a Princesa, tocando na de Piancó e Misericórdia ida e volta (FERNANDES, 2003, p.122-123).

Assim, pode-se facilmente perceber que no final do século XIX a vila de Patos recebia malas postais oriundas da capital paraibana três vezes a cada mês, tornando-se uma espécie de entreposto de distribuição de correspondências para muitas cidades sertanejas.

---

<sup>73</sup> Ver: Revista Patos, Edição histórica, Patos –PB: Gráfica JB, 2005, ano I, p.03

Dessa forma, os dias marcados para a chegada da tropa que transportava as malas postais, eram esperados com ansiedade. Nas referidas malas vinham às correspondências com notícias de parentes residentes em cidades distantes, e traziam notícias de filhos, irmãos ou namorados que estudavam na capital. Desta feita, aquelas malas postais, eram portadoras de boas e/ou más notícias, como também, simplesmente notícias. Enfim, a chegada das malas dos Correios era o suficiente para quebrar a rotina da vila de Patos.

Na segunda década do século XX os jornais egressos da capital paraibana e de algumas outras capitais brasileiras, a exemplo da capital pernambucana, que na época já contava com importantes periódicos, também chegavam à cidade via Correios. Visto que um romance ambientado em Patos, no início da década de 1920 (quando a vila de Patos já tinha sido elevada a condição de cidade), nos oferece imagens de um magistrado da cidade que assinava, e por sua vez recebia jornais via postal. Dessa forma passava a maior parte do dia em uma rede, armada no quarto dos fundos de sua casa, a ler jornais do Rio de Janeiro e do Recife. Enquanto isso, pelas prateleiras da estante próximo a rede, e até pelo chão, amontoavam-se os processos sem qualquer despacho, eterna dor de cabeça dos advogados que se aventuravam a postular na Comarca<sup>74</sup>.

O mesmo romance também narra sobre seu Porfirio, agente dos Correios em Patos, que entregava os pacotes de jornais ao juiz, mas não os entregava antes que pudesse ler pelo menos as notícias relacionadas ao cangaceiro Lampião, que na época aterrorizava o vizinho Estado de Pernambuco. Seu Porfirio vivia atormentado com a possibilidade de Lampião invadir Patos.

A partir da década de 1940, quando os caminhões, as marinetes e os automóveis, substituíram as tropas de animais no transporte de cargas e passageiros, respectivamente, encurtou-se o tempo da viagem entre Patos e Campina Grande. Isso possibilitou também a chegada mais rápida das correspondências, das encomendas e dos jornais, tanto da Capital Paraibana, quanto da Capital Pernambucana. Dona Maria José César, que trabalhou nos Correios de Patos na segunda metade da década de 1940, assevera:

Naquela época as malas dos Correios chegava e saía de Patos, em um ônibus chamado de *Amarelinho*, quando ele chegava vinha aqueles sacos de correspondências, o que fosse de Patos (os sacos de correspondências) a gente abria e os demais enviava para as outras cidades. Todos os dias a mala dos Correios saía de manhã e chegava de

---

<sup>74</sup> FERNANDES, Flávio Sátiro. *A cruz da menina*. (Romance) Patos- PB: Fundação Ernani Sátiro, 1994 p.17

tarde, tinha os carteiros que entregavam na cidade, vizinho ao primeiro salão era o telégrafo, a gente tinha uma comunicação um com outro, era uma maravilha<sup>75</sup>.

Com isto, a chegada do “*Amarelinho*” (ônibus que trazia as malas dos Correios), era diariamente esperada com ansiedade, tendo em vista que naquele momento a cidade recebia muitas novidades, o que fazia com que o cotidiano de pouco ritmo (típico das cidades do interior na época em questão) fosse alterado. Dessa forma, o contínuo da difusora “A Voz das Espinharas” corria para os Correios em busca dos jornais assinados por seu “Mané Lino”. Não demorava e o locutor de “A voz das espinharas” divulgava os acontecimentos nacionais em destaque na imprensa escrita. Isso fazia com que as pessoas se concentrassem nos locais onde estavam instalados os alto-falantes (da difusora) a fim de inteirar-se dos principais acontecimentos, locais e nacionais. E, por sua vez, esses locais tornavam-se também pontos de intensas discussões cuja temática central era os acontecimentos que acabara de ser noticiados na difusora.

Isso mostra a importância dos locais onde estavam instalados os referidos alto-falantes, como pontos de novas sociabilidades. Cabe ressaltar que a maioria da população de Patos não tinha condições financeiras para assinar jornais, e além disso, a cidade ostentava um alto índice de analfabetismo, assim sendo, o vínculo Correios, imprensa escrita e difusora viabilizou a popularização da notícia, contribuiu para quebrar o monopólio dos endinheirados que assinavam jornais e tornavam-se detentores das notícias, os únicos que podiam ser consultados quando o assunto eram as novidades do momento.

Durante a segunda metade do século XIX e início do século XX, os Correios representaram o único meio de comunicação (a distância) entre a vila de Patos (e a partir de 1904, cidade de Patos) com outras cidades, vilas ou povoados. Só no dia 06 de setembro de 1908, quando Patos já tinha sido elevada à categoria de cidade<sup>76</sup>, ocorreu a inauguração da estação telegráfica, ocasião em que aconteceu uma solenidade, com discursos dos chefes políticos locais, a exemplo de Miguel Satyro, Pe. Joaquim Alves Machado, R. Ulisses Porto, Prof<sup>o</sup> Pedro Torres e Lustosa Cabral (FENANDES, 2003).

<sup>75</sup> Depoimento concedido pela senhora Maria José César ao autor, em 11 de maio de 2010.

<sup>76</sup> No dia 24 de outubro de 1903 através da Lei nº 200 a Vila de Patos foi elevada à categoria de cidade. Em 01 de fevereiro de 1904 ocorre a cerimônia oficial de instalação da referida cidade, cerimônia essa presidida por Sizenando Flórida presidente do Conselho Municipal.

O dia inaugural da estação telegráfica representou a conquista de um importante ícone da modernidade, que havia chegado ao Brasil há pouco tempo do seu surgimento nos “centros civilizados” da Europa. A primeira experiência com o telégrafo se deu na então Capital Federal Rio de Janeiro, principal vitrine do moderno no Brasil, no ano de 1852, tendo sido os equipamentos importados de Londres. Num primeiro momento a comunicação se deu entre algumas repartições públicas, ligando-as a Quinta Imperial e ao Quartel General do Exército. A comunicação por igual serviço se destinou também aos particulares, visto que passou a existir na cidade algumas estações para tal fim. Da capital federal as linhas telegráficas se espalharam pelo Brasil afora. “Em 1865, a primeira ponta de linha partiu em marcha acelerada em direção ao Sul do País, cenário da guerra (a autora está se referindo a guerra do Paraguai) e região considerada estratégica e prioritária em função das fronteiras com a Argentina e Paraguai” (MACIEL, 1998, p.49). Embora devagar, seguiu outra linha (através de cabo submarino) em direção ao Norte cuja escala Rio-Bahia-Recife foi inaugurada em 1873, ocasião em que o Imperador (do Brasil) enviou mensagem usando o novo meio de comunicação.

Todavia, um ano após receber o melhoramento, o Recife foi escolhido para ser o elo da linha telegráfica transatlântica entre Brasil e Europa. Esse serviço passou a ser realizado pela empresa The Western Telegraph Company Limited, organizada inicialmente pelo Barão de Mauá e transferida para capitalistas ingleses<sup>77</sup>. Assim segundo um artigo publicado na *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 05, número 52, janeiro de 2010, p. 88.

Um interessante par de mensagens telegráficas encontradas na Divisão de Manuscrito da Biblioteca Nacional marca um momento importante desse processo. Datados de 22 de julho de 1874, os telegramas noticiam a conclusão da instalação da linha telegráfica por cabo submarino que ligou pela primeira vez a Europa (mais precisamente, Inglaterra e Portugal) ao território brasileiro. Os telegramas eram enviados de Pernambuco ao imperador D. Pedro II, no Rio de Janeiro. O posto da empresa que detinha os direitos de exploração comercial do telégrafo nacional, The Western & Brazilian Telegraph Company Limited, fazia a transcrição das mensagens. Em uma delas, Robert Halpin, comandante do navio que lançou os cabos ao mar, avisa que a última seção de cabos submarinos conectando o Império com Portugal e Grã-Bretanha havia sido concluída naquele dia. Por seus serviços D. Pedro II o nomeou Cavaleiro da Ordem Imperial da Rosa. Outra mensagem, escrita por Halpin a pedido do diretor da Telegraph Construction Company, Sir Daniel Gooch, congratula o imperador pelo

<sup>77</sup> Ver ARANHA, Gervácio Batista. “Visões da modernidade urbana: a experiência nortista”. In: *Trem modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1825)* Campinas – SP: UNICAMP tese de doutorado, 2001

feito marcante, ressaltando que, desta forma, ‘ a Companhia havia cumprido todas as suas promessas’.

O telégrafo submarino foi gradativamente se espalhando pelas capitais do Norte do Brasil, em 1876 alcançou a cidade de Parahyba, em 1878 Fortaleza, em 1884 São Luiz, e em 1886 Belém.

A instalação dos cabos telegráficos transatlânticos possibilitou a comunicação de forma instantânea entre Brasil e Europa. Essa conquista “permitiu que o velho e o novo mundo pudessem conversar, ainda que separados pela imensidão do oceano” (MACIEL, 1998, p.51). Dessa forma, as notícias vindas da Europa, espriavam-se Brasil afora, onde quer que chegasse a extensão telegráfica por tal meio técnico. Nesse contexto, o Recife a primeira capital do Norte a ser interligada com a Europa via telégrafo submarino, soube tirar proveito de tal serviço, visto que, recebia notícias do velho continente com grande eficácia, e publicava em seus jornais, que por isso tornaram-se procurados, pois traziam as principais novidades do mundo “civilizado”. O Recife tornou-se referência em termos de cidade moderna no Norte do Brasil. Assumiu a condição de centro irradiador dos novos comportamentos.

Contudo, partindo das capitais, em seu vínculo com o trem de ferro, havendo experiências que não pressupunham tal vínculo, o telégrafo (terrestre) foi chegando também ao interior dos estados.

Na Paraíba, por exemplo, a primeira linha telegráfica em direção ao interior que não pressupõe esse vínculo é ali instalada em 1896. Trata-se de uma linha do Telégrafo Nacional, com agências nas cidades de Alagoa Grande, Campina Grande, Bananeiras e Areia. Dentre essas cidades, só a cidade de Areia jamais será contemplada com o trem de ferro. As demais, quando contempladas por este último, respectivamente em 1901, 1907 e 1925, passam a contar, a partir de então, com dois serviços de telegrafia, um público, a cargo do Telégrafo Nacional, e um privado pertencente à estrada de ferro inglesa (ARANHA, 2001, p.278).

Da chegada do telégrafo ao Brasil, à instalação na cidade de Patos, decorreram-se mais de cinquenta anos. A partir da instalação desse moderno meio de comunicação Patos pôde manter contato direto com a Capital Paraibana, e, por conseguinte, com outras cidades da Paraíba, como por exemplo, Campina Grande. Dessa forma as notícias passaram a correr mais rápido. E como que por encanto as cidades que dispunham de tal serviço, pareciam estar mais próximas, tendo em vista que a telegrafia imprimiu velocidade na circulação da

informação, em tempo real (aí comunicava-se muita coisa: acertos comerciais, chegada de parentes, de políticos etc).

Se o telégrafo foi um equipamento moderno que contribuiu para revolucionar o imaginário das grandes capitais onde foi instalado, o que dizer então das pequenas cidades do interior do norte do Brasil? Em Patos, o posto do Telégrafo Nacional, instalado numa das salas dos Correios tornou-se um dos pontos mais importantes da cidade, pois era ali que se dava a comunicação instantânea com outras cidades da Paraíba. Em certo dia, seu Porfirio (agente dos Correios, que, como vimos em linhas anteriores, costumava ler os jornais antes de entregá-los aos destinatários, e vivia atormentado com a possível invasão de Lampião a Patos) recebeu um telegrama dando conta de que Lampião estava planejando invadir Patos. A notícia foi o suficiente para causar temor e apreensão nos moradores da cidade. No dia marcado para a invasão, organizou-se uma estratégia de defesa, com sentinelas em pontos estratégicos da cidade: “a Igreja da Conceição, a Casa da Câmara, a Delegacia de Polícia, várias casas comerciais, situadas em diferentes pontos da cidade e algumas casas residenciais cujos fundos davam diretamente para o rio, foram destacadas como locais de sentinelas” (FERNANDES, 1994, p.107). No final, tudo não passou de um grande mal entendido. Para a alegria dos patoenses e decepção de Seu Porfirio, que nunca mais falou em invasão da cidade.

Mal entendidos à parte, o certo é que o telégrafo foi visto como um instrumento importantíssimo para a defesa das cidades contra ataques (seja de cangaceiros, e/ou de jagunços). Mas dependendo das circunstâncias poderia ser usado pelos invasores. Foi o que aconteceu em Patos em 1912, tendo em vista que:

Os chefes cangaceiros  
Ao Dr. João Machado  
Telegrafaram dizendo  
Que Patos tinha tomado  
E que só ao Rego Barros  
Entregariam o Estado!

E o fio do telégrafo,  
Logo em seguida cortaram;  
Os instrumentos da música  
Nenhum inteiro deixaram;  
E até da casa do padre  
Os móveis arrebentaram<sup>78</sup>!

---

<sup>78</sup> Apud VICTOR, José Mota. *1912 A invasão de Patos*. Patos-PB, 2007, p.90

As estrofes acima citadas referem-se à invasão da cidade de Patos – PB, no ano de 1912, pelo bando chefiado por Franklin Dantas e Augusto Santa Cruz. Que na verdade não eram cangaceiros, assim como o poema acima os denomina. Santa Cruz era um Bacharel que apoiado pelos Dantas, arregimentou jagunços contra seus desafetos políticos e contra a situação política vigente a época. Nesse caso o telégrafo foi usado pelo grupo invasor, que por segurança trataram logo de cortar os fios, para dessa forma evitar a comunicação com outras cidades, em busca de socorro.

O telégrafo foi utilizado pelos jornais, como exemplo, o jornal “*A Voz do Sertão*”, que circulou em Patos em 1914 e 1915, que tinha uma coluna denominada “tele-grama”, exclusiva para a publicação das notícias do telégrafo, e dessa forma tanto os acontecimentos políticos nacionais e/ou internacionais era publicado no periódico com uma velocidade incrível para a época, assunto que será discutido com mais profundidade no item reservado à imprensa escrita.

Contudo, outro importante lançamento relacionado aos avanços tecnológicos na comunicação, que ocorreu no final do século XIX, foi o telefone. Apresentado por Graham Bell na Exposição Universal de 1876 na Filadelfia, diante do qual o Imperador D. Pedro II teria ficado surpreso ao constatar que aquele aparelho “de fato falava”. A exemplo do telégrafo, o novo signo do moderno chegou ao Brasil com poucos anos de diferença em relação ao seu lançamento, expandindo-se rapidamente por força da iniciativa privada e sob a forma de companhias telefônicas pelos principais centros urbanos do país. Mais uma vez o Recife destacou-se como a cidade do Norte do Brasil na qual esse importante signo chegou consideravelmente rápido. Um jornal recifense, de 1882, publicou uma notícia que deu o que falar. “O senhor Leopoldo Bougard obteve do governo imperial uma concessão para estabelecer o serviço de telefones nesta cidade” (ARANHA, 2006, p.92) antes disso porém, o recifense já tinha uma pequena noção do que era “aquele máquina falante” tendo em vista que o construtor da estrada de ferro Recife-Limoeiro já havia instalado um aparelho em seu escritório, que o ligava ao depósito de material de construção.

Na Paraíba, só na primeira década do século XX cogitou-se uma empresa telefônica na capital, porém a mesma não estenderia os serviços para toda a capital, haja vista que sua meta era tão somente explorar uma linha telefônica entre esta última e a povoação de Cabedelo, onde está localizado o Porto.

Dessa forma, considerando que essas duas localidades já eram interligadas por uma linha telefônica, sob a responsabilidade da repartição geral dos telégrafos de cuja sede na capital era feito contatos telefônicos com a administração portuária, tratou-se de uma segunda linha telefônica entre a capital e o porto<sup>79</sup>.

Nas localidades que não dispunham de serviço de telefonia, como por exemplo, nas pequenas cidades, vilas ou povoados, localizados principalmente no interior do país, as pessoas para utilizar tal serviço precisavam se deslocar a um posto do Telégrafo Nacional ou um posto telegráfico a cargo de uma estrada de ferro. É o que acontecia com os habitantes de Patos, que durante muitos anos para falar ao telefone ou mesmo observar como aquela maquininha “quase mágica” funcionava precisavam ir até o posto do Telégrafo Nacional, (instalado na cidade em 1908) e após 1944 (quando chega o trem do Ceará) na estação ferroviária. Pois só em 1958:

O prefeito Nabor Wanderley Nóbrega conseguiu instalar um moderníssimo serviço telefônico com capacidade para 500 linhas. Os telefones, que são automáticos, custam apenas Cr\$ 11.000,00 para serem instalados, e o aluguel mensal é de cerca de Cr\$ 150,00. A aparelhagem é Ericson e o serviço, como podemos constatar é perfeito. Cogita agora o prefeito estender a linha até Campina Grande, com o que Patos ficará ligada ao resto do país, através daquela cidade<sup>80</sup>.

O uso do telefone configurou novas sensibilidades, pois a partir daquele momento as famílias que tinham condições financeiras para instalar uma linha telefônica em casa não precisavam mais se deslocar ao posto do telégrafo para usar tal serviço. Além disso, podiam conversar com mais privacidade, já que estavam falando da sua própria residência. Assim, a tendência foram às cartas de amor serem substituídas pelas palavras de amor.

Todavia, se o telégrafo e o telefone chegaram aqui no Brasil poucos anos após seu surgimento na Europa, o mesmo não se pode dizer com relação à imprensa escrita. O primeiro órgão de imprensa instalado no Brasil foi a *Gazeta do Rio Janeiro* no ano de 1808. Com relação a Pernambuco em 1821 surgiu o jornal *Aurora Pernambucana*, seguido de inúmeros outros, a exemplo do *Diário de Pernambuco*.

<sup>79</sup> ARANHA, Gervácio Batista. “Visões da modernidade urbana: a experiência nortista”. In: *Trem modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1825)*. Campinas – SP: UNICAMP, tese de doutorado, 2001 p. 282

<sup>80</sup> *Diário da Borborema*, Campina Grande – PB, 04 de novembro de 1958

Em sua condição de formadora de opinião pública, figurando, à época, como único meio de comunicação de massa – a despeito de o Brasil constituir-se então em um país cuja população é em sua maioria analfabeta - a imprensa chega nessa ou naquela região brasileira provocando enorme estardalhaço. Isto porque, se por um lado constrói uma auto-imagem enquanto detentora de funções ‘educativas’ ou portadora de uma (pretensa) missão ‘civilizadora’, não raro saindo em defesa da ordem e dos bons costumes, por outro lado arvora-se como principal porta-voz das demandas que levariam tal ou qual comunidade a ‘civilizar-se’ (ARANHA, 2001, p.274).

Neste contexto, cabe ressaltar que nesse período instalou-se uma verdadeira febre jornalística no Brasil, basta considerar que na década de 1880, só na capital Paraibana circulavam nada menos do que 20 títulos de periódicos. Mesmo que 13 desses não tenham ultrapassado um ano de existência.

Todavia, tudo indica que a atividade da imprensa na Capital Pernambucana, logrou mais êxito, pois mesmo com menos títulos do que a Capital Paraibana, 8 dos 13 jornais ali existentes eram diários, com destaque para o *Diário de Pernambuco* editado desde 1825<sup>81</sup>. No final do século XIX, no seu vínculo com o trem de ferro, a imprensa pernambucana (com seus jornais diários, que recebiam notícias do mundo dito civilizado através do telégrafo) irradiou-se pelas cidades do interior do Norte do Brasil.

Com relação Paraíba, entre outras novidades, essa ou aquela cidade, vila ou povoado, que passavam a contar com o trem de ferro, passavam também a receber de forma mais eficaz, os jornais e (demais periódicos) vindos da capital pernambucana, verdadeiros ícones do moderno. A exemplo da cidade de Campina Grande, que recebeu o trem de ferro (vindo do Recife) em 1907, o que possibilitou a essa cidade receber os jornais de Pernambuco com mais eficácia. Ao contrário nas localidades que não contavam com o moderno meio de transporte, os mesmos jornais chegavam com vários dias ou até meses de atraso.

Em se tratando da cidade de Patos, que recebeu o trem de ferro com atraso, se comparado à Campina Grande ou até mesmo a outras cidades do Sertão paraibano, a exemplo de Cajazeiras (que, como já vimos, foi contemplada com o novo meio de transporte em 1923) os poucos jornais que chegavam à cidade, no início do século, especificamente a partir de 1907, vinham em lombos de animais, pois como vimos no primeiro capítulo desse trabalho, o transporte (tanto de mercadorias, como de correspondências) de Patos a Campina Grande, e

---

<sup>81</sup>ARANHA, Gervácio Batista. Visões da modernidade urbana: a experiência nortista. In: *trem modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1825)*. Campinas – SP: UNICAMP, tese de doutorado, 2001 p.276

vice-versa, era feito através dos tropeiros. E em pleno século vinte, quando a imprensa (graças ao seu vínculo com trem de ferro) havia alcançado certa agilidade, pelo fato de não dispor (do trem de ferro) os mesmos periódicos que chegavam a Campina Grande diariamente, por exemplo, chegavam a Patos com atraso de dias. Isso sem falar no preço da assinatura, que contribuía para que só os afortunados pudessem dispor das notícias do mundo.

O primeiro jornal editado em Patos (o seu primeiro número circulou em 1914) "*A Voz do Sertão*", era semanário, e como muitos outros pequenos jornais, teve uma passagem efêmera, pois circulou por apenas dois anos, em 1914 e 1915. O referido veículo de comunicação teve como diretor o senhor Genésio Gambarra. Apesar de trazer subtítulo de "*Orgam Independente e Noticioso*" seguia as ordens políticas do Cel. Miguel Sátyro, chefe político de Patos, que seguia as ordens de Epiácio Pessoa. Não foi possível consultar todos os números do referido jornal, devido à dificuldade de encontrá-los, porém, nos números que consultamos é possível perceber o intuito de divulgar as "realizações" do Senador Epiácio Pessoa e grupos políticos aliados. A exemplo da reportagem publicada na edição de 10 de janeiro de 1915.

A viagem do Cel. Pessoa ao sertão trará a nossa vida social e política, quanto mais quando S. Excia representa uma bandeira de progresso e de futuro, já no caracter de 1º vice presidente e já como republico de larga visão patriótica.  
Aqui estão sendo projectadas importantes festas ao conhecido homem publico e valente correligionário.  
O vulto sypathico do Cel. Pessoa será recebido em nosso sertão como uma alvorada que desponta no ceo de nossas aspirações mais caras.  
A causa que S. Excia, defende é a mesma que abrasa o nosso peito para o triumpho ..... Epiácio, triumpho mais de uma vez celebrado no culto de nossa sincera admiração e de toda a Parahyba.

O jornal também trazia assuntos variados, entre eles, a divulgação de acontecimentos sociais na cidade, como por exemplo, aniversários:

Fizeram annos:

- no dia 31 do p. p. mez, a senhorita Octavia, filha do nosso amigo Jose Urquiza;
- no dia 1º do corrente, a distincta senhora d. Maria Gomes de Sá, digna esposa do Alaferes Manoel Benicio, Correcto delegado de policia de Pombal;
- no dia 4 a sympatica senhorita Maria do Carmo Ribeiro;
- no dia 6, o Sr. Rocachael Azevedo, estimado negociante entre nós;
- no dia 7, o pequeno Rene, intelligente filho da capitão Laurenio Queiroz<sup>82</sup>

<sup>82</sup> Jornal *A Voz do Sertão*, Patos, 10 de janeiro de 1915

Enfim, era um órgão de comunicação que divulgava os acontecimentos da cidade, mas trazia também as notícias da guerra.

#### CONFLAGAÇÃO EUROPEIA

RIO 28 – Comunicam de Londres que Nieuport foi bombardeada por um couraçado inglês a distancia de tres milhas. Deram-se muitas mortes e foram destruídas as obras alemães.

RIO 28 – O ministro Sr. Lloyd Georg acredita que a guerra terminará no mez de março.

RIO 28 - Corre instantes boatos nos circulo officiaes de que a Italia esta prestes a entrar na guerra<sup>83</sup>.

Considerando que ainda não havia sinal de rádio no Brasil e/ou na Paraíba dar para imaginar a ansiedade com que eram esperados os próximos números do periódico patoense, para acompanhar as notícias da guerra.

Como era de praxe nos discursos da época, o referido periódico constantemente explorava o drama da seca, como justificativa para atrair obras públicas para o Sertão. Na reportagem que segue, a construção da estrada de ferro Campina Grande Patos é entendida como uma forma de gerar trabalho para os “desvalidos da seca”.

Está definitivamente declarada a secca.

É horrível a crise dos sertanejos!

Urge uma providência enérgica por parte das autoridades competentes, com o fim de saciar a fome a centenas de famílias sertanejas, sem recursos, completamente desvalidas da sorte, vivendo exclusivamente dos trabalhos honrados, fartando-se algumas vezes, com o pão implorando a caridade publica, por falta de serviços – e vêem ainda aterrados pela temerária secca que se nos apresenta, como o ronco formidável de um canhão, nas muralhas de uma fortaleza.

Se não chover já iremos ter uma secca semelhante a de 77! O governo deve iniciar com toda a brevidade, se é (que não deseja ver o morticínio pela fome) um serviço de estrada de ferro, nos sertões d'este Estado, puxando o ramal que liga o trem à Campina Grande, para a serra da Borburema mandando explorar o terreno por Engenheiros honestos e que se esforcem pelo interesse de toda coletividade sofredora e necessitada, ao menos, já que a celeberrima “Inspectoria de Obras contra as seccas” ultimamente removida, inventou um serviço de açudagem próximo a esta cidade que no dizer de outros, foi um verdadeiro assalto aos cofres públicos, não tendo levantado, segundo informações, um só marco para a demarcação do terreno<sup>84</sup>.

<sup>83</sup> Jornal *A Voz do Sertão*, Patos, 10 de janeiro de 1915

<sup>84</sup> Jornal *A Voz do Sertão*, Patos, 23 de maio de 1915

Entretanto, a reportagem citada acima é sem dúvida típica para um jornal que seguia uma linha política conservadora e historicamente ligada aos chefes políticos tradicionais, os chamados coronéis, a exemplo de Epitácio Pessoa no Estado da Paraíba e Miguel Sátiro na região de Patos. Após alguns meses da reportagem “*A Voz do Sertão*” saiu de circulação. Em 30 de abril de 1916 circulou na cidade o primeiro número do “*Jornal do Sertão*”, cujo diretor foi o Cel Miguel Satyro. A linha editorial seguida por esse novo órgão de comunicação era ainda mais conservadora e subserviente do que a do seu antecessor (*A Voz do Sertão*). Pois no seu primeiro número deixou claro essa tendência:

A nossa orientação política obedecerá a palavra de ordem do nosso preclaro e distinto chefe Cel. Miguel Satyro e Souza, representante neste município do eminente e Exm<sup>o</sup> Senador Epitácio Pessoa, cuja integridade política e moral nos servirá de rumo como um exemplo dignificante de ordem, amor e patriotismo.

Além de divulgar “as obras” do senador Epitacio Pessoa e seus aliados políticos, o jornal também dedicava espaços para divulgar os acontecimentos sociais da cidade, assim como fazia também “*A Voz do Sertão*”.

Tudo indica que o *Jornal do Sertão* também teve vida efêmera. Entretanto, outros periódicos que eram bastante esperados na cidade de Patos, foram os Jornais da festa de “Nossa Senhora da Guia”, que circulavam todos os anos na semana da referida festa. Assim sendo, em 03 de setembro de 1928, circulou em Patos, o número I, do *Flirt*, cuja tiragem se encontrava no ano II, fazendo crer que começou a circular em 1927. No mês de setembro de 1929 o *Fuzarca*, suplemento da Gazeta de Patos, trouxe as notícias da festa da padroeira. Em 1930 foi a vez do *Peba*, que saiu as ruas no dia 16 de setembro, e no seu editorial, expressou a ansiedade do povo a espera da saída do referido jornal. Em 1933 circulou logo dois jornais, o *Yôyô*, que saiu as ruas em 17 de setembro e o *Reco Reco*, no dia 18 do mesmo mês. Em 1934 foi a vez do *Bamba*, do Dotô Nerso; o *Xuxu* circulou em 1937, o *Espião* em 1940, em 1942 circularam o *Leso* e o *Torpedo*. Em 1943 saiu mais uma vez o *Espião*, o *Radar* circulou em 1947, o *Chaleira* em 1949, e *A Tesoura* em 1951<sup>85</sup>. Acredita-se que outros jornais devem ter circulado durante a tradicional festa da padroeira de Patos. Os referidos jornais traziam

---

<sup>85</sup> Devo esclarecer que reservamos para o terceiro capítulo, quando iremos também falar sobre a festa de Nossa Senhora da Guia, o aprofundamento da análise das matérias publicadas nos referidos jornais.

assuntos ligados à sociedade patoense, e procuravam quase sempre em tom jocoso, tratar assuntos do dia a dia da cidade. Entre eles, flertes, os acontecimentos do mundo juvenil e a eleição da rainha da festa (ressaltando que percebemos que a eleição da rainha da festa era uma atividade tratada com uma certa seriedade pelos periódicos em questão) eram temas em destaque. Nessa perspectiva, *O Xuxu*, em 25 de setembro de 1937, publicou a seguinte reportagem.

Foi eleita por 2.018 votos, rainha da festa de 1937, a prendada mademoiselle Adalgisa Vieira.

Seguiram-se as senhoritas Lourdes Queiroz com 1.770 e Cleonice Carneiro com 780 votos.

UMA BONECA QUE FALA  
QUE DANÇA, QUE RI, QUE CANTA;  
BONECA MENINA E MOÇA,  
SE APROXIMANDO DE SANTA.

É nos desnecessário salientar a justiça do resultado, o qual veio satisfazer aos inúmeros admiradores da gentilíssima

Adalgisa Vieira.

Esta, resume a magnífica juventude feminina de Patos e merece todos os louvores que os seus conterrâneos lhe tributam.

No entanto, na década de 1930, quando o rádio já havia conquistado um espaço substancial no cotidiano do brasileiro, principalmente no cotidiano urbano, a cidade de Patos contava com a difusora “A Voz das Espinharas” que se destacou no espaço radiofônico da cidade, até a década de 1950, quando foi instalada a primeira emissora de rádio, a Rádio Espinharas de Patos. O rádio, um dos principais ícones do moderno no Brasil da época em questão, era ouvido em Patos desde a década de 1930, quando ali sintonizava-se a Rádio Clube de Pernambuco, assunto que discutiremos com maior profundidade abaixo.

## 2.2 Patos nas ondas do rádio

### 2.2.1 A difusora “A Voz das Espinharas”: Patos em sintonia com o moderno

No interior do Brasil, as difusoras tiveram papel importante, chegando ao ponto de merecer, em 1941, uma legislação especial do Estado Novo. “Em 28 de agosto de 1941, Lourival Fontes, diretor do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, baixou uma série de instruções que regulavam o funcionamento dos serviços de alto-falantes” (AZEVEDO, 2002, p.70). Nesse contexto, a primeira difusora que se tem notícia em Patos, data de meados dos anos de 1930 e pertencia a Sinfrônio de Azevedo. Essa difusora funcionava na parte de cima do sobrado pertencente a Tobias de Medeiros, onde se encontra atualmente o Banco Real. Em 1938 Sinfrônio de Azevedo vendeu o serviço de som para o senhor Manuel Cabral da Nóbrega (conhecido popularmente por Mané Lino), que imediatamente passou a chamá-la “A Voz das Espinharas”. Manuel Cabral dedicou toda a sua vida a esse empreendimento.

Segundo Marão que foi cambista da chave de ouro de seu João Cosme: quando Mané Lino comprou em 1938 a difusora a Sinfrônio de Azevedo fez sua transferência para o sobrado de propriedade de Dr. Basílio que existia na esquina da Rua Major Miguel, bem ao lado da Minerva de seu Zé da livraria. Mudou-se em seguida para o prédio da mesma rua onde o Dr. Basílio teve a sua primeira farmácia, atual casa número 40 e ali permaneceu até o encerramento de suas atividades.<sup>86</sup>

A difusora “A Voz das Espinharas”, popularmente conhecida como “Difusora de Mané Lino”, tinha 20 projetores<sup>87</sup> de som espalhados na cidade (ver ilustração número 10), representou uma maneira inovadora de comunicação, descrita pelo memorialista Osvaldo Brandão Torres (Vavá Brandão):

<sup>86</sup> APUD *Patos em Revista*, Patos- PB: Gráfica JB, Ed. Histórica 2005.

<sup>87</sup> Devo deixar claro que é possível encontrar depoimentos que afirmam que “A Voz das Espinharas” tinha 22 projetores de som. E como sabemos que esse número é passível de aumentar ou diminuir, ambas as afirmações podem está corretas.

Mané Lino tinha visão futurista e já naquela época transmitia bailes, fazia programas de calouros, retransmitia os noticiários da BBC de Londres durante a guerra, retransmitia a Voz do Brasil, mantinha noticiários regulares, transmitia comícios políticos, solenidades, as grandes festas (sete de setembro, festa da cidade etc), transmitia a missa e fazia tudo o mais que o rádio faz hoje.

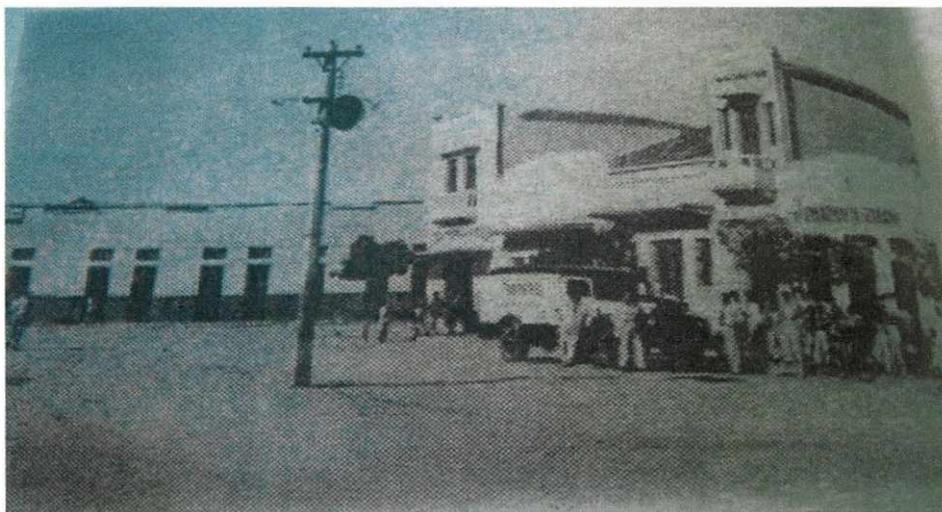


Ilustração número 10: Alto-falante da difusora A Voz das Espinharas. Acervo da Fundação Ernani Sátiro – Patos – PB

O cenário da foto é a Rua Grande, principal rua da cidade. É possível observar no poste um dos projetores de som que fazia parte dos 20 (projetores) que a difusora “A Voz das Espinharas” tinha na cidade. A foto parece pousada, sendo possível observar uma certa aglomeração de pessoas, dando mostra que o local muito provavelmente é um ponto de chegada e partida de automóveis, uma espécie de rodoviária, pois o automóvel que podemos visualizar bem no centro da foto, parece ser uma Marinete. O certo é que os locais onde os projetores de som da difusora eram instalados tornavam-se bastante visitados.

A maior prova da inteligência e da visão inovadora de “Mané Lino” foi quando da paralisação da Rádio Espinharas, por quase três anos. Ele mandou fazer um pequeno transmissor, por Mestre Abdon e entrou nos lares da região. Foi, graças ao funcionamento irregular da Rádio Espinharas, que nos “anos dourados”<sup>88</sup>, a difusora “A Voz das Espinharas”

<sup>88</sup> Denominação dada por alguns historiadores, políticos, sociólogos e jornalistas, ao período que vai de 1950 a 1959, pelo fato de acreditarem que esse foi um dos momentos mais importante da história nacional, tendo sido criados vários termos para defini-los.

exerceu até certo ponto o papel de rádio. Era responsável por interligar a cidade com as principais notícias do mundo, e fez com que o local dos seus retransmissores de som se tornasse ponto de grande concentração de pessoas. Segundo o memorialista Solon de Medeiros Filho:

A programação da difusora de Mané Lino começava no momento em que era ligado o motor da luz, às 17:30 (horas), terminava por volta das 21 horas quando ele dava o primeiro sinal alertando para o seu desligamento às 21:30 (horas). Em 1949<sup>89</sup>, seu Mané Lino adquiriu um amplificador de maior potência, podendo agora sua difusora ser sintonizada por receptor de rádio num raio de até uns dez quilômetros, sendo a partir de então adotado o slogan, “A Difusora de Patos falando mais alto para mais longe.”

Seu Mané Lino sempre foi favorável a divulgação da cultura, nunca se negando em colocar a Difusora à disposição dos estudantes para a realização de programas de comemoração a datas consideradas importantes. Descobrimento do Brasil, Tiradentes, Independência do Brasil e outras. Nunca se descuidava de anunciar o acontecimento, procurando assim obter o máximo de audiência.

-Atenção!Atenção! hoje às 19:30 (horas) teremos nesta difusora a comemoração do dia de Tiradentes a cargo dos alunos do Ginásio Diocesano de Patos. Na ocasião serão ouvidos vários oradores que enaltecerão o grande brasileiro. Não percam! Não percam! Será às sete e meia da noite! (MEDEIROS FILHO, 2004, p.47-48).

Cabe ressaltar também, a divulgação de atividades esportivas, pois segundo depoimento de Romero Nóbrega<sup>90</sup>, nos idos de 1947, precisamente no mês de maio, o Treze Futebol Clube de Campina Grande - PB fez sua primeira apresentação em Patos, jogando contra o lendário Botafogo de Inocência de Oliveira. A histórica Difusora de “Mané Lino”, com 20 serviços de som instalados nos principais pontos da cidade - era esse o comercial da antiga “A Voz das Espinharas” - passou meses anunciando a grande partida de futebol, e no dia do esperado jogo, anunciou a escalação dos times de instante em instante. Após a importante partida de futebol, que terminou com o seguinte placar: Botafogo: 6 X Treze: 5, a referida difusora passou mais alguns meses divulgando o placar e exaltando o famoso Botafogo de Inocência de Oliveira.

<sup>89</sup> Com relação à sintonização da difusora em aparelhos de rádio, há uma pequena discordância entre os depoimentos de Vavá Brandão e Solon de Medeiros, pois enquanto o primeiro afirma que se deu durante a paralisação da Rádio Espinharas, fato ocorrido em 1953, o segundo afirma que a referida sintonização teria se dado em 1949. O fato é que A voz das Espinharas adentrou também os lares patoenses através de sua sintonia em aparelhos de rádio.

<sup>90</sup> Apud SOUSA, José Romildo. Álbum do futebol 90 minutos. Patos-PB: Sal da Terra, 2008, p.96

Os seus programas de auditório, sempre às terças e quintas-feiras, disputavam a audiência da rua; marcaram época e tiveram sempre grande aceitação por parte da população local. Vale aqui lembrar o *Trio Sucesso*, que tinha a participação de Ferreira Filho, Dea Silva e Pedro Sales e, *Miscelânea Sonora*, apresentado por Ari Rodrigues e que contava ainda com a presença de Carminha Ramos, Diva Xavier, Luiz Oliveira, Basto Oliveira, Zé Caunha, Edizio Lima e João Vieira.



Ilustração número 11: Apresentação das cantoras Ione de Souza e Maria do Carmo no programa *Miscelânea Sonora*. (Reproduzida do suplemento do jornal A União de 14 de novembro de 2000)

A animação era a marca registrada dos programas de auditório na difusora A Voz das Espinharas, como podemos observar a partir da foto acima, no momento em que as cantoras Ione de Souza e Maria do Carmo se apresentavam no programa *Miscelânea Sonora*, apresentado por Ari Rodrigues, a alegria parece contagiar a todos que se encontravam no recinto. Em volta das cantoras encontravam-se componentes de outros grupos musicais que também se apresentavam no referido auditório. Em frente ao palco é possível perceber várias cabeças de pessoas dando mostra de que naquele momento o auditório de A Voz das Espinharas encontrava-se lotado, e na mais perfeita animação. Sendo assim, para os que não conseguiam uma vaga no pequeno auditório da difusora, restava-lhes procurar um dos locais onde se encontravam afixados os alto-falantes, e aproveitar a animação veiculada pelo referido programa de auditório.

Procurando ser fiel ao modelo de programação em voga nas principais emissoras de rádio do país, a exemplo da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, onde os programas de auditório já haviam se tornado uma verdadeira “febre”, pois “permitia a um pequeno grupo de pessoas assistirem ao vivo as produções e shows do cast radiofônico, compartilhando essa atividade com outras milhares de pessoas que só podiam ouvir as transmissões” (SOUZA, 2006:51), o pequeno auditório da difusora “A Voz das Espinharas”, tornou-se um local bastante procurado, pois o fascínio que os seus programas exerciam naqueles que se encontravam longe, apenas ouvindo, no rádio, ou nos projetores de som espalhados pela cidade, poderia ser vivenciado ao vivo, no pequeno auditório localizado na rua Miguel Sátyro. Segundo ainda Solon de Medeiros Filho:

Na difusora de seu Mané Lino, vários ‘speakers’ desfilavam com suas vozes forte, melodiosas e agradáveis. Um deles era destaque para todos os ouvintes. Crispim Pessoa. Era o mais entusiasmado, o mais vibrante, dando sempre muita ênfase a todas as propagandas que fazia, merecendo o aplauso de todos:

-‘Atenção, atenção, toda a população de Patos! Acaba de adentrar à cidade o querido Bispo Dom Luiz do A Mousinho, o crrique dos Bispos!’

‘Batom Nhá-Nhá, o batom da mulherrrrr bonita! Batom Nhá-Nhá à venda na Perrrrfumaria Glória. Prrraça João Pessoa três...três... trrrinta e três’.

-‘Remédio bom e barato é na farmácia Confiança’ se é da Confiança, pode confiarrrr. Farrrmácia Confiança, os três pauzinhos da Sólón de Lucena’.

-‘Perrrrfumes, brilhantinas, sabonetes, presentes finos para os amigos e parentes, todos do melhorr gosto, você encontra na Perrrrfumaria Glória. A Perrrrfumaria Glória é bem ali na Prrraça João Pessoa, três... três.. trrrinta e três!’(MEDEIROS FILHO, 2004, p.47-48)

Além de Crispim Pessoa, o referido veículo de comunicação teve outros locutores que se destacaram, entre eles: Ramalho Silva, Luiz Pereira, Zé Rodrigues, Ari Rodrigues, Batista Leitão, Valdivino Araújo, Chiquim de Mané Lino, João Francisco (da bomba de gasolina). No apoio a estes profissionais existiam também os controlistas: Zé Gouveia, Lauro e Valdim de Mizael.

Cada locutor tinha o seu horário, precisava fazer de tudo, para o seu programa segurar a audiência, pois caso contrário poderia não encontrar patrocinadores. Daí a grande preocupação dos locutores em intercalar as notícias e demais atividades consideradas importantes, com as chamadas dos produtos dos seus patrocinadores. Dessa forma, a exemplo de Crispim pessoa, procuravam impressionar seu ouvinte, e cliente em potencial das marcas divulgadas no programa.

As propagandas veiculadas no referido veículo de comunicação davam ênfase a divulgação de produtos industrializados, o que contribuiu para que os referidos produtos fossem incorporados ao cotidiano dos patoenses.

Nesse contexto, as descobertas da indústria farmacêutica gradativamente foram incorporadas aos hábitos dos patoenses, que ao invés, ou juntamente, com os famosos chás e garrafadas, passaram também a utilizar os remédios da indústria química.

Incentivava também a população a colocar-se na moda, ou seja, usando o sabonete, e o creme dental (anunciado como o mais usado no Brasil, inclusive sendo preferido pelas estrelas do rádio e do cinema). Cabe ressaltar, que a “fluidez das comunicações facilitou a apropriação de elementos de muitas culturas, mas isso não implica que as aceitemos indiscriminadamente” (CANCLINI, 2008, p.33), daí ser possível falar em hibridação cultural, quando nos referimos ao encontro de culturas, que até então encontravam-se distantes. Com o rádio, e com os serviços de alto-falantes, muito comuns nas cidades do interior (e demais equipamentos modernos, discutidos em outros pontos desse trabalho), as culturas se confrontaram, se hibridaram, construindo dessa forma novas culturas. Ao contrário do que pensava Adorno, quando reafirmou sua idéia de que a indústria cultural se funda em um domínio manipulatório da mensagem sobre o receptor: o consumidor não é o rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa história, mas seu objeto (AZEVEDO, 2002, p.24).

Batista Leitão, um dos antigos locutores da difusora em questão, em entrevista publicada no suplemento do Jornal *A União* de 14 novembro de 2000, destacou alguns recortes do cotidiano do referido órgão de comunicação de Patos, onde começou a trabalhar em 1951. Quando foi publicada a reportagem, Batista Leitão encontrava-se trabalhando no sistema Itatiunga de comunicação e continuava também com sua loja no mercado público de Patos, local onde, além de comercializar seus produtos, adorava relembrar fatos relacionados à sua longa trajetória como profissional da comunicação. Relembrou momentos engraçados, como o que ocorreu após uma partida de futebol entre o Botafogo do Velho Inocêncio de Oliveira<sup>91</sup>, de Patos, e o time do Piancó. O jogo foi realizado no campo do Estrela<sup>92</sup> e o time de Patos venceu o jogo por 6 x 0 (seis a zero),

---

<sup>91</sup> O referido time de futebol, desde 1946, ano da sua fundação teve como presidente o sr. Inocêncio de Oliveira. O “Botafogo do Velho Inocêncio de Oliveira”, assim como ficou conhecido em Patos e região, deu muitas

Após o jogo a difusora de Mané Lino tava tocando. Esse jogo não pode ser 1 a 1... quando um jogador de Piancó subiu a escadaria de madeira que dava acesso à difusora com uma grande faca na mão. Valdim de Misael, que se encontrava no controle e foi membro da filarmônica 26 de julho, não contou conversa e pulou lá de cima, por uma pequena janela enquanto o enfurecido jogador partia para Batista Leitão, que era o locutor do horário para tomar satisfação, inclusive passando a folha da peixeira na sua garganta. A sorte que Valdim no aperreio não teve tempo de fechar o microfone e o povo na rua ouvindo todas as ameaças, correram e socorreram o Leitão<sup>93</sup>.

Outro fato ligado ao seu trabalho na difusora, que o nosso decano do rádio patoense, destacou em sua entrevista, foi quando Assis Chateaubriand, que pleiteava uma cadeira do Senado, trouxe a Patos a televisão para registrar o seu comício. “O comício aconteceu em plena Praça João Pessoa e, ali foram instalados em seus quatro cantos telas que transmitiram ao vivo todo o desenrolar do evento. A população patoense, superlotou o logradouro vibrou quando do aparecimento das figuras mais irreverentes”<sup>94</sup>. “A difusora A Voz das Espinharas” também transmitiu o comício, e nesse dia Batista Leitão ficou encarregado dos trabalhos preliminares. A apresentação das autoridades no momento do comício ficou a cargo de Hilton Mota. Enfim, outro momento que o nosso personagem também elegeu como de grande importância na sua carreira, foi quando a difusora cobriu a chegada da imagem de Nossa Senhora de Fátima, vinda de Portugal. Na oportunidade o Padre Assis, famoso orador sacro, “saudou em oração, a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima que chegou a Patos às 09:00 horas da manhã do dia 22 de novembro de 1953”<sup>95</sup>.

Relatos memoriais demonstram o impacto da difusora “A voz das Espinharas” cobrindo os principais acontecimentos da cidade, assumindo por muito tempo o papel (nas décadas de 1940 e 1950) reservado ao rádio, além de divulgar o que acontecia na cidade, trazia dos melhores estúdios e teatros as músicas mais belas, e comunicava as notícias de João

---

alegrias aos torcedores patoenses, pois segundo declaração do próprio Inocêncio de Oliveira em entrevista ao *Jornal do Sertão*, a referida equipe de futebol passou quase sete anos invicta.

<sup>92</sup> Este campo era localizado bem próximo de onde encontra-se atualmente o Estádio José Cavalcanti. Suas traves eram no sentido norte/sul, sendo uma mais ou menos onde está localizado o prédio do DNER e a outra no local onde encontra-se a Igreja de Nossa Senhora de Fátima. SOUZA, José Romildo. *Álbum do futebol + 90 minutos: a história do futebol em Patos*. João Pessoa- PB: Sal da Terra, 2008.

<sup>93</sup> Suplemento do Jornal a União, João Pessoa –PB, 14 Novembro de 2000

<sup>94</sup> Idem

<sup>95</sup> Patos em Revista. Patos – PB: Gráfica JB, edição Histórica, 2005, p. 44

Pessoa e do Rio. A BBC de Londres chegava-lhe às 21 horas com as notícias sobre a Segunda Guerra (MARIZ, 1985). Entretanto, mesmo após a instalação da Rádio Espinharas (em agosto de 1950), durante a década de 1950, “A Voz das Espinharas” manteve seu status de importante veículo de comunicação de Patos, tendo em vista que o preço dos seus comerciais era mais barato. Apesar da Rádio Espinharas atingir maiores distâncias, deve-se levar em conta também o alto valor dos aparelhos de rádio que tornou sua popularização lenta.

A partir do depoimento da senhora Fildani<sup>96</sup>, percebemos que muito provavelmente a partir do início da década de 1960, quando a cidade de Patos recebeu energia gerada em hidrelétricas, possibilitou melhor funcionamento da rádio, os aparelhos de rádio ficaram mais acessíveis, por sua vez “A Voz das Espinharas” passou a entrar em decadência. O número de alto-falantes foi reduzido assustadoramente, restaram apenas cinco, do total de vinte. Contudo, nesse período a Rádio Espinharas ganhou cada vez mais espaço como veículo de comunicação. Segundo a senhora Fildani, “o povo ficava escrevendo e aí se pedia: mande uma carta de onde você estiver, para dizer como estar chegando o som da Rádio Espinharas aí. E o pessoal escrevia e mandava comunicar que o som estava chegando bem”. Todavia, apesar do avanço da Rádio Espinharas, a difusora de “Seu Mané Lino” funcionou até 1966, ano de sua morte. O mesmo foi sepultado no Cemitério São Miguel em Patos, e deixou um grande vazio na cidade.

### **2.2.2 Nos idos dos anos 50: a Rádio Espinharas de Patos e as sensibilidades da vida moderna**

A instalação de uma emissora de rádio, nessa ou naquela cidade, dependia de concessão federal, daí o motivo pelo qual as rádios nascerem sempre atreladas aos políticos locais. Em Campina Grande “em 13 de maio de 1948, Jataí implantou a Rádio Cariri ao lado do técnico João Costa Pinto e em parceria com o político Epitacinho Pessoa. A priori a concessão da rádio havia sido dada a Epitacinho Pessoa ‘que depois de dois anos sem instalar os equipamentos a cedeu para Jataí e Hilton Mota” (OLIVEIRA, 2006, p.79). Foi o que aconteceu também com a Rádio Espinharas de Patos, nasceu de uma concessão do Presidente

---

<sup>96</sup> Depoimento concedido pela senhora Fildani ao pesquisador Josimar Gomes da Silva, em 30 de maio de 2004.

Eurico Gaspar Dutra, ao candidato (que o então Presidente Gaspar Dutra apoiava) ao Senado pela Paraíba, Pereira Lira, em 24 de agosto de 1950<sup>97</sup>, autorizando a instalação de três rádios na Paraíba: a Rádio Caturité em Campina Grande, a Arapuã em João Pessoa, e a Espinharas de Patos. A concessão determinava que os referidos veículos de comunicação tivessem um fim educativo e recreativo. Porém, pelas circunstâncias em que se deu a referida concessão, fica fácil perceber que a finalidade principal, ao autorizar o funcionamento daqueles veículos de comunicação, era a campanha política de Pereira Lira e seus aliados. Assim, o testemunho memorial de Octacilio Queiroz se mostra revelador, pois quando se refere aos acontecimentos, ocorridos na cidade de Patos, durante a Campanha política de 1950, assevera: “A Rádio Espinharas trabalhava exclusivamente para seu dono, Pereira Lira e sua aliança. (...) Um locutor insistente repetia seguidamente, para desespero dos pessedistas, e com voz tonitruante, o ‘slogan’ ‘Pe..rei..ra Li..ra, a Paraíba precisa vê-lo no Senado” (APUD QUEIROZ, 2000, p.163)

Apesar da importância da discussão das tramas políticas no que tange aos meios de comunicação, essa temática não se constitui foco do nosso trabalho, tendo em vista que o nosso principal propósito é discutir a modernização da cidade de Patos, e seu impacto no imaginário social da mesma. Desta feita, nesse capítulo, procuramos perceber tais transformações a partir do contato com os novos meios de comunicação, entre eles o rádio.

Inicialmente cabe ressaltar que na década de 1930 já se ouvia rádio na cidade de Patos, considerando que algumas imagens literárias convergem para isso. Seu Porfírio, (aquele mesmo personagem, que tinha o hábito de ler os jornais antes de entregá-los aos seus destinatários) comprara, na época, um rádio American Bosh, com o qual se punha em dia com os acontecimentos mundiais e nacionais.

Depois que doutor Imperiano partiu, não mais lhe proporcionando a leitura dos jornais que o magistrado assinava, chegou alvoroçado, com as últimas notícias divulgadas por uma emissora de rádio do Recife. O crime se dera numa confeitaria chique da capital pernambucana. O assassino era um advogado paraibano, cuja casa fora invadida por elementos da polícia, na Capital do Estado, e alegou vir sofrendo perseguição por parte do

---

<sup>97</sup> OLIVEIRA, Flavianny Guimarães. Rádio e Política em Campina Grande. in: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. Et.al. *História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande*. Campina Grande PB: EDUFCG/EDUEP, 2006, p. 80

Presidente, desfechou-lhe três tiros, à queima roupa, causando-lhe morte imediata. A emissora informou que na capital paraibana os ânimos estavam exaltados, a polícia pelejava para conter a violência que ameaçava tomar conta da cidade<sup>98</sup>.

Contudo, apesar de se fazer presente apenas nas residências de alguns ricos da cidade, o rádio fazia parte do cotidiano daquela urbe, nos idos de 1930 e 1940<sup>99</sup>, quando ali (apesar das dificuldades bastante comuns na época) sintonizava-se principalmente as rádios do Recife. E nessa perspectiva, segundo depoimento de Socorro<sup>100</sup> – atual diretora do museu da Fundação Ernani Sátiro em Patos – o deputado Ernani Sátiro costumava receber seus correligionários políticos na sala da sua casa (ilustração número 12) situada na atual Rua Miguel. No entanto, quando chegava a hora da “*Voz do Brasil*”, pedia licença aos presentes nos seguintes termos: “amigos velhos me desculpem mas chegou a hora de ouvir a “*Voz do Brasil*” e a partir daquele momento sua atenção voltava-se inteiramente para o rádio”.



Ilustração número 12: Aparelho de rádio pertencente ao coronel Miguel Sátiro: acervo do autor.

<sup>98</sup> Ver: FERNANES Flávio Sátiro. *A Cruz da Menina*. (Romance). Patos-PB: Fundação Ernani Sátiro, 1994 p.140

<sup>99</sup> Tendo em vista tanto a carência de aparelhos de rádio, como as dificuldades de sintonizar as ondas curtas das rádios de outros recantos do país, nessa época os locutores da difusora “A Voz das Espinharas” captavam as principais notícias das rádios do Recife, e também da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, e divulgavam nos seus programas de notícias.

<sup>100</sup> Depoimento concedido pela senhora Maria do Socorro Santana Ramos ao autor, em 28 de outubro de 2010

O cenário da foto é uma representação da sala da residência do Coronel Miguel Sátyro, residência essa que após sua morte passou a servir ao seu filho Ernani Sátyro, que a exemplo do pai seguiu a carreira política. Era nessa sala onde eles costumavam receber seus correligionários políticos, e também se inteirar dos acontecimentos nacionais e até mesmo internacionais, através das ondas curtas de algumas rádios do Recife e do Rio de Janeiro, que chegavam através do rádio MULLARD fabricado em São Paulo, e posicionado em destaque na sala de visitas da casa.

Em Patos e alhures, o rádio foi se constituindo como um dos mais democráticos aparelhos de comunicação de massa, diferente do jornal escrito, que exige letramento e hábito da leitura, num país que historicamente ostenta um alto índice de analfabetismo. Diferente também do teatro e cinema, que exige a presença física do expectador, o rádio passa suas mensagens através da voz, e pode ser encontrado em qualquer lugar, inclusive nos bairros mais pobres. Nessa perspectiva, o pesquisador Antonio Clarindo, em seu trabalho sobre o rádio em Campina Grande, assevera: “mesmo quando não existia em todos os lares, sempre havia a possibilidade de ouvir-se a ‘caixa falante’ no vizinho, na mercearia, no boteco, no quartel, no hospital e até mesmo nos bares e cabarés” (SOUZA, 2006, p. 24).

Surgido nos anos vinte, no Rio de Janeiro, por ocasião do Primeiro Centenário da Independência do Brasil, em 1922, duas empresas, uma americana e outra inglesa fizeram demonstrações de rádio, e realizaram uma transmissão do Corcovado para a “feira de amostras”. Presentes ao evento, os pioneiros da radiofonia brasileira, Roquete Pinto e Oscar Moreira Pinto ficaram entusiasmados com a nova invenção. A ponto do senhor Oscar Moreira Pinto, comprar o equipamento e levar para o Recife, instalando-o “onde já havia a Rádio Clube de Pernambuco. A experiência Pernambucana pode ser considerada a primeira em moldes comerciais, pois antes disso as rádios só faziam anúncios de discos, e a partir de 1923, começaram-se a fazer transmissões de anúncios comerciais pagos” (SOUZA, 2006, p.26).

Só a partir dos anos de 1930, o rádio passou a ter um impacto decisivo na cultura brasileira. Alterou a rotina da casa, trouxe as últimas novidades do “mundo civilizado”. O rádio interferiu, a ponto de reordenar o cotidiano de parte da sociedade brasileira. O rádio foi

um veículo privilegiado no processo de formação e de divulgação de um novo estilo de vida, ligado às novas práticas culturais urbanas<sup>101</sup>. E assim,

Ao longo do século XX, com o constante surgimento de novidades tecnológicas, as práticas cotidianas passaram a ser reestruturadas com maior rapidez. Práticas tradicionais foram sendo cada vez mais rapidamente substituídas por outras que passaram a estar na moda, a representar a modernidade e a se tornarem logo ultrapassadas. Nos idos de 1940, o rádio e as mensagens que ele veicula já estavam investidos do caráter da modernidade. O rádio era o principal 'porta-voz' da sociedade urbano-industrial, que para ser moderna deveria seguir as tendências mundiais de desenvolvimento. O rádio, que possuía alcance nacional e até mesmo internacional, cumpria perfeitamente o papel de meio massivo de comunicação (AZEVEDO, 2002, p.13).

Contudo, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro fundada em 1936, foi reconhecidamente a emissora de maior penetração e audiência por todo o país. Pelos índices de popularidade e eficiência financeira atingidos, a emissora tornou-se, em especial no período compreendido entre 1945 e 1955, uma espécie de modelo seguido pelas demais emissoras de rádio em todo o país. Nos anos 1940 e 1950, o rádio passou a ser portador de grande glamour. A Rádio Nacional do Rio de Janeiro era uma espécie de *Hollywood brasileira*, capaz de realizar sonhos, transformar a vida num conto de fadas. Ser cantor ou ator de uma grande emissora carioca ou paulista era o suficiente para que o artista conseguisse sucesso em todo o país, obtivesse destaque na imprensa escrita e até mesmo freqüentasse os meios políticos (como um convidado especial ou mesmo como candidato a algum cargo político). Normalmente as turnês nacionais dos astros eram concorridíssimas, fazendo com que muitos dos jovens da época, de todas as regiões do país, tivessem como maior desejo, ou sonho, tornar-se artista de rádio na Capital Federal – seria o correspondente ao desejo de hoje, se tornarem artistas de televisão<sup>102</sup>.

Por outro lado, os políticos logo descobriram no rádio um aliado em potencial, Getúlio Vargas, fez um uso intensivo da Rádio Nacional, para irradiação de suas idéias e

---

<sup>101</sup>AZEVEDO, Lia Calabre. *No Tempo do Rádio: Radiodifusão e Cotidiano no Brasil 1923-1960*. Niterói - RJ: Universidade Federal Fluminense, tese de doutorado, 2002 p.13. Endereço eletrônico: [http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2002\\_AZEVEDO\\_Lia\\_Calabre-S.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2002_AZEVEDO_Lia_Calabre-S.pdf)

<sup>102</sup> IDEM

programa de governo, quando de seus discursos oficiais<sup>103</sup> no Estádio de São Januário, no Rio de Janeiro.

Não foi à toa também que na Campina Grande dos anos 50 e 60 prefeitos usaram o potencial de convencimento através do rádio para enviar suas mensagens aos ‘campinenses. Tanto Plínio Lemos (1951-53), quanto Elpidio de Almeida (1955-59); Severino Cabral (1959-63) ou Newton Rique (1963-64) fizeram amplo uso do equipamento para divulgar propostas, criar sonhos, elaborar projetos ou mesmo despedir-se do povo quando do encerramento de seus mandatos ou de sua cassação, no caso deste último. Até mesmo o Sr. João Jerônimo da Costa, que assumiu a prefeitura por apenas 100 dias, no fatídico ano de 1964, criou um programa radiofônico intitulado: “Pergunte ao João (SOUZA, 2006, p.27-28).

Na condição de porta voz das “últimas novidades do mundo civilizado”, incentivou comportamentos, atitudes, hábitos tidos como desejáveis, e chegou a reordenar o cotidiano de parte da sociedade brasileira. Foi também mobilizado para estimular os foliões a estarem presentes nos festejos carnavalescos, tocava as músicas consideradas sucesso, transmitia procissões, cronogramas de festas, divulgava os artistas locais e nacionais. Enfim o rádio se apresentava como um instrumento riquíssimo, de entretenimento e de comunicação.

A presença da música era intensa nas Rádios de todo o país. Ainda na década de 1940, Francisco Alves redescobria e consagrava a música para ‘dor de cotovelo’ de Lupicínio Rodrigues, cantando ‘Quem há de dizer’ e ‘Esses moços’. Dick Farney desenvolvia o samba-canção com grandes orquestrações à moda americana com em ‘Copacabana’ e ‘Marina’. Lúcio Alves fazia sucesso com ‘Na Paz do Senhor’, enquanto Dalva de Oliveira contava seu ‘Segredo’ e confessava para o público enorme que a elegeu Rainha do Rádio em 1951, ‘que’ errei sim’ (SOUZA, 2006, p.22).

<sup>103</sup> Durante o Estado Novo criou-se um calendário de comemorações que incluía o dia 19 de abril data do aniversário de Vargas, o primeiro de maio, a implantação do Estado Novo, a Independência, o Dia da raça, o Natal e o Ano Novo. No dia do trabalho, grandes multidões reuniam-se no estádio do Vasco da Gama para ouvir a palavra do presidente, que sempre presenteava “os trabalhadores do Brasil” com alguma iniciativa de cunho assistencial. E na semana do seu aniversário ocorriam comemorações por todo o Brasil, durante as referidas comemorações, além dos discursos oficiais, (exaltando a figura de Vargas) o Estado Novo sempre entregava alguma obra de cunho assistencialista para a população. Como exemplo pode-se citar a inauguração da estação ferroviária de Patos, entregue a população durante as festividades do aniversário do então Presidente da República. E tendo em vista que no período do Estado Novo o Rádio firmou-se como principal meio de comunicação de massa, foi bastante utilizado para divulgar as “festas cívicas” do Estado Novo.

Contudo, os programas de músicas, aliados as telenovelas que se tornaram uma verdadeira febre nos anos de 1940, marcaram a era de ouro do rádio, ditaram padrões de comportamento, pois, o que era dito nos microfones das rádios viravam moda com facilidade, atingindo grande sucesso. Assim “em 05 de junho de 1941, estreou na Rádio Nacional do Rio de Janeiro a primeira radionovela no Brasil, “*Em Busca da Felicidade*”, um original cubano de Leandro Blanco, adaptado por Gilberto Martins sob o patrocínio do creme dental Colgate” (AZEVEDO, 2002, p.252)

As radionovelas, tais como os romances de folhetim do século XIX e início do século XX, tinham a mulher como público alvo e se tornaram altamente populares. A linguagem da radionovela era simples e a temática abordada de forma a sensibilizar o ouvinte, o que fazia com que ocorresse um consumo do universo imaginário. As radionovelas entraram no cotidiano das pessoas, despertaram sentimentos diversos, provocaram debates e até manifestações extremadas dos ouvintes<sup>104</sup>. Contudo, o povo simples, que convivia diariamente com a miséria, com o uso do rádio passou a ter o teatro em casa, ou na casa do vizinho, quando por falta de um aparelho (que na época custava uma alta quantia em dinheiro) na sua própria casa. Nesse contexto, as cenas irradiadas nas radionovelas eram quase sempre marcadas por sofrimentos. Com isto, “as dificuldades cotidianas da maioria dos ouvintes, como disseram Oduvaldo Viana e Walter Foster, eram imaginariamente atenuadas pelos finais felizes, com o bem triunfando sobre o mal, num mundo de reis e rainhas do rádio” (AZEVEDO, 2002, p.258). Outro gênero de programação que também se tornou popular foram os programas de auditórios. Em geral eram compostos de atividades variadas, que iam das brincadeiras, a apresentação musical e concursos de calouros.

O auditório era o cartão de visitas das rádios em todo o país. Era para lá que se dirigia o público ouvinte com a finalidade de ver de perto seus astros prediletos. No final dos anos de 1940, os programas de auditório haviam se transformado em uma febre, eram utilizados como uma espécie de termômetro de popularidade das emissoras. Quanto maiores as filas de ouvintes em busca de ingressos, maiores se tornavam as possibilidades, do programa e da própria emissora, de obter bons patrocinadores (AZEVEDO, 2002, p.141)

---

<sup>104</sup> AZEVEDO, Lia Calabre. Op.cit. p.250-251

O rádio permitiu a popularização da informação, pois como vimos atingiu todas as camadas sociais. Assim sendo, assumiu também o papel de divulgador das principais notícias do Brasil e do mundo, que em plena década de 1940, se encontrava em guerra.

O Repórter Esso, por exemplo, foi ao ar pela primeira vez na Rádio Nacional do Rio de Janeiro em agosto de 1941. Nos primeiros tempos, o noticiário era especializado na transmissão de notícias internacionais, principalmente durante o período em que se desenrolou a II Guerra Mundial. Segundo alguns estudiosos, o Esso era uma peça de propaganda das atividades do governo dos Estados Unidos, durante a guerra, patrocinado pela multinacional de petróleo em várias partes do mundo. (...) O Repórter Esso foi também produzido em São Paulo, Recife, Porto Alegre e Belo Horizonte e transmitido pelas rádios Record (transferido depois para a Tupi), Jornal do Comércio, Farroupilha e Inconfidência, respectivamente (AZEVEDO, 2002, p.215-216).

Portanto, o rádio, no seu papel de veículo de comunicação de massa, ocupando posição de destaque, responsável pela “formação das cabeças”, passou também a influenciar na escolha de produtos a serem consumidos pela população. Nesse contexto, a propaganda radiofônica passa a ser a principal arma das empresas (inclusive empresas multinacionais) para venderem seus produtos:

O rádio e a propaganda que ele veiculava informavam a população e, em especial, a do interior sobre as últimas maravilhas da ciência, como por exemplo os anti-ácidos testados em laboratório e presentes em Sonrisal. A população era incentivada a colocar-se na moda. Em seu estudo sobre o cotidiano e a história, Agnes Heller trata também da questão da moda. Segundo a autora, as sociedades burguesas capitalistas à medida em que foram se desenvolvendo, foram contrapondo-se a tradição, numa perspectiva na qual a tradição aponta para o passado e a moda para o futuro. (...) o rádio tanto informava sobre a moda como criava ele próprio modismos (AZEVEDO, 2002, p.111).

Enfim, o rádio exerceu papel fundamental no processo de construção de referências culturais e de consumo em dimensões nacionais. Mais que o cinema, o rádio produzido pelas principais capitais – Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Recife – chegou imediatamente a todas as regiões do país, fosse diretamente com a transmissão em ondas curtas, fosse através dos programas gravados e vendidos ao interior. Muitos dos programas radiofônicos resgataram e divulgaram produções culturais locais em âmbito nacional. Sem dúvida esse

meio de comunicação serviu para acelerar a alteração de algumas práticas culturais locais, principalmente no interior do país, introduzindo valores que interagiam com os já existentes, criou uma nova prática local assemelhada à dos grandes centros<sup>105</sup>. Isto é, o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, por sua vez, acentuou o processo de hibridação cultural<sup>106</sup>. Pois possibilitou a intensificação dos contatos entre culturas diferentes.

Contudo, mesmo que a maioria das cidades localizadas no interior, a exemplo da cidade de Patos – PB sintonizassem alguma rádio através das ondas curtas. Uma das grandes aspirações dos seus habitantes era ver a instalação de uma emissora de rádio em sua cidade. E nessa perspectiva, a primeira emissora de rádio a ser instalada em Patos (a Rádio Espinharas) foi ao ar antes de receber a autorização federal, que se deu em 24 de agosto de 1950. Segundo informação obtida no site da referida emissora<sup>107</sup>, a sua instalação se deu em primeiro de agosto de 1950. E segundo depoimento de Osvaldo Brandão Torres (Vavá Brandão):

A emissora entrou no ar em julho de 1949, em fase experimental e passou a funcionar com programação normal em setembro do mesmo ano, tendo havido uma pré inauguração, com solenidade que contou com a presença das autoridades civis e eclesiais, de Benedito Vasconcelos, superintendente das três emissoras paraibanas, Dr. Bergalo engenheiro técnico, de Victor Costa do Rio de Janeiro e diretores locais. Por razões desconhecidas, a Espinharas só foi inaugurada oficialmente em 01 de agosto de 1950. O estúdio foi instalado na rua Rui Barbosa (local mantido até o presente com modificações) num antigo armazém pertencente ao então prefeito Clóvis Sátyro. (...) A primeira pessoa que se pronunciou nos microfones da Rádio Espinharas foi o Dr. Quinidio Sobral; o operador de estúdio era Júlio Paulo Souto e o do transmissor José Caunha Sobrinho. A primeira música, foi o frevo de rua Três da Tarde, disco 78 Rpm da RCA, com Zacarias e sua orquestra que invadiu os céus de Patos, logo após o gongo soar três vezes<sup>108</sup>.

<sup>105</sup> AZEVEDO, Lia Calabre. Op.cit. P. 163-164

<sup>106</sup> Sobre esse assunto, ver: CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas. Op.cit.

<sup>107</sup><http://www.radioespinharas.com.br/>

<sup>108</sup> Depoimento concedido ao jornal *A Voz do Povo* Ano VII, número 80, outubro de 2003 – Especial Centenário. Em um dos recortes do referido depoimento, Osvaldo Brandão Torres (Vavá Brandão) declara: “para os programas de auditório, a maior atração da emissora, fui contratado (pela Rádio Espinharas) no início do ano de 1950, com a incumbência de organizar e comandar o *Regional da Espinharas*, que se compunha de: Raminho no saxofone, Laureano no trombone, Quipinha e Antonio Moreno nos violões, Antonio Barros na Manola, Valdim no surdo e eu no pandeiro”

O primeiro diretor foi o Dr. Manuel Quinidio Sobral e a gerência administrativa e financeira ficou com o Dr. Chico Soares. Os primeiros locutores foram: Zé Rodrigues, Gilberto da Estatística, professor Rosalvo e a jovem Celina. Em virtude da pressa para a instalação da emissora, a antena teve que ser de madeira, instalada na murada da usina de luz, local onde depois foi construído o hotel JK<sup>109</sup>. O memorialista e um dos antigos profissionais da comunicação da cidade, Batista Leitão, que trabalhou de 1951 a 1958 na difusora “A voz das espinharas” (assunto discutido no item anterior) e, a partir daí, na Rádio Espinharas<sup>110</sup>, relembra:

Naquela época Patos possuía uma movimentada feira de gado, sempre nas quinta feira, para a qual convergiam pessoas de toda a região. Em uma certa ocasião um boi mascarado bateu a cabeça contra a referida estrutura, que acabou tendo que ser diminuída em mais de um metro. Mesmo assim ela continuou com um alcance satisfatório, uma vez que não existia muita interferência dada a falta de outros meios de comunicação do tipo<sup>111</sup>

Como já foi dito em recortes anteriores desse trabalho, inicialmente a Rádio Espinharas pertenceu a Pereira Lira, que se associou à empresa americana Byngton, (que era fabricante de aparelhos eletrônicos) que forneceu os equipamentos para a nova emissora. Após a derrota na eleição para o Senado, Pereira Lira entregou a emissora aos representantes da Byngton, que a mantiveram em funcionamento por alguns anos. Mas, logo fecharam as suas portas. O comércio de Patos, que na época ainda era pequeno, não tinha condições de sustentar, com seus patrocínios, o funcionamento da emissora. A população de Patos e região ficou frustrada com o fechamento daquela que já se constituía numa fonte de entretenimento e de comunicação. Um aviso dado através da Espinharas era ouvido em toda a região e a rádio passou a ser uma espécie de correio, numa época em que os Correios funcionavam de modo precário nas pequenas cidades e distritos de uma imensa região.

---

<sup>109</sup> Patos em revista. Patos – PB: Gráfica JB, edição histórica, 2005, p.63

<sup>110</sup> Na Rádio Espinharas, Batista Leitão atuou em todos os estilos, mas acabou se tornando conhecido pelo Forró do Pé Rapado, programa destinado aos setores periféricos e zona rural, composto de entretenimento e prestação de serviço. Como havia muita dificuldade com a comunicação escrita por conta da falta de estrutura nos Correios e irregularidades nos endereços, as pessoas costumavam enviar cartas ao seu programa. Cartas essas que eram entregues na sua barraca no mercado de Patos, principalmente nas segundas-feiras.

<sup>111</sup> Revista Patos, Patos - PB: Gráfica JB, edição histórica, 2005, p.63

Em 1958, Drault Ernani<sup>112</sup>, que era amigo de Chateaubriand, adquiriu a referida emissora, que após aproximadamente três anos paralisada, voltou a funcionar. Drault Ernani continuou com a emissora até 1962, quando a vendeu para o movimento de educação de bases, entidade ligada à Igreja Católica, que adquiriu várias emissoras de rádio no Nordeste, com o objetivo de desenvolver um programa de educação de adultos.

No decorrer da década de 1950, os programas de auditório assumiram papel importante na programação da Espinharas. No comando de Ari Rodrigues, os referidos programas se dividiam em: *Festival de Música*, quarta e sábado à noite; e *Domingo Alegre*, no domingo pela manhã<sup>113</sup>. No mês de agosto de 1950, a emissora fez pela primeira vez uma transmissão do meio da rua. Graças à perícia de Joaquim Araújo, transmitiu uma apresentação de Luiz Gonzaga, que ocorreu na Rua Solon de Lucena, em frente à casa de Dr. Clóvis Sátyro. Enfim:

Durante o ano de 1953, continuaram os programas de auditório e muitos artistas de fora vieram participar: o violonista Lô Geraldo, acordeonista Zé Costa, Genival Lacerda... Além dos cantores que surgiram aqui: José Inácio, Assis (Galego da Bo) e Sebastião do Rojão, o mais famoso. Também nessa época, a Espinharas passou a contar com a orquestra de Hermes Brandão, que se apresentava aos sábados. Em 1958, trouxe valores como Severino Quirino, Joel Carlos... e dinamizou o departamento comercial, melhorando as finanças, ao ponto de adquirir transportes próprio, uma marineti Chevrolet do ano (da qual eu fui motorista ocasional) que foi trocada em 1961 por uma perua VEMAG nova<sup>114</sup>.

Apesar dos problemas político-administrativos e técnicos, que a Rádio Espinharas enfrentou nos seus primeiros anos de funcionamento, a ponto de chegar a paralisar suas

<sup>112</sup> Drault Ernany era um abastado empresário na capital federal, um dos principais acionistas na refinaria de petróleo de Manguinhos, sua filha era casada com Milton Cabral, filho de Severino Cabral. Intencionava chegar ao governo do Estado em 1960 ou ao Senado da República em 1962. Apoiava os nacionalistas na impressão do Evolução e cedia horário gratuito em sua emissora (a Caturité) para divulgação dos atos do MNB [...] Homem de empresa do Sul do País, banqueiro e industrial, profundo conhecedor da utilidade de uma assessoria profissional no campo da publicidade contrata o técnico em publicidade Jorge Albano. OLIVEIRA, Flavianny Guimarães. Rádio e Política em campina Grande. in: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. Et.al. *História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande*. Campina Grande PB: EDUFCG/EDUEP, 2006, P.81

<sup>113</sup> Depoimento de Osvaldo Brandão Torres, in: Jornal *A Voz do Povo* Ano VII, número 80, outubro de 2003 – Especial Centenário.

<sup>114</sup> Idem

atividades por aproximadamente três anos, no período em que esteve no ar, funcionou como mais um ícone do moderno na cidade de Patos.

Isso nos remete ao trabalho do pesquisador Chagas, que em sua tese sobre a modernização na cidade de Parahyba, questiona, “o que era ser um homem ou uma mulher moderno/moderna na Parahyba? Esse conceito assumiu vários significados, a exemplo de ‘estar bem vestido’, ‘morar na área central da capital’, ‘expressar-se bem em público’, ‘frequentar o cinema, o teatro’ e ‘consumir artigos de luxo importados da Europa’” (2010, p.41). Contudo, guardadas as devidas diferenças de tempo e lugar, na cidade de Patos não foi muito diferente, pois nos idos dos anos de 1950, para ser moderno, era necessário pelo menos, já ter viajado de trem, conhecer a capital pernambucana, vestir-se de acordo com a moda corrente nas grandes cidades, ir ao cinema, ouvir rádio... Segundo Chagas “não havia um único ícone que condensasse a nova realidade, mas emblemas em que estavam manifestadas várias possibilidades de se portar” (idem).

Cabe ressaltar que os hábitos ditos modernos incorporados ao cotidiano da cidade de Patos, poderiam muito bem não se enquadrar aos hábitos considerados modernos nas capitais “civilizadas”, mas para aquelas pessoas, e para a cidade de Patos, eram modernos, isso porque o moderno é entendido como novo, recente, atual, que por sua vez contrasta com os costumes rurais, tidos como atrasados. Nessa perspectiva a filosofia de muitos programas veiculados nas principais rádios do país, tratavam os costumes rurais de forma jocosa, dando a entender que esses seriam atrasados, enquanto que os costumes urbanos seriam avançados, modernos.

*O Forró do pé Rapado*, segundo depoimento de Batista Leitão, teve como referencial

O Forró do Zé Lagoa, apresentado por Rosil Cavalcante na Rádio Borborema de Campina Grande. “Ramalho Silva que trabalhava na Rádio Borborema veio para Patos e introduziu o programa “Forró do Pé Rapado” em homenagem ao bairro do Bariri acolá onde só morava gente pobre e já tem vários conjuntos lá. Quando Ramalho deixou o programa eu assumi (APUD SILVA, 2004, p.45)

Pode ser considerado um exemplo de tal prática, Batista Leitão assumiu *O Forró do Pé Rapado* em 1958. Segundo ele, foram criados novos personagens: Maria Boca de Gamela, Suvaco de Lagartixa, Encarcadinha, Vai Não Volta, Espirro de Porco, Fussim (sic) de Porco, Panela de Pressão, Gogó de Sola, Zefa Curupissi e tantos outros. No referido programa além das brincadeiras que o locutor fazia com suas dançarinas fictícias (todas elas criação do

locutor, que por sua vez também fazia as vozes de todas elas), tinha os momentos de músicas, e de uma grande variedade de avisos. Existiam os avisos de: cantorias, casamentos, aniversários, vaquejadas, forrós; os avisos de mortes, enterros, missas; sendo muito comuns também os avisos sobre o estado de saúde de pessoas que se encontravam doentes no Hospital Regional de Patos. Enfim, *O Forró do Pé Rapado* tinha grande audiência, principalmente nas periferias e zona rural do município. Na época o rádio era o meio de comunicação mais rápido, já que o telégrafo e o telefone atendiam principalmente as áreas centrais da cidade. Por isso se constituiu num instrumento de utilidade pública (principalmente para os habitantes dos arredores da cidade). Como vimos no depoimento exposto acima, o rádio se imiscuiu no cotidiano do patoense (tanto na zona urbana como rural) e gradativamente se configurou como um dos itens em destaque nas residências.

Em 1962, o *Movimento de Educação de Bases*, ligado à Igreja Católica, adquiriu várias emissoras no Nordeste, com a intenção de usá-las em um programa de educação à distância. Na Paraíba, as rádios Caturité e Espinharas foram entregues às dioceses de Campina Grande e Patos, respectivamente. “*Educar, divertir e informar*” era o lema da Rede de Emissoras Católicas de Rádio. Segundo depoimento da Sr<sup>a</sup>. Fildani Gouveia, o primeiro diretor nessa nova etapa da história da emissora, foi o padre Milton Arruda de Alencar, pároco da Igreja de Nossa Senhora da Guia. A nossa depoente destaca o empenho da nova equipe liderada pelo padre Milton, no sentido de impulsionar a Espinharas.

Quando o padre Milton entrou entraram também outras pessoas para dar um impulso maior à Rádio. Como padre Assis com suas crônicas belíssimas, seus trabalhos belíssimos (que futuramente foi um dos diretores), entrou também Durval Fernandes e o Sr. Vicente Xavier de Oliveira. Na época professor do Colégio Diocesano de Patos, casado com uma sobrinha do Monsenhor Vieira, dona Terezinha Vieira, que entrou também para trabalhar. E aí foi formado uma diretoria para impulsionar, demonstrando ao comércio patoense a necessidade de uma divulgação maior dos seus produtos, o bem que poderia proporcionar às suas casas comerciais divulgação que estava atingindo um pólo maior do que estava atingindo antes( APUD SILVA, 2004, p.26)

Contudo, nessa nova etapa, a Rádio Espinharas, organizou uma programação, que consistia em programas religiosos, a exemplo do programa *A Voz das Paróquias*, que ia ao ar nas sextas-feiras, um espaço aberto para cada paróquia divulgar suas atividades religiosas. Outro programa foi *A Crônica das Doze*, do padre Assis, que ia ao ar de segunda a sexta-feira,

sempre ao meio dia. No referido horário o padre Assis versava sobre os mais diversos temas, geralmente ligados à questão dos valores da família, da educação, protestava ou homenageava, de acordo com a ocasião. Como nesse período os jornais escritos só chegavam em Patos a noite, quando o *Amarelinho* chegava de Campina Grande com as malas dos Correios, que traziam também os jornais destinados aos assinantes, “havia um rádio grande tipo Philco aquele rádio que tem nove ondas, e havia lá na Rádio Espinharas os meninos ficavam tentando sintonizar Recife. Rádio Clube de Pernambuco, Rádio Jornal do Comércio, para ouvir as notícias. Além das notícias do dia tentavam ouvir a Rádio Nacional do Rio de Janeiro” ( APUD SILVA, 2004, p.29). Na época ainda não havia gravador de áudio, os fatos narrados precisavam ser anotados na hora, para em seguida serem lidos nos microfones da Espinharas. Então quando acontecia um fato extraordinário, colocava-se um disco grande que era o mensageiro do ar, que entrava com uma pancada sonora, “*o mensageiro do ar informa*” e os ouvintes corriam para perto do rádio, pois sabiam que naquele instante seria divulgado um acontecimento recente, que podia ser um acontecimento local, como também, um acontecimento de repercussão nacional, que havia chegado através das ondas curtas de uma das rádios do Recife, ou mesmo da Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Assim como todas as demais emissoras, além dos programas religiosos e de notícias, a Espinharas continuou com seus programas de *cartão sonoro*. Os famosos programas de auditório além das brincadeiras, apresentavam as atrações locais, tendo em vista que alguns grupos musicais da terra foram contratados para animar os programas da emissora.

Havia também os programas de calouros, que promoviam concursos de cantores/cantoras, e com isso abriam a oportunidade para os artistas da terra, a exemplo de Amaury de Carvalho, entre outros.

Nesse contexto, a emissora em questão também trouxe para a cidade alguns nomes consagrados nacionalmente, e na incapacidade do pequeno auditório da emissora para comportar o público que se fazia presente nessas grandes apresentações, a exemplo de Cauby Peixoto, Ângela Maria, Núbia Lafaiete e demais ídolos da época, o auditório do cine Eldorado, que já se encontrava funcionando no seu novo prédio, localizado à Rua Pedro Firmino, vizinho ao prédio do Posto telefônico (onde atualmente encontra-se a loja *Insinuante*) serviu de palco para os grandes shows.

Apesar das restrições outorgadas à sociedade brasileira, pelos governos ditatoriais que se instalaram no poder a partir de março de 1964, os meios de comunicação sofreram fortes

intervenções, segundo o depoimento do Sr. José Augusto Longo, a Espinharas nunca sofreu perseguição da ditadura, por que “nunca foi nem contra nem a favor, pelo contrário ela teve essa política da boa vizinhança nunca se meteu nem a favor, nem contra” (APUD SILVA, 2004, p.59).

Na qualidade de veículo de comunicação de massa, o rádio se constituiu importante canal de comunicação e entretenimento na cidade de Patos. Sem a concorrência da televisão, pelo fato de que ainda não existia, ocupou papel de destaque no decorrer de várias décadas, atuando no campo da música, da informação, dos programas de auditório, das dramatizações, a exemplo da Paixão de Cristo e até mesmo das radionovelas. Assim, imprimiu nova dinâmica à cidade, e também à zona rural do município, construiu novas sociabilidades, visto que os seus programas eram mais uma opção de lazer para os habitantes daquela urbe, que também podiam contar com o *cine Eldorado* que oferecia uma certa vida noturna à cidade, as retretas que alegravam as noites de domingo na Praça Getúlio Vargas e a Festa da Padroeira “Nossa Senhora Da Guia”, que anualmente, no mês de setembro, mudava os ares da cidade, quando ali eram instalados os parques, anunciando que os próximos dias seriam bem diferentes.

## CAPITULO III

### DOS LAZERES

#### 3.1 A Festa de Nossa Senhora da Guia: a suspensão temporária do cotidiano da cidade

##### 3.1.1 Nos idos de 1940: a inauguração do novo templo católico

As festas anuais dedicadas à padroeira da vila de Patos, a partir de 1903, cidade de Patos, se configuraram como evento de grande importância para pobres e ricos. Todos dedicavam oferendas (dentro das condições possíveis) para a “Virgem Santa” e nos dias dedicados a festa, a grande maioria dos moradores da cidade e também da zona rural do município marcavam presença nas atividades religiosas, no pavilhão central, na “bagaceira” e demais atividades oferecidas ao público presente. Dessa forma, até mesmo o ritmo de trabalho era alterado. No dia 24 de setembro, data do encerramento da festa, os fiéis não trabalhavam<sup>115</sup>.

Até os anos iniciais do século XX, a festa dedicada à padroeira da então cidade de Patos<sup>116</sup>, parece que se resumia à parte religiosa. Porém, de acordo com o depoimento do Major Sebastião Fernandes, a partir de 1913 a Festa da Guia passou a contar com a prática do passeio público (APUD SOUSA, 2001), expressando um sentimento de vida moderna. Ainda na década de 1910 a festa tomou um grande impulso com a participação da Philarmonica Patoense, fundada em 10 de novembro de 1915<sup>117</sup>, nas famosas retretas e alvoradas. As novenas, as missas, as procissões e o pavilhão tiveram uma maior animação e um

---

<sup>115</sup> Ainda hoje, o dia 24 de setembro, que marca do encerramento da Festa de Nossa Senhora da Guia, é feriado no Município de Patos.

<sup>116</sup> Considerando que em 24 de outubro de 1903 a Lei nº 200 eleva a até então vila de Patos, a condição de cidade.

<sup>117</sup> Jornal “*A Voz do Sertão*”, Patos – PB, 15 de novembro de 1915

brilhantismo todo especial, inclusive servindo anualmente como ponto de convergência para todos os filhos daquela terra.

No ano de 1914 ocorre a criação do jornal *O Festival* por Florentino Jr. e Genésio Gambarra. Vendido ao preço de 100 réis, o exemplar do jornalzinho literário, humorístico e noticioso trazia o subtítulo: “Edição de *A Voz do Sertão*” mostrando com isso que era uma espécie de caderno do primeiro jornal surgido em Patos. Naquele mesmo ano e com as mesmas figuras: Florentino Jr. e G. Gambarra. Muito bem feito para ser um pasquim de festa;

*O Festival* fazia crônica social da terra, promovia concursos de beleza e de simpatia, além de criticar autoridades e lideranças. De suas colunas, as mais interessantes eram: crônica; perfil único; novidades velhas; concursos; eu vi ontem; (sic) necrologia. Nesta última, um acinte a um rapaz da época, chamado Thomaz: Colheu mais um cravo de defunto na sua infeliz existência o nosso amigo Thomazinho ... Soubemos de fonte limpa que a sua coió (delle) mandou-lhe um cacho de bananas. Requiescat in pace. Nas páginas da única edição encontrada, cedida pelo nosso conterrâneo Oswaldo César Porto, só encontramos um pseudônimo: fãisca. Referimo-nos a edição de 29 de dezembro de 1914, nº 3, ano I noite dos solteiros<sup>118</sup>.

Naquele ano a festa foi realizada no mês de dezembro com encerramento no dia 30. Antes da criação de *O Festival*, o jornal *A Voz do Sertão* em sua edição de 25 de julho de 1914, trouxe toda a programação dos novenários e seus respectivos noitários.

#### Novenário

##### 1ª noite

Cônego Machado, Pe. José Viana; major Silvino Xavier, Cel Canuto Rodrigues e Capitão Manoel Alves Camboim.

Programadores – Cônego Machado e Pe. Vianna.

##### 2ª noite

Almocreves e agricultores. Procuradores – Pedro Isidro, Antonio Valente José Meira Chagas Lima, Manoel ... Zacarias Ferreira, Cel. José Rodrigues Minéo Leite, José Lopes e Justino Joça.

##### 3ª noite

Donos de vapores, engenhos e bolandeiras.

Procuradores – cel. Roldão Meira, major Francisco Wanderley, cap. José Thomas Cabral, Francisco Pereira da Silva e Zacarias Baptista.

##### 4ª noite

Fazendeiros e criadores. Procuradores – capm. Jose Mendes da Nóbrega, Antonio Carneiro, Pedro Dantas Cícero Alves Torres e Laurenio Queiroz.

<sup>118</sup> ARAÚJO, Fátima. *Paralba imprensa e vida*: 2. Ed. Campina Grande – PB: GRAFSET, 1986

5ª noite

Funcionários públicos. Procuradores – Cel. Miguel Sátyro, Cel Fenelon Bonavides e Adelno Raphael.

6ª noite

Artistas

Procuradores – João de Barros Liasar Hermínio dos Santos e José Florentino Junior

7ª noite

Commercio

Procuradores coronéis José Geronimo Ribeiro, Aristides Marques, José Vieira Manoel Hypolyto, Luiz de Faria Vieira Arquimedes do Amaral e Josias Nóbrega

8ª noite

Senhoras casadas

Procuradoras – donas capitulina sátyro, mariana Nóbrega, Maria Firmino, minú bonavides, Maria Dolores, izauro gambarra, Elvira pontes jonanna porto e Cristina marques d'almeida.

9ª noite

Solteiros

Procuradores – senhoritas Maria Amélia, Julia Meira, euridicie Cabral, Antonia Gomes, Severina ribeira lourenita bezerra e Emilia Cabral.

Dr. Pedro Firmino, João campos, Horácio ribeiro Cícero Meira Jose de farias e Antonio de Souza.

Comissão para decoração da igreja donas Adelina Ayres, Quinoca Machado, Maria Nunes, Cassimira do Rosário e Izabel Cabral.

Procuradores geraes da festa – dr Fenelon Bonavides, dr. Jose Genoino Lustosa Cabral e Genésio Gambarra.

A referida programação, no que diz respeito a distribuição dos noitários, homenageava principalmente os: donos de vapores, engenhos, bolandeiras, funcionários públicos, comerciantes, senhoras casadas e solteiros<sup>119</sup>. Numa clara demonstração da manutenção das diferenças que operam no mundo diário. Pois.

Nas festas da ordem, a ênfase é sempre colocada na ordem, na regularidade, na repetição, na marcha ordeira, no cântico cadenciado, no controle do corpo que, repito, remete à idéia de sacrifício e disciplina, esses dois ingredientes básicos da promessa. Aqui, o mundo é englobado e apresentado pelas posições sociais que a sociedade considera importante. Seu foco é nas autoridades: Deus, Pátria, Saúde, Educação e instrução. Nisso, eles revelam, ampliando, as diferenciações sociais já existentes no mundo diário, onde as pessoas efetivamente se distinguem por meio de cadeias hierárquicas que indicam e revelam sua importância na reprodução da ordem social conhecida. Desse modo, se uma pessoa é presidente, governador, senador, deputado, secretário, juiz ou professor, é exatamente assim que deve aparecer nos ritos da ordem (DA MATA, 2001, p.85).

<sup>119</sup> Entendemos que apesar da abrangência do termo (senhoras casadas, solteiros) os grandes homenageados nas referidas noites eram apenas as esposas e filhos dos representantes dos extratos sociais que já haviam sido homenageados nas noites anteriores, a exemplo dos donos de vapores, bolandeiras, funcionários públicos, entre outros.

Contudo, a partir da lição de Da Mata, é possível observar na programação citada pelo jornal patoense, uma imensa variedade de profissões todas masculinas. As mulheres, ainda que homenageadas na noite das casadas, não têm lugar no mapa traçado pelo jornal. E, como não poderia deixar de ser, uma festa que embora contemplasse aparentemente todas as profissões e/ou ocupações entre os patoenses do sexo masculino, parece visível certas demarcações hierárquicas. Por exemplo, mesmo quando os homenageados são gente simples – almocreves, agricultores, artistas (operários, artesãos) e gente do comércio – seus procuradores são gente importante da terra.

Na década de 1920, com a chegada da energia elétrica<sup>120</sup>, a festa ganhou um brilhantismo todo especial, inclusive possibilitando se estender um pouco mais noite a dentro.



Ilustração número 13: Festa em Patos na década de 1920. Acervo da Fundação Ernani Sátyro

---

<sup>120</sup> Em 1921 instalou-se a energia elétrica na cidade de Patos, através de um gerador, cuja montagem foi confiada ao engenheiro Cavalcanti. Patos em revista, edição histórica, 2005, p.07

O registro do nosso fotógrafo se deu em 1922, o cenário da foto é a *Rua Grande*, principal centro de Patos na década de 1920. Lá no fundo na margem esquerda da foto está localizada a Igreja da Conceição, principal Igreja de Patos na época. A movimentação de pessoas bem vestidas, possivelmente com ternos de linho na maioria brancos, alguns sentados em mesas, postas na rua, charretes e um ou dois automóveis na rua, sugere que naquele momento acontecia alguma festa. Enfim, pela grande movimentação existente para aquela época, é muito provável tratar-se de uma festa religiosa, visto que na época só poderia haver um movimento com tal intensidade naquela pequena cidade do interior quando acontecia a festa da sua padroeira, que na época ainda era em dezembro, pois, era nesse dia que os habitantes da cidade e também da zona rural saíam das suas casas, para participarem do tradicional evento religioso.

A partir de 1926 sua programação já era realizada no mês de setembro e era organizada por quatro comissões: central, jovens, ornamentação e uma destinada a arrecadação de fundos<sup>121</sup>. Ainda na década de 1920, surgiram vários “jornais oficiais da festa”, que quase sempre de forma jocosa davam uma nova dinâmica ao evento.

Em nossa busca por vestígios que nos autorize “narrar” os acontecimentos inerentes ao evento religioso de Patos, tivemos acesso a alguns exemplares dos famosos “jornalzinhos” que circularam no final da década de vinte, a exemplo do *Flirt* número I, ano II que circulou em 03 de setembro de 1928, estando o referido periódico em seu ano II, mostra que já havia circulado na festa do ano anterior. Em 21 de setembro de 1929 é a vez do *Fuzarca*, suplemento da *Gazeta de Patos*, em seu ano II. Os referidos periódicos, além dos editoriais, eram compostos por colunas que destacavam alguns acontecimentos sociais de Patos. E assim sendo, o número I do *Flirt* que circulou durante a festa de 1928 trouxe um editorial que expressa a ansiedade com que o povo patoense esperava a festa da sua padroeira.

Satisfazendo a ansiedade do povo, o afan que ha muito se vem manifestando no espirito (sic) geral chegou afinal setembro e com elle alegria exuberante se expande n'uma eclosão de prazeres latentes que adormeciam sonhados com os risonhos dias da festa. E o alvorecer de domingo, veio encontrar em todas physionomias a satisfação estetupendas, com o estyma denunciador de prazer que em todos os corações lateja, fremindo e pulsando em ardores e arrebatamentos<sup>122</sup>.

<sup>121</sup> *Patos em Revista*, edição histórica, Patos: Gráfica JB: 2005 p.108

<sup>122</sup> O *FLIRT*, ano II, Patos –PB, 03 de setembro de 1928

A festa em questão alterava a rotina de Patos, durante sua programação, a cidade era transformada, novas pessoas chegavam diariamente, inclusive algumas estranhas ao convívio, carrosséis eram instalados, barracas armadas, as cerimônias religiosas se tornavam mais constantes, e, claro o pavilhão social com bebidas, leilões e retretas animavam as noites e, por conseguinte, atraíam um grande número de pessoas para a cidade.

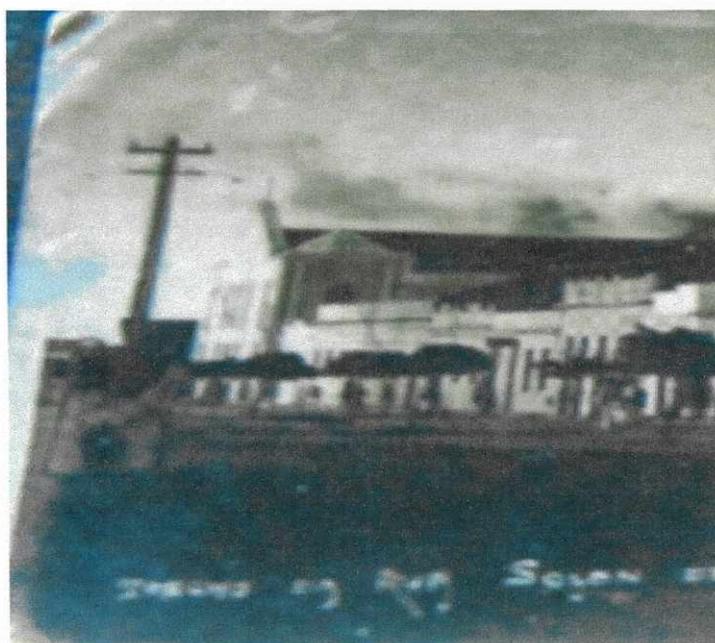


Ilustração número 14: Primeiro prédio da Igreja de Nossa Senhora da Guia. Acervo da Fundação Ernani Sátiro – Patos –PB

Todavia, no início da década de 1940, o padre Fernando Gomes<sup>123</sup> resolveu derrubar a igreja simples (que pode ser visualizada na ilustração acima), que nunca teve forro, cujo piso foi sempre de cimento, mas que havia servido aos religiosos por aproximadamente 36 anos. Os trabalhos da nova igreja foram iniciados em 02 de julho de 1940. Para realizar os trabalhos o padre contratou o construtor Antonio Batista, que tinha como mestre de obras o senhor

<sup>123</sup> Nascido em Patos, no dia 04 de abril de 1910, ingressou no Seminário Metropolitano da Paraíba em 1921, onde concluiu seus estudos primários e fez os cursos de humanidades e filosofia. Iniciou o de teologia e foi terminá-lo em Roma, licenciando-se em dogmática pela Universidade Gregoriana e recebendo a sagrada ordem do presbiterato de Sua Eminência o Cardeal Marcchetti Selvaggiani, a 1º de novembro de 1932. Em Roma ordenou-se então. Foi nomeado vigário de Patos, no dia 1º de janeiro de 1937 empossou-se em sua paróquia (WANDERLEY, 2003, p.40-41).

Pedro Benedito. Segundo depoimento de Osvaldo Brandão Torres (Vává Brandão), no dia 30 de outubro de 1940, quando estavam trabalhando na cobertura do templo aconteceu um grave acidente, uma tesoura quebrou-se e atingiu o mestre Pedro Benedito, seu Júlio e mais quatro operários que estavam no andaime. O mestre Pedro Benedito<sup>124</sup> morreu na hora com o pescoço quebrado, os outros foram atendidos na Casa de saúde *São Geraldo* do Dr. Estácio Souto Maior. Seu Júlio ficou paraplégico e os outros operários tiveram ferimentos leves. “o acidente aconteceu por volta das nove horas da manhã e foi ouvido o estrondo muito longe. Eu corri para o local e vi a poeira cobrindo tudo” destaca nosso depoente.

Contudo, a inauguração da obra se deu dentro das festividades de setembro (dedicada à padroeira Nossa Senhora da Guia) do ano de 1942. E já no dia 14 do referido mês, foi colocada a Custódia no ápice de sua torre que tem uma altura de 38 metros e que foi uma oferta de Custódio José Pessoa, que era genro de Manoel de Oliveira – proprietário da mina de ouro – e era administrador da mina e de todos os negócios da família. A referida mina de ouro, localizava-se na época no município de Piancó – já que Catingueira ainda não era município - de 1942 a 1944 teve o seu ponto alto. Além de Manoel Oliveira, seu proprietário, muitos outros garimpeiros fizeram fortuna: Antonio Brasilino, Semião Gentil, Oscar Xavier, Manezinho do ouro (ex-barbeiro), José Aragão, Ageu de Castro, Pedro Alma e Outros. Manoel Oliveira era o mais rico de todos.

Quanto ao relógio (o de mostrador redondo) de procedência das oficinas Salesianas de Juazeiro, foi uma doação dos nove sócios da mina de ouro de São Vicente<sup>125</sup>. Tudo leva a crer que apesar da inauguração, as obras do templo ainda não haviam sido concluídas totalmente, tendo em vista que o jornal oficial da festa, “*O Leso*” na sua edição de 18 de setembro de 1942, tratou do evento nos seguintes termos:

---

<sup>124</sup> Pedro Benedito, além de mestre de obras era proprietário do Sítio Juá Doce – atualmente bairro – casado com Dona Antonia Felix de Lucena, deixou os seguintes filhos: Euclides, Severino, Jaime, Maria, Almira, José e Pedro Filho. Toda a cidade de Patos lamentou a trágica morte, o enterro aconteceu na tarde do mesmo dia, no cemitério São Miguel, com a presença de uma grande multidão. Atualmente uma das ruas próximas de onde o mestre Pedro Benedito morava (que liga a Lima Campos – no São Sebastião - ao bairro da Vitória), tem o seu nome.

<sup>125</sup> SOUSA, José Romildo. Subsídios para a história da Igreja de Patos. in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Patos*, nº 02, ano 2001, p. 32

A dosagem de brilhantismo que envolveu a inauguração da Custódia do nosso magestoso (sic) templo, no dia 14, bem provou que estamos disposto a enfrentar todas os esforços e energia para maior animação nas noites que se seguem, afim de, ao mesmo tempo que nos divertimos angariarmos recursos preciosos para a conclusão dos trabalhos de nossa Matriz. Por conseguinte, se faz necessário que esse ardor do primeiro dia, prossiga a passos largos para que possamos alcançar o tão precioso fim a que nos dedicamos.

Mesmo assim, em 1942, a festa transcorreu mergulhada no clima de inauguração do novo e moderno templo, que expressava o gigantismo do empreendimento, dando a entender que cidades que não contasse com um templo de grande porte seriam insignificantes. E neste contexto, o relógio de última geração em sua torre principal há marcar o tempo que transcorria na urbe, imprimia novas sensibilidades, que tinham como centro as grandes metrópoles mundiais, a exemplo de Londres, Paris, Berlim, e em termos de Brasil, Rio de Janeiro e Recife... metrópoles essas, que na segunda metade do século XIX, e início do século XX, passaram por um processo de modernização, que intensificou o “estado de espírito”, definido por alguns estudiosos, e a exemplo David Harvey, como modernidade.

Assim, observando a dinâmica da festa da padroeira de Patos, procuramos perceber como os patoenses se comportavam em seus momentos de lazer, pois:

Muitos estudiosos pensam sobre a sociedade como se não existisse a noção de lazer e intelectuais audaciosos, ao buscar novos sistema que desejariam mais próximos da atual realidade, deixam-na de lado. Pretendemos demonstrar que essa subestima teórica, conferida ao lazer, poderá levar a engendrar sistemas que, desde seu início, estarão privados de uma parte da vida. Para chegar ao problema geral, apresentado pelo lazer na cultura contemporânea, não bastará pesquisar os problemas do homem através do cinema, do esporte, do teatro ou da televisão. O lazer já tendo sido reconhecido em sua amplitude e estrutura complexa e ainda nas suas relações com os demais aspectos de nossa civilização maquinista e democrática, não mais pode ser considerado como um problema menor, sem importância e características próprias, colocado no fim da lista dos problemas importantes e na dependência de existir ainda, tempo e dinheiro para que seja levado em consideração (DUMAZEIDIER, 1976, p.19-20).

Nessa perspectiva, a dinâmica da festa da padroeira de 1943, expressou claramente o momento que a cidade estava vivendo, sentia a iminência da chegada do trem de ferro<sup>126</sup>, um

<sup>126</sup> SILVA, Josinaldo Gomes. A estação ferroviária de Patos e as sensibilidades do moderno (1950 – 1960). In: X *Encontro Nacional de História Oral*. Testemunhos: história e política. Recife –PE: UFPE, 2010

sonho que há décadas povoava o imaginário dos cidadãos daquela urbe. Assim, um editorial do jornal oficial da festa da padroeira, *O espião*, em seu número I, que circulou em Patos, em 23 de setembro de 1943, descreveu a dinâmica do pavilhão central da festa, em sua noite dedicada aos funcionários do Departamento Nacional de Estradas de Ferro, nos seguintes termos:

As lágrimas multicores dos fogos de artifício clareavam a cada momento o espaço, eram pingos de luz que salpicavam a noite dedicada aos funcionários do Departamento Nacional de Estradas de Ferro. A harmonia dos hinos que a Schola do Cônego Amâncio executava, era bem a imagem das preces que os funcionários da RVC (Rede Viação Cearense) dirigiam aos céus. No Pavilhão eles organizaram o seu banquete, onde incorporados, demonstravam que comungavam com os patoenses o ideal de ver o templo da Virgem Nossa Senhora da Guia concluído. Ao mesmo tempo, que isso se passava, numa grande mesa posta, reunidos se achava os boiadeiros de Patos e outras cidades, emprestando a sua solidariedade aos festejos da noite. Foi a união do abôio másculo do boiadeiro do Nordeste com o silvo estridente da locomotiva. Enquanto eles tomavam o seu copo de cerveja o Orfeon de Parelhas cantou a quatro vozes “minha casinha”, a melodia que traz alegria e orgulho ao cearense como homenagem aos ferroviários. Prestou também homenagem aos boiadeiros e aos sacerdotes presentes as festividades. A noite dos ferroviários foi portanto, uma combinação sublime de aboios, silvos de locomotivas e vozes femininas de um orfeon admirável.

É possível perceber a partir do editorial acima citado, que novos personagens estavam emergindo na sociedade local. Tratava-se de uma invasão de forasteiros, que acompanhavam os novos equipamentos urbanos, seja nos transportes, seja na indústria... Que chegavam periodicamente aquela urbe. Trazendo consigo estilos de vida que se diferenciavam profundamente dos costumes tradicionais. Porém, cabe ressaltar que as famílias tradicionais ainda eram detentoras do mando em todas as esferas da vida local. Todavia, na década de 1950, a modernização da urbe, continuou a refletir no pavilhão central da festa Da Guia, em Patos, temática que será discutida no próximo item.

### **3.1.2 Os anos de 1950: novas sociabilidades na tradicional festa religiosa**

Na década de 1950, novas mudanças foram se incorporando a cartografia da cidade de Patos, mudanças essas percebidas também na festa da padroeira. Novos personagens passaram a fazer parte da comissão central e marcar presença no pavilhão social. Eram os novos ricos,

que se dispunha a colaborar com toda e qualquer ação social, e, ao invés de se preocuparem em ajudar, estavam interessados mesmo em mostrar a todos, que haviam enriquecido, não eram mais iguais à antes, quando eram operários da construção civil, das indústrias de beneficiamento de algodão, ou pequenos comerciantes. Faziam questão de mostrar que tinham conseguido juntar fortunas, e agora pousavam como socialites (apesar de haver desconfiança com relação ao enriquecimento rápido daquelas pessoas) e para que fossem reconhecidos como tal precisavam aparecer de alguma forma.

Nesse contexto, um romance ambientado em Patos na década de 1950<sup>127</sup>, recupera imagens referentes à Festa de Nossa Senhora da Guia, ocorrida nos anos finais da referida década, numa trama em que um grupo de mulheres da “sociedade patoense”, se reúne com o vigário da Paróquia, tendo como objetivo principal planejar as atividades da festa daquele ano. A primeira a chegar foi Dona Clélia Monteiro, esposa do comerciante João Monteiro, que no passado tinha trabalhado como servente de pedreiro, mas que havia se tornado um grande comerciante da cidade. A senhora Monteiro entrou no recinto, e depois de cumprimentar o padre, sentou-se em uma cadeira de balanço, e foi logo reclamando do calor reinante no salão da ação católica – local da reunião – como se não houvesse nascido e crescido em Patos. Após Dona Clélia, foram chegando às demais mulheres que iriam participar da reunião: Célia Vilar, esposa de José Vilar, comerciante; Nefertiti Lemos Magalhães, casada com Dr. Orfeu Magalhães, engenheiro; D. Gercina Brito, esposa do Dr. Olavo Brito, Juiz de Direito da comarca; Rosália Santos, casada com o deputado Carvalho Santos; Iara Lopes, esposa (ou amante) do Capitão Demosthenes, Delegado de Polícia, há pouco chegado da capital (FERNANDES, 1996, pp.17-18).

Na referida reunião tomou-se as medidas básicas para o bom andamento da festa da Guia. Inicialmente o padre procurou justificar a ausência da esposa do prefeito, que ali não se achava porque estava viajando. Mas disse que o prefeito estava pronto a cooperar com a festa. E como tratava-se de um período eleitoral, o padre ressaltou que o prefeito Municipal juntamente com os deputados haviam decidido não realizarem comícios nos dias dedicados à festa. Falou sobre a armação do pavilhão que seria dali a duas semanas, e sobre a ida de uma comissão aos sítios, a fim de arrecadar donativos para o evento, a exemplo de galinhas, perus,

---

<sup>127</sup> FERNANDES, Flávio Sátiro. *A Festa de Setembro*. (romance) João Pessoa – PB: Letras e Artes, 1996

carneiros, e demais doações, que seriam leiloadas no referido pavilhão (FERNANDES, 1996, 19).

Com relação à tradicional disputa de rainha da festa, o padre, deixou claro que as candidatas seriam apontadas pela diretoria de cada pavilhão. Em seguida deliberou-se sobre o nome que seria dado aos pavilhões. D. Gercina Brito preocupada em manter a tradição sugeriu logo que se chamassem *Azul e Encarnado*, no que encontrou frontal oposição de Dona Iara Lopes, que achava que *Azul e Encarnado* já estavam muito batidos. Enfim, após uma acirrada discussão decidiram que os pavilhões se chamariam *Sertão e Litoral* (FERNANDES, 1996, 20).

Portanto, no final da década de 1950, quando transcorre a trama acima parafraseada, a modernização da cidade de Patos, já era uma prática bastante visível. O comércio já havia consagrado Patos como pólo de desenvolvimento do Sertão, sendo ponto de união entre os estados da Paraíba, Rio do Norte e Pernambuco. Havia recentemente recebido os trilhos que estabeleciam a ligação com Campina Grande, que por sua vez ligava-se aos principais centros urbanos do Nordeste. Algumas indústrias, a exemplo da CAMPAL e da Anderson Clayton, haviam se instalado na cidade.

Dessa forma surgia na cidade um novo grupo social, os novos ricos, composto por pessoas que tinham obtido sucesso em seus empreendimentos comerciais, alguns profissionais liberais, a exemplo de advogados, entre outros, que adoravam apresentar-se como tal.

Com relação à Festa da Guia, as mudanças ocorridas também já eram bastante visíveis. Naquele ano, o pavilhão foi armado em apenas um dia, enquanto que em anos anteriores gastava-se cinco dias. Isso graças às mudanças na sua estrutura, que ao invés de pregos, passou-se a usar parafusos. O antigo carrossel, que por muitas décadas havia divertido a meninada da cidade, recebeu a concorrência de um moderno parque de diversões. O jornal oficial da festa passou a contar com uma nova coluna, a “coluna do Juju”<sup>128</sup>. Sendo assim, na primeira noite de festa, a agitação era intensa na Rua Grande e adjacências, pois as barracas, o carrossel, e dessa vez o moderno parque de diversão, que apagou o brilho do tradicional carrossel, aliados aos dois grandes pavilhões montados entre a ação católica e o antigo *cine Eldorado*, e entre eles o coreto da banda de música. Davam uma nova dinâmica à cidade.

<sup>128</sup> FERNANDES, Flávio Sátiro. *A Festa de Setembro*. (romance) João Pessoa – PB: Letras e Artes, 1996 p. 65

Por volta das dezenove horas, um grande número de pessoas já se concentrava no interior igreja de Nossa Senhora da Guia, onde inicialmente seria celebrada uma missa, marcando a abertura do evento religioso, e logo após, o tradicional hasteamento da bandeira, ofertada pela rainha da festa do ano anterior. Um grande burburinho enchia as ruas, onde muitos rapazes e moças indiferentes a cerimônia esperavam pela retreta, atitude essa que recebia veemente reprovação das “beatas”. No interior do templo, repleto de luzes, com os altares ornamentados com flores naturais, o coral anunciava o final da bênção, entoando o hino oficial da Paróquia. Uma composição do padre Fernando Gomes<sup>129</sup>.

Volve um olhar risonho sobre Patos  
 Que é tua desde o teu primeiro dia,  
 E para Deus dirige os nossos atos,  
 Ó Virgem Santa Senhora da Guia! (bis)

As tuas bênçãos para nós tão caras,  
 Manda durante toda a nossa vida,  
 Sobre o vale formoso do Pinharas,  
 Onde quiseste erguer a tua ermida

Nas horas intranquílias da tormenta  
 O teu riso de amor e de alegria,  
 Seja vigor, que nossa força aumenta,  
 Seja farol, que para o Céu nos guia!

E se amar não soubermos ao senhor,  
 Ama-o por nós, e dize ao bom Jesus  
 Que faça nosso o teu imenso amor,  
 Como Ele, Filhos teus, nos fez na Cruz<sup>130</sup>

Nem bem terminava o canto do hino, as pessoas começam a sair da matriz formando uma grande aglomeração em frente ao templo, onde a *Filarmônica 26 de Julho*, já se

<sup>129</sup> FERNANDES, Flávio Sátiro. *A Festa de Setembro*. (romance) João Pessoa – PB: Letras e Artes, 1996, pp. 49-50

<sup>130</sup> O hino em epigrafe dedicado a Nossa Senhora da Guia padroeira da cidade de Patos, é uma composição do Padre Fernando Gomes e musicado pelo professor Pedro Marinho. O referido hino expressa de forma clara importância da religião católica para os patoenses, desde os mais remotos tempos. Todavia, apesar do imaginário construído que acena para uma unidade religiosa e por sua vez social, na referida cidade, o que se pode perceber, na própria festa anual, que tem como principal objetivo expressar tal unidade, é a segregação social entre pobres e ricos, que se dividem em territórios que se confrontam.

encontrava formada, fardamento novo, esperando pelo momento certo para executar o seu dobrado. Dessa forma, sob o “espocar de girândolas, buzinas de automóveis e a música da filarmônica, a executar o *dobrado Festa de Setembro*, composto em honra a padroeira” (FERNANDES, 1996, p.51), a bandeira da paróquia era erguida até a parte superior da matriz, de onde só seria retirada no encerramento da festa. Finda a cerimônia de abertura, a *Filarmônica 26 de julho*, seguia para o coreto erguido entre os dois pavilhões, para executar a retreta, a multidão se dispersava, uns para o pavilhão central, outros para a retreta e outros para a “bagaceira”. Numa clara demonstração da segregação econômica e social presente no evento, e por sua vez na cidade de Patos. Isto é, apesar da festa da padroeira expressar um tom de unidade, de irmandade, na prática, pobres e ricos se dividiam em territórios diferentes. Cabe ressaltar também a divisão entre os componentes de partidos políticos “opostos”. Pois como afirma Dona Maria José: “em Patos tudo era dividido pela política, até na festa da padroeira existia dois pavilhões, cada um pertencia a um partido político”<sup>131</sup>”

Por volta das vinte horas o movimento nos pavilhões era intenso, os locutores procuravam animar os presentes, para entrarem nas disputas por galinhas e demais objetos leiloados ali. Pois sabiam eles da importância de se arrecadar o máximo possível, para que a senhorita responsável por aquele pavilhão fosse eleita rainha da festa, uma posição bastante cobiçada. Sendo assim, as pessoas se dirigiam ao pavilhão da moça que se mostrara mais simpática, pertencia a sua família ou ao seu grupo político. Dessa forma a cidade se dividia, e cada um procurava contribuir para que o seu pavilhão fosse o vencedor.

Enquanto nos pavilhões a movimentação era intensa, pelas calçadas e pelo leito da rua o povo se comprimia, indo e vindo em alegre passeio. A banda de música tocava animados dobrados, o mestre vibrando febrilmente a batuta. A meninada apinhava-se defronte do coreto, admirada com a filarmônica. Ao mesmo tempo em que regia seus comandados, o maestro olhava ora para um ora para outro dos pavilhões, procurando divisar alguém de projeção a quem pudesse oferecer uma de suas execuções. A dedicatória visava receber do homenageado valiosa recompensa em cerveja. Quando o escolhido demorava, fazendo-se de desentendido, o maestro avisava o locutor do pavilhão, o qual imediatamente lembrava ao felizardo que os músicos estavam com sede (FERNANDES, 1996, p.55).

---

<sup>131</sup> Depoimento concedido pela senhora Maria José César, ao autor em 05 de maio de 2010

Seu João Minervino, um dos músicos da *Filarmônica 26 de Julho*, na época, relembra com saudade do tempo em que as retretas eram uma das maiores atrações da *Festa da Padroeira de Patos*.

Aí a gente chegava lá no coreto era tanta gente que a gente não podia nem passar, era preciso parar a cadência da banda, pra poder eles abrir ala assim e a gente subir no coreto. Aí eles armavam as barracas e essas barracas, meu Deus era o cordão azul o cordão encarnado. A gente tocava mesmo de coração, naquele tempo, as retretas começavam de sete e meia para oito horas, era tanto namorado, tanta gente, era ali em frente à igreja, era uma multidão, hoje é completamente diferente, a *Banda 26 de julho*, passa tocando umas músicas tão lindas! Mas o povo não tem entusiasmo. Tá aí o maestro (no momento da entrevista o atual maestro, Markelean estava presente), a gente também tocava um repertório bom muita *valsa, samba, desvelo, eudésia*, essa parte não tem mais o repertório lá, *desvelo, arraial cinema, eudésia*, os compositores eram daqui mesmo, Elton Morais, Tenente Morais, quando o tenente ia pra João Pessoa entregava a filarmônica a Elton Morais<sup>132</sup>

Entretanto, fica claro no depoimento acima (que por sinal é de uma pessoa que viveu o referido momento) a importância que as retretas assumiam na programação da Festa da Guia nos idos de 1950. Pois todas as noites lá estava a *Filarmônica 26 de julho*, a animar o pavilhão central, tocando um variado repertório, que inclusive contava com músicas de autoria de seus próprios maestros.

Como a rua ainda não era calçada, todos os anos (durante os dias de festa) o Prefeito Municipal mandava aguar diariamente o seu leito, principalmente no trecho onde se erguia o pavilhão central e a “bagaceira”. A água era trazida no caminhão tanque da prefeitura e em seguida usando latas os trabalhadores a espalhavam pela rua. Um cheiro bom de terra molhada subia nas tardes quentes de setembro<sup>133</sup> e, sem poeira, à noite o povo podia transitar livremente sem que manchasse as roupas, que se constituíam como um dos principais itens de identificação e de diferenciação social no pavilhão. Assim sendo, nas noites de festa, a Rua Grande tornava-se palco de um verdadeiro desfile de modas, onde os homens desfilavam com seus ternos de *linho Diagonal*, e as mulheres com seus ricos vestidos (muitos deles de linho) que eram confeccionados um para cada noite.

Sobre a moda como meio de identificação e diferenciação social, vejamos o que diz Simmel:

<sup>132</sup> Depoimento concedido ao autor, em 2010

<sup>133</sup> Fernandes, Flávio Sátiro. *A festa de setembro*. João Pessoa – PB: Letras e Artes, 1996

As condições vitais da moda como uma manifestação constante na história da nossa espécie podem assim descrever-se. Ela é imitação de um modelo dado e satisfaz assim a necessidade de apoio social, conduz o indivíduo ao trilho que todos percorrem, fornece um universal, que faz do comportamento de cada indivíduo um simples exemplo. E satisfaz igualmente a necessidade de distinção, a tendência para a diferenciação, para mudar e se separar (...) por isso, a moda nada mais é do que uma forma particular entre muitas formas de vida, graças à qual a tendência para a igualização social se une à tendência para a diferença e a diversidade individuais num agir unitário (SIMMEL, 2008, p.24)

E nesse contexto, o jornal oficial da festa passou a contar com a *coluna do Juju*, uma espécie de coluna social, onde se destacava os principais acontecimentos do evento. A chegada de Juju nos pavilhões era saudada por todos, principalmente pelas senhoras e senhoritas que desejavam ter sua presença registrada na referida coluna, que entre outras características, destacava, as roupas, a simpatia e a beleza das moças e rapazes, e também dos casais da sociedade patoense, como no exemplo que segue:

Em cintilante vestido, a senhorita Nininha Cavalcanti, animava a todos com sua contagiante simpatia, no pavilhão do Sertão.

Sr. e sr<sup>a</sup> João Monteiro Cavalcanti formavam o par mais simpático da noite. Bacanérismo!

Só há um adjetivo para expressar a beleza da Lindalva Magalhães: estonteante. A própria estava chiquérrissima em sua inusitada 'toilette'. Bárbaro!

A lindérrima Cristina estava taciturna, ontem. Seria saudades Cris?

Flagrei, ontem, primeira noite da festa, no pavilhão do Sertão, Misael Lima, o maior partido da cidade (em meu modesto entender), dirigindo lânguidos olhares a uma gentil senhorita do nosso 'society'. Segredo, hein Misa!

Muito notada a ausência de Liana Marinho. Está guardando a ausência de 'Love' (FERNANDES, 1996, p.66-67).

Enfim, os referidos jornais, também organizavam o concurso da miss festa, e assim a população escolhia a moça mais bonita, mais elegante, mais graciosa da festa, sendo um dos eventos mais badalados. Davam enfoque especial ao referido concurso, inclusive acompanhavam o desenrolar da votação. Tanto para a moça quanto para a sua família era sinal de orgulho tornar-se vencedora do concurso.

Portanto, a festa em questão, se constituiu como um momento privilegiado de novas sociabilidades. Cabendo ressaltar que, era também marcada pela segregação social (separação de pobres e ricos) convergindo para o estabelecimento de lugares socialmente freqüentados. Dessa forma, mesmo não sendo proibida a presença de populares no pavilhão central

(havendo restrição para a presença de meretrizes) esses não se sentiam bem naquele lugar, pois percebiam que não eram aceitos ali. E isso nos remete ao conceito de território.

Na perspectiva de Rolnik, os territórios que compunham a cidade se estruturaram em torno de um conjunto de práticas sociais e culturais cotidianas dos seus moradores. Ruas, quitandas, vendas, igrejas, mercados, rios, chafarizes e lugares diversos assumem as marcas de rituais e práticas sociais de negros, imigrantes e brancos pobres nacionais, contribuindo na luta pela sobrevivência material e espiritual, transformando esses lugares em espaços de múltiplas práticas, em torno dos quais constroem suas identidades e relações de solidariedade e afetividade, muito embora também sejam marcados por conflitos, lutas políticas e práticas culturais divergentes (APUD SOUSA, 2006, p.108)

Assim sendo, na época em questão a cidade de Patos já possuía um próspero comércio, possuía também várias indústrias de beneficiamento de algodão, a exemplo da CAMPAL – Cooperativa Mista de Patos - Anderson Clayton, Cica, entre outras, que passaram a gerar emprego na cidade. E, com isso, muitas pessoas dos distritos, e também da zona rural, foram atraídas pela promessa de trabalho, fugindo da vida dura do campo, da submissão aos proprietários rurais. Essas pessoas que em sua maioria eram analfabetas, ocupavam principalmente os serviços braçais oferecidos nas referidas indústrias, e os serviços domésticos nas residências. Havendo também os que trabalhavam como chapeados, carroceiros, balaieiros, pedreiros, entre outros ofícios. Não sendo justo esquecer os que sobreviviam pedindo esmolas. Ganhavam pouco e passaram a povoar os arredores da cidade.

O Censo Nacional de 1950 acusou os seguintes números: população total do município: 49.540 habitantes, destes, 34.290 moravam na zona rural, 13.672 na zona urbana e 1.578 na zona suburbana.

Percebe-se a partir dos dados do censo, que no decorrer de dez anos a população urbana de Patos apresentou um crescimento superior a cem por cento. Visto que em 1940 sua população urbana era de apenas 7.760 habitantes. Dessa forma crescia também o que o referido censo denominou de população suburbana. Composta pelos habitantes dos arredores da cidade, a exemplo das Sete Casas, das Placas, do Mata-burro, entre outras aglomerações que iam surgindo. E que tinham sua cartografia marcada pela paisagem dominante de casas de taipa.

Essas pessoas, que haviam migrado do campo em busca de uma vida melhor na cidade, fato esse que quase sempre não ocorria, também queriam participar dos festejos dedicados a padroeira de Patos. E como não tinham condições econômicas para se divertirem no pavilhão central da festa, tinham como destino certo “a bagaceira”, que era o território popular da festa, sendo o local onde as pessoas de poucos recursos se divertiam.

Era um mundo de animação e alegria. Estendia-se pela Rua Grande e por algumas transversais. Nela predominavam as barracas de palha. Os mais afortunados levantavam-nas de madeira, aproveitando velhos caixões imprestáveis. Em todas as barracas, serviam-se bebidas, tira-gostos, pequenas refeições. Mesinhas e tamboretos eram dispostos de modo a aproveitar o máximo o pequeno espaço. Na rua formava-se apertado passeio, o povo indo e vindo, muitos namorando. Ali era onde o povo se divertia. Enquanto nos pavilhões o povo se comprazia em animadas palestras regadas a uísque e cerveja, na “bagaceira”, os de menores condições se alegravam a seu modo, conforme lhes permitiam as poucas posses. As domésticas, esquecidas do trabalho diurno, e não lembrando do dia seguinte, ficavam até altas horas da noite, com seus namorados, pelas esquinas, pelas barracas...(FERNANDES, 1996, P.61-62)

Todavia, cabe ressaltar que a “bagaceira” além de servir para a diversão de muitos, era também ali onde algumas pessoas armavam barracas para dessa forma ganhar alguns “trocados” necessários ao sustento da família. Sendo também local onde alguns indigentes (que circulavam também no lado rico da festa, apesar de lá serem vistos como indesejáveis), se instalavam a fim de conseguir algumas moedas. Dessa forma o romance *A festa de Setembro*, fala sobre um cego, que em um beco apertado (na bagaceira) acompanhado a um ganzá, implorava a caridade pública:

Nossa Senhora da Guia,  
 Minha mãe lá no altar,  
 Tenha pena deste cego,  
 Que aqui véve (sic) a esmolar,  
 Acendei a caridade  
 Na gente deste lugar.

Minha sina é muito triste,  
 Já não vejo a luz do sol.  
 Trabalhei mais de trintanos (sic)  
 D’aurora ao arrebol,  
 Pelejando nesta vida,  
 Pescando peixe de anzol

A vontade de Deus fez  
 Que eu não mais enxergasse  
 A aurora mensageira

Nem o pôr do sol olhasse  
 O rosto da mulher visse  
 Nem os peixes mais pescasse

Cumprindo o meu destino,  
 Eu imploro a benção  
 De Jesus, nosso Senhor,  
 Pai, amigo e irmão,  
 Cristão, me dê uma esmola  
 Deus lhe dê a salvação

Próximo ao ceguinho, um tabuleiro pertencente a uma pobre velhinha, expunha uma variedade de comidas regionais: tapioca, cuscuz, doce seco, sequilhos, entre outros.

Contudo, assim como ocorre nas “festas da ordem”, a segregação social era (e ainda é) uma prática bastante presente no ritual dedicado á padroeira de Patos. Pois, a presença no pavilhão central exigia determinadas indumentárias que as pessoas simples, egressas da periferia e da zona rural, não tinham condições financeiras de adquirir e, por outro lado, não estavam acostumadas aos comportamentos, correntes naquele ambiente, que eram vistos como típicos de gente chique. Dessa forma a “bagaceira”, era o seu território, pois era ali onde com as roupas simples, na maioria das vezes confeccionadas na própria residência, conversando, comendo e bebendo da forma que lhes era peculiar, e, sobretudo, com o pouco dinheiro que tinha sido possível economizar, podiam também participar da festa de sua padroeira.

O interessante nisso tudo, é que muitos indivíduos pertencentes ao território chique da festa se sentiam atraídos pela animação, e pela beleza das mulheres simples que esbanjavam sensualidade nas esquinas e barracas da “bagaceira”<sup>134</sup>. Tornando-se prática comum para muitos estudantes, pertencentes aos quadros da elite, e, até mesmo homens casados, da “sociedade”, após deixarem suas noivas ou esposas em casa, continuarem a festa no lugar mais animado da cidade. Assim sendo, a ordem do ritual era subvertida, ao contrário do que ocorria no outro território da festa, na “bagaceira” os desejos eram liberados, e muitos homens que se comportavam ordeiramente no território chique, muitas vezes terminavam sua noite nos braços de uma amante que encontravam na *Cova da Onça* ou na *Esquina do Amor*.

---

<sup>134</sup> Devo ressaltar que para afirmar essas idas de homens da “sociedade chic” para a bagaceira uso imagens de romances e também de editoriais do jornais oficiais da festa.

Enfim, isso nos remete a Certeau, que na *Invenção do Cotidiano*, estuda as mil e uma astúcias do homem ordinário no sentido de marcar sua presença no mundo. Para esse estudioso, todos os movimentos do homem ordinário, são movimentos táticos. Certeau esclarece:

Chamo de estratégia o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um 'ambiente'. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito com um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica, ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico. Ao contrário a 'tática' é cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto, com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distancia. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. (CERTEAU, 2007, p.46)

Organizando um território para sua diversão (já que esses não eram bem aceitos no território chique), os populares se inscreviam também como organizadores da festa, e apesar do nome acenar para algo desorganizado, sem pudor, a “bagaceira” também tinha suas normas, que na verdade se assimilavam mais a códigos de convivência, que a partir da sua diversidade configuravam a “bagaceira” como um território múltiplo. Sendo que dentro do mesmo território, existiam outros territórios, com códigos de convivência que se diferenciavam. Havendo barracas onde as farras eram mais liberais, inclusive com a presença de meretrizes, e outras, mais familiares, sendo inclusive proibida a presença das “mulheres da vida”.

Portanto, no olhar da elite “a “bagaceira” seria o lugar da desordem, da bagunça, da balbúrdia, entre outras denominações. Porém, aquele território representava a subversão da ordem social que colocava a elite em posição de superioridade. Pois era ali, o lócus privilegiado da inversão dos papéis, pois a “miss festa” podia muito bem ser a moça simples que caminhava faceiramente esbanjando sensualidade e chamando a atenção de todos, inclusive de membros da elite que como já vimos, costumavam terminar sua noite na “bagaceira”. O artista era o boêmio, que com seu violão e/ou sua sanfona, alegrava as barracas fazendo serenata e/ou forró.

Entretanto, após dias de intensa movimentação, chegava o momento do encerramento da Festa. E desta feita, por volta das dezesseis horas, do dia 24 de setembro, uma multidão já

se encontrava em frente à *Matriz de Nossa Senhora da Guia*, de onde partia a procissão que sinalizava o final do evento religioso. (Muito embora, na prática fosse mais profano que religioso).

À frente, em duas alas, de um lado e outro da rua, marchavam, respectivamente, o Instituto Diocesano e o Colégio Cristo Redentor, ambos de farda de gala, com todos os seus alunos. Quem faltasse seria suspenso. Após, seguiam-se as associações religiosas, destacando-se a Irmandade do Sagrado Coração de Jesus e a Pia Das Filhas de Maria.

Logo depois, pessoas avulsas, sem vinculação a qualquer entidade, davam prosseguimento às duas filas.

As mais gradas personalidades da terra revezavam-se no honroso mister de conduzir pelas ruas o sagrado andor. Por entre a multidão, a Banda de Música tocava dobrados e hinos religiosos. O sino da Matriz permanecia em vibrante repique (FERNANDES, 1996, p.114).

A noite, após a tradicional descida da bandeira, acontecia a apuração do movimento financeiro da festa, momento bastante esperado, pois a moça encarregada do pavilhão que rendia mais dinheiro era aclamada rainha da festa. Assim sendo, os padres costumavam divulgar primeiro o resultado geral da apuração, visto que após a divulgação do pavilhão vencedor, os partidários daquela corrente pulavam e gritavam vivas, em eloqüente demonstração de alegria.

Encerrada a festa de Nossa Senhora da Guia, a cidade de Patos retomava o seu cotidiano de pouco ritmo. Seus habitantes – adultos e crianças – assistiam com saudade o desmonte dos parques, barracas e demais insumos que haviam marcado a cartografia da cidade no decorrer daqueles dias festivos. As conversas nas residências, esquinas e estabelecimentos comerciais, a exemplos das bodegas, versavam sobre os acontecimentos da festa, as crianças relembavam das brincadeiras, nos parques e carrosséis, os algodões doces que tinham saboreado naqueles dias felizes, as beatas falavam sobre a decadência da fé religiosa na cidade, e os namoros escandalosos dos jovens, o padre preocupado com o apurado, e já pensando no melhoramento que poderia fazer na sua igreja, muitos homens – inclusive alguns influentes na sociedade patoense – lembravam de alguma amante que haviam conhecido na “bagaceira”. Enfim, todos já pensavam na festa do próximo ano.

A cidade só não caía num completo marasmo, graças ao *cine Eldorado*, que já programava uma série de “fitas” que seriam exibidas nesses últimos meses do ano. Dessa forma alegrava as noites de Patos, preenchendo o vazio deixado pela festa que acabara. E

ainda, tornava-se ponto privilegiado para a continuidade de muitos flertes que haviam se iniciado na festa, mas, por falta de oportunidade, teriam ficado apenas em simples olhares apaixonados. Enfim, as conversas que sempre ocorriam na calçada do referido cinema, antes do início da projeção dos filmes, teriam por muitas semanas, como mote, as principais fofocas da festa da padroeira.

### 3.3 Do cinematógrafo itinerante ao cinema permanente: o *Eldorado* e o imaginário moderno em Patos

No início do século XX o cinematógrafo foi se incorporando ao cotidiano das grandes e pequenas cidades brasileiras. Porém, a sua primeira apresentação se deu na Europa no ano de 1895, com a exibição do filme *A chegada do trem na estação*, de Louis Lumière. O escritor Máximo Gorki descreveu a impressão que teve quando viu o filme:

De repente há um estalo, tudo se apaga e um trem numa ferrovia aparece na tela. Ele dispara como uma flecha na sua direção – cuidado! A sensação que se tem é como se ele se arremessasse na escuridão até onde você está sentado e fosse reduzi-lo a um saco de pele estropiado... e destruir esse salão e esse prédio... tornando tudo em fragmentos e pó... (APUD SEVCENKO, 1998, p.517).

Já no ano seguinte, em 1896, a grande novidade chegou ao Rio de Janeiro, anunciada pelos jornais como a maravilha da ciência moderna. Quando a “ansiada projeção se deu, a reação dos jornais foi ainda mais eufórica: ‘assistimos ontem a inauguração de um dos mais maravilhosos espetáculos, que excita atualmente a admiração nas principais capitais européias’...(APUD SEVCENKO, 1998, p.519).

Na Paraíba, não foi diferente. O escritor Willis Leal, esclarece:

A Festa das Neves de 1897, então o maior acontecimento religioso, social, político e cultural do Estado, contou com um evento fora do comum: numa de suas antigas casas, já quase na esquina com a Peregrino de Carvalho, um dentista italiano, Nicola Maria Parente, fez, pela primeira vez na Paraíba, exibições cinematográficas. Foi um assombro, algo muito mais revolucionário do que as sessões de Lanterna Mágica, ou Cosmorama, que já eram coisas comuns nas calçadas da secular festa. Agora, era uma ilusão nova, promovendo emoções fortes, por sua realidade mais objetiva. O sucesso, como em todo o mundo foi geral. E a Festa das Neves, neste final de século, teve, com o aparecimento do cinema, novos motivos para se esperar ansiosamente a chegada da

nova Festa em 1898, e, assim, sair do marasmo dominante. Na cidade, as peças teatrais ‘eram poucas e ruins’ e não havia outro divertimento a não ser as novenas, algum aniversário e, esporadicamente, uma excursão ao Cabo Branco, cansativos recitativos poéticos e musicais ou as retretas no jardim público (2007, p.28).

E assim como aconteceu nos demais lugares por onde o propalado “império das seduções” (REZENDE, 1997) chegou, na Parahyba, os jornais da época deram intenso enfoque ao acontecimento, inclusive divulgando os locais de exibição e o preço do ingresso, no valor de hum mil réis. Em seu clássico trabalho *Roteiro Sentimental de uma cidade*, Walfredo Rodriguez recorda “as fitas ali exibidas, numa Festa das Neves de 1897 – Chegada de um Trem a Gare de Lion, ‘Um Macaco Pulando Um Arco’ e ‘Crianças Jogando Bolas de Neves em Biarritz’. Esses filmes aqui projetados não tinham mais que dois minutos e foram produzidos na França” (APUD LEAL, 2007, p.28).

Entretanto, no decorrer da primeira década do século XX, o cinematógrafo não alcançou o desenvolvimento esperado pela elite da capital paraibana, tendo em vista que a referida capital não dispunha ainda de uma única sala permanente de cinema. Enquanto isso sua vizinha, a capital pernambucana já contava com esse decantado equipamento moderno desde 27 de julho de 1909, quando foi inaugurado o cinema Pathé, localizado na Rua Barão de Vitória, com lugares para 320 pessoas, sendo o ingresso no valor de 1\$000 réis. Ainda no ano de 1909, surge o cinema Royal, um concorrente do Pathé<sup>135</sup>.

Percebe-se claramente, que o Recife no início do século XX, já ostentava valores culturais que se alinhavam ao ritmo exigido para uma cidade moderna. Tendo em vista que, desde 1869, quando é inaugurado o Teatro Santa Izabel, passa a receber as grandes companhias de teatro, que incorporavam um ritmo de modernidade no cotidiano daquela urbe. Décadas depois, o cinema tornou-se rapidamente outra forma de lazer que passou a mexer com os recifenses. Sobre esse assunto vejamos o que diz Antonio Paulo Rezende:

Acontecera uma sensível mudança nos hábitos, pois o cinema fascinava e a disputa entre as salas exibidoras era grande. O Recife perdera, aos poucos, seus fortes ares provincianos. Novas diversões foram assumindo lugares no gosto da população, motivando deslumbramentos. A técnica e a máquina deixaram todos curiosos, interessados em saber como aqueles aparelhos funcionavam. O cinema exercia

---

<sup>135</sup> REZENDE, Antonio Paulo. *Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: FUNDARPE, 1997 p.77

fascínio especial, atraía grandes públicos para a época. Cerca de 4632 espectadores assistiram a Tosca no cine Pathé. Fitas francesas, italianas, dinamarquesas empolgaram as pessoas. Sucessos realmente inesquecíveis como os Miseráveis, Cleopatra, Germinal, Quo Vadis, Garoto de Paris. Artistas que provocaram a maior admiração dos seus fãs como Lídia Boreli, Asta Nielsen, Marx Linder, Gustavo Serana, Deed...” (REZENDE, 1997, p.77).

O ritmo de vida civilizada presente no cotidiano na capital pernambucana, foi intensificado com a instalação de salas permanentes para exibição de fitas cinematográficas, que ofereciam novas oportunidades de vida pública noturna para a cidade, sendo também uma espécie de passarela onde os membros da elite pernambucana podiam desfilarem os novos modelos de roupas, sapatos, relógios, colares ... Em sua maioria importados da Europa. Tendo em vista que, para os habitantes daquela urbe – e demais urbes brasileiras – o jeito moderno de viver era caracterizado pelas marcas e símbolos vindos da Europa, centro do mundo civilizado.

Enquanto isso, a capital da Paraíba era vista tanto por visitantes, como pelos letrados da terra, como um lugar carente de distrações noturnas, visto que as companhias de teatro evitavam se instalar em lugares onde não havia alegria pública. E nesse contexto, uma crônica de época se refere ao povo paraibano nos seguintes termos: “um povo que não se diverte, é um povo que entristece, que se brutifica e que vai ao caminho do crime” (APUD ARANHA, 2008, p.108). Em outro recorte da crônica, o autor cobra mais festas públicas na cidade.

O certo é que não era fácil conseguir uma companhia de teatro para uma temporada de alguns dias, a exemplo da companhia Francisco Santos, que se encontrava na cidade naquele momento. Mas o que fazer quando essa companhia fosse embora? E quanto a um ‘cinematógrafo permanente’, quando será ali uma realidade? Sim, porque a Parahyba está a necessitar de um desses ‘magníficos cinemas’ cinemas já existente em outras capitais, um cinema capaz de proporcionar oportunidades de distração pública, distração para gente de todas as classes sociais” (Idem).

Em primeiro de agosto de 1910 a capital paraibana foi contemplada com seu primeiro cinema permanente, o *Pathé*, inaugurado em plena Festa das Neves do referido ano. Assim sendo, em seu trabalho sobre o cinema na Paraíba, Willis Leal analisa:

Para o cinema funcionar em condições revolucionárias para a época montou-se um motor inglês Crosley, com força de 24 HP, conjugado a um dínamo que fornecia a corrente elétrica de 20 volts. A casa tinha capacidade para 400 poltronas e todos os móveis eram importados da Europa, inclusive os decorativos papéis que revestiam as paredes, última novidade de Paris. No teto quatro ventiladores alemães, tiravam o ar abafado do ambiente. As entradas custavam 1.000 réis na primeira classe e 500 na segunda, por uma sessão de 50 a 60 minutos. Um moderno botequim foi instalado em suas imediações, sob a direção de Júlio de Vasconcelos (LEAL, 2007, p.36).

Contudo, cabe ressaltar que em 1910 a capital da Paraíba ainda não contava com energia elétrica - a sua instalação só acontece em 1912 – fazendo com que sua iluminação pública, fosse através de lampiões a querosene, que no máximo por volta das nove horas da noite deixavam a cidade em total escuridão.

Apesar da fraca iluminação, a instalação do cinema passou a proporcionar uma certa vida pública noturna. Principalmente para os que podiam arcar com hum mil réis, valor do ingresso na referida casa de exibição. Dessa forma, as elites paraibanas, passaram a desfilar suas toailettes importadas da Europa procurando imitar os atores e atrizes do cinema. Pois o fato é que “talvez o telespectador se sentisse muito mais atraído pela forma moderna com que os atores e atrizes se vestiam e se apresentavam penteados do que pelo enredo dos filmes” (CHAGAS, 2004, p.153).

Contudo, enquanto na capital paraibana nas primeiras décadas do século XX, as salas de cinemas iam aos poucos se multiplicando, o que dizer então do interior do Estado? Segundo o pesquisador Lincon Souza, em seu trabalho de dissertação sobre o cinema na cidade de Campina Grande - PB, a primeira notícia da apresentação das imagens em movimento na referida urbe, data de 1898. Um homem chamado José Vasconcelos (pai do cinema) chegava à cidade com seu *cosmorama*<sup>136</sup> para ser exibido pela primeira vez. Só 1909, ocorreu a instalação da primeira sala de projeção, o *Cinema-Brasil*, que funcionou por mais ou menos um ano. O certo é que a cidade de Campina Grande só pode ostentar o orgulho de

---

<sup>136</sup> Devo ressaltar que o pesquisador Lincon Souza, apresenta o cosmorama como primeiro cinema (ele fala em imagens em movimento) mas o cosmorama existente há décadas antes do cinematógrafo, não projetava imagens em movimento, projetava isso sim, imagens congeladas, embora numa seqüência que poderia sugerir movimento.

possuir o seu primeiro cinema permanente em 1912, com a inauguração do *cine-teatro Apolo* de propriedade de L. Fernandes & Cia, num edifício construído para esse fim<sup>137</sup>.

Na cidade de Patos, no Sertão paraibano, o cinematógrafo itinerante marcou sua presença na primeira década do século vinte. O memorialista Deusdedit Leitão, rememorando fatos que lhe foram contados, relembra um trecho do discurso do Deputado Ernani Satyro pronunciado na inauguração de uma Escola técnica em Patos, quando o Deputado enfatiza as habilidades do Mestre João de Barros:

Contaram-me dele que, no início do século, chegou a Patos um cinematógrafo. Era uma sensacional novidade que despertava a geral curiosidade da população local. Instalado no edifício do Mercado Público, totalmente lotado por curiosos que queriam ver de perto aquela invenção, na hora marcada, o dono do cinematógrafo pediu desculpa porque não podia fazer a apresentação do filme em face de um defeito no projetor. O protesto foi geral e alguém da platéia gritou em tom de zombaria: *se esse negócio está quebrado chame o mestre João de Barros.* (grifos do autor) O dono do aparelho ficou perplexo com aquela revelação e perguntou quem era aquele mestre João de Barros. Informaram-lhe que se tratava de um artista habilidoso que sabia consertar tudo. Mandaram chamá-lo e ele chegou muito desconfiado. Olhou aquela geringonça que nunca tinha visto. Mexeu pra lá e pra cá e pôs o cinematógrafo a funcionar (LEITÃO, 2000, p.226).

Retemos da citação acima, o indício da presença do cinematógrafo itinerante na cidade de Patos, ainda na primeira década do século XX. Presença essa, que só não foi frustrada, graças ao mestre João de Barros que consertou a máquina a tempo de possibilitar aquelas pessoas que se encontravam ansiosas no pequeno mercado público daquela cidade interiorana, presenciar uma das grandes maravilhas da modernidade, o cinematógrafo.

O nosso memorialista não se refere ao filme ali exibido, porém, é possível imaginar o impacto que tal exibição causou na pequena cidade de Patos, e também na zona rural do município, tendo em vista que a referida apresentação se deu em um dia feira, dia esse marcado pela intensa presença de moradores egressos dos sítios e/ou fazendas, localizados nos arredores da urbe, que puderam constatar pessoalmente que aquela máquina funcionava de verdade. Pois, talvez a atenção deles estivesse mais voltada para verificar se aquela “geringonça” de fato funcionava, fazia fotografias se moverem como se tivessem vida, do que pelo enredo do filme apresentado, que na época geralmente trazia “conteúdos documentaristas

<sup>137</sup> SOUZA, Lincon César de Medeiros. *Cinematographo: a imagem da modernidade e das praticas socioculturais na cidade de Campina Grande – 1900-1940*. Campina Grande –PB: UFCG, dissertação de mestrado, 2009.

com fotografias de paisagens, e cidades diversas, sem preocupação com o enredo, dentre outras características presentes nos filmes atuais” (SOUZA, 2009, p.28).

Outro registro que encontramos sobre a presença do cinematógrafo itinerante em Patos, encontra-se citado por Willis Leal. Trata-se de um artigo publicado no jornal *Correio da Paraíba* de 21 de junho de 1967, de autoria do jornalista, escritor e político patoense, Octacilio de Queiroz. Segundo ele:

O primeiro cinema a luz elétrica surgido em Patos, deve-se a José Gomes da Costa, filho de Bernardo das Cabeças, hoje Santa Terezinha, que morando no Recife, 1913, aproximadamente deu-se o prazer de levar a terra natal a grande novidade. Tinha pequeno motor próprio, ao que tudo indica, pois um dos valentes da terra tocou o punhal ‘no motor’ e recebeu um choque. O filme principal exibido sob intensa emoção, foi ‘A Paixão de Cristo, ao que tudo indica, velha película de ‘Pathé Freeres’ de Paris. O local de exibição foi a antiga casa da Câmara, sede do Conselho Municipal (APUD LEAL, 2007, p.96).

Além de Patos, outras cidades localizadas no Sertão paraibano também tiveram a presença do cinematógrafo itinerante nas primeiras décadas do século XX. Em Cajazeiras, por exemplo, há registro de que já em 1905 uns mascates vindos do Ceará fizeram exhibições cinematográficas nos dias de feira. Também na referida cidade, no ano de 1907, teria funcionado o primeiro cinema numa casa adaptada no centro da cidade. Porém, só em 1915, com a chegada de Jan Bichara, vindo do Líbano, se instalou o primeiro cinema permanente. O jornal *Rio do Peixe*, edição de outubro de 1926, assim se refere ao assunto:

Tendo feito melhoramentos consideráveis em sua casa de diversão, resolve estabelecer as seguintes condições para seu perfeito funcionamento, no que espera consultar não só os próprios interesses como os de seus distintos habitués: 1) – é proibido fumar nas filas de banco do centro, não só porque esse hábito incomoda às exmas famílias que sempre preferem esses bancos, como porque prejudica a projeção; 2) – o cinema não funcionará com uma casa inferior a 20 pessoas; 3) – que ninguém cuspa no chão. A nota é da direção do cinema moderno (APUD LEAL, 2007, p.100).

Um constante frequentador do cinema de seu Bichara era Deusdedit Leitão, que destaca em suas memórias os momentos em que a platéia bradava “tira o dedo seu Bichara”, isso acontecia quando pelo bem da “moral e da decência” nas cenas de beijos, por exemplo, a máquina de projeção era tapada para que as senhoras e senhoritas de família não presenciassem tal escândalo. Assim, nas sessões de cinema, tornou-se hábito a distribuição de

trechos da *Encíclica Vigilante Cura*, que pregava o dever de todos os católicos de defender a dignidade, a moral e a honra da família, nos seguintes termos:

- a) informar-se primeiramente do valor moral de cada filme, antes de ir assisti-lo. É claro ninguém pode expor-se livremente ao perigo de pecar.
- b) abster-se de assistir filmes desaconselhados ou reprovados pela censura da Igreja. O contrário, além de pecado seria motivo de escândalo para o próximo.
- c) educar os jovens, para que eles assumam ‘uma atitude clara consciente das suas responsabilidades’. Que eles compreendam que podem existir filmes oralmente bons, porém psicologicamente impróprios para adolescentes e jovens.
- d) aderir a liga do filme. A exemplo dos católicos americanos que lutam na ‘Legion of decency’, o episcopado tedesco congrega seus súditos, mediante compromisso escrito, na ‘Liga que visa agrupar todos os católicos, além dos 16 anos conscientes das suas reponsabilidades, dispostas a repelir os filmes imorais e a propagar os positivos’” (APUD LEAL, 2007, p.101).

Além da distribuição dos trechos da *Encíclica Vigilante Cura* nas salas de cinemas, alertando a população para os perigos de muitos filmes, o Jornal *A imprensa* - pertencente a igreja católica – dedicava parte dos seus editoriais para mostrar a população os danos sociais que o “mal cinema” poderia lhes proporcionar. Dessa forma seus editoriais chamavam a atenção das famílias, para que controlassem os filmes que os seus filhos assistiam.

Em editorial publicado em 18 de janeiro de 1917, o referido jornal comparou o cinema com uma “*escola do crime*”. Visto que, longe de preencher o seu fim nobre que era “ensinar o bem”, tornar o ser humano virtuoso e construir sentimentos de honradez e caráter. Estava, incitando paixões, endeusando a imoralidade e trazendo o exemplo maléfico do crime.

Todavia, apesar dos apelos da igreja, contra o que eles denominavam de “mal cinema” ou “escola do crime”, as salas destinadas a projeções cinematográficas espalhavam-se pelo interior afora.

Na década de 1920 funcionava em Patos o cine Pathé de Plínio Cavalcanti localizado a atual Rua Miguel Satyro, em cuja tela se projetava as mais famosas películas do cinema mudo, algum tempo depois o cinema Pathé fechou. Mais tarde um general reformado do exército, filho de Patos, Gregório de Paiva Meira, instala o cine Farol, da Av. Solon de Lucena. Das mãos de Gregório Paiva Meira o cine Farol passa as de Narciso Monteiro que o transfere para José Branco e Dedé Cirilo. Tempos depois o cine Farol dar lugar ao cine Eldorado. Fundado em 1934 por Agripino Cavalcanti, vindo de Alagoa Grande (ARAÚJO, 2000, p.2-3).

Por essa época, a cidade de Patos ainda mantinha um aspecto bucólico, as suas ruas não eram calçadas, e assim no verão tornavam-se poeirentas e no inverno lamacentas. As

principais brincadeiras da meninada eram os banhos nos poços do *Rio Espinharas*, banhos esses, que poderiam ser punidos com umas boas “chibatadas”, caso não tivessem a autorização dos pais. Assim sendo, foi nesse meio, com fortes componentes patriarcais<sup>138</sup>, e uma educação em que “a criança começa a vida apanhando publicamente para aprender a ler, apanhando e cantando na aula a tabuada, para fixar a lição na memória” (CABRAL, 1962, p.24), que o cinema incorporou-se ao cotidiano da meninada.

Otacílio Queiroz, que no ano de 1924 matriculou-se no “*Instituto Gymnasial de Patos*, transferindo-se três anos após para o *Instituto São José*, do professor Anésio Leão, habituou-se a assistir filmes no *cine Pathé* de Plínio Cavalcanti.

Ainda era o cinema mudo, acompanhado de conjunto de flauta, clarinete e violão ou pelo piano de Dona Santa.

Falava sempre de seus ídolos, como Tom Mix, Randolph Scott e sobretudo Rodolfo Valentino, cuja morte prematura sempre mencionava. Entre as atrizes, Pola Negri, a mulher ideal; Glória Swanson, a meiga; e naturalmente Greta Garbo. Chaplin foi uma admiração especial. Reconhecia-lhe a inegável genialidade. Lembro-me de sua satisfação quando leu sua autobiografia muitos anos mais tarde (APUD QUEIROZ, 2000, p.62-63)

No ano de 1934, o *cine Eldorado* foi incorporado ao cotidiano de Patos. Funcionou de 1934 a 1946 no prédio que localizava-se na rua Grande, atual Solon de Lucena, onde atualmente encontra-se a *Laser Eletro*. Com o *Eldorado*, o imaginário do mundo cinematográfico, foi cada vez mais penetrando no cenário tradicional da cidade. Segundo um dos nossos memorialistas, “sempre que podia jogava-se dentro do rio da Farinha e fazia dos poços da Pedrinha, e do Juá o seu refúgio de muitas horas. Sonhava com os filmes de Buck Jones e muitas vezes pensou em fugir para o oeste americano para assistir de perto as brigas dos Westerns” (TRAJANO, 1972, p.103).

O personagem da citação acima - Neó Trajano – nasceu em Patos em 03 de novembro de 1924. Portanto, em 1934, ano da inauguração do *Eldorado* estava com dez anos de idade. Em suas memórias, descreve as peripécias que teve de realizar para assistir os filmes de faroeste exibidos no *cine Eldorado*. E assim ver na tela do cinema as aventuras dos seus

<sup>138</sup> Para o pesquisador Iranilson Buriti o conceito de família patriarcal foi uma criação do tradicionalista Gilberto Freyre, nas décadas de 20 e 30 do século XX. Para maiores esclarecimentos, ver OLIVEIRA, Iranilson Buirti. *Façamos da família a nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30)*. Tese de doutorado, UFPE, 2002

heróis preferidos, que já faziam parte do cotidiano da meninada daquela cidade, a exemplo de Buck Jones, Ken Maynard, Bob Steel, Rodolf Scolt, entre outros. Enfim, o *Eldorado* possibilitou uma nova e atraente forma de lazer na cidade de Patos, que assim como muitas cidades do interior, era tão carente de diversões.

Não são poucos os relatos que falam sobre o *Eldorado*, ponto de encontro da juventude patoense, onde foram exibidos filmes ontológicos, como *O ébrio*, *E o vento levou* (1939), *Casablanca* (1941), entre outros clássicos do cinema. O referido cinema foi também local de Flerte, “uma das formas mais comuns de relacionamento do período estudado, exemplo de prática afetiva da época (acontece rapidamente e termina mais rápido ainda), envolvendo vários parceiros (pode-se flertar em um curto tempo com mais de uma pessoa)” (REZENDE, 2008, pp.64-65). Apesar das restrições a elas direcionadas, a mulher não estava excluída desse redemoinho de mudanças que envolvia o moderno, pois, na cidade de Patos e alhures, as moças sempre arranjavam um jeitinho de ir ao cinema, e lá assistiam os romances cinematográficos, mas também viviam os seus.

Eu ainda estava na fase transitória do Flirt(sic) quando, poucos dias depois de vê-la pela primeira vez voltei a encontrá-la nas proximidades do Cine Eldorado que estava sendo exibida a versão cinematográfica o famoso romance... E o Vento Levou, de Margareth Mitchek, estrelado por Clark Gable e a Trêfega Vivien Leigh. Já sabia que ela ia ao cinema e procurei me valer daquele pretexto para ligá-la romanticamente, à incipiente e vibrátil paixão que me dominava (LEITÃO, 2007, p.217)

O cinema passou a possibilitar uma certa vida pública noturna na cidade de Patos, foi também um ponto de novas sociabilidades, tendo em vista que além da exibição de filmes, se tornou um ponto de encontro da juventude, sendo relacionado a idéia de sensibilidade exatamente por ter provocado um impacto na vida cotidiana, resultando em mudanças de comportamento, de atitudes ou visão de mundo. Nessa perspectiva, a pesquisadora Helmara Wanderley em trabalho sobre a cidade de Pombal, recuperou alguns dos novos comportamentos que surgiram naquela cidade, comportamentos esses relacionados ao uso do cinema. Pois, “o ato de beijar em público, sentar no colo dos rapazes, atos esses que ainda eram considerados escândalos, as moças mais liberais não estavam nem aí, sentavam-se e agarravam-se mesmo” (WANDERLEY, 2009).

Como já vimos, em Patos, o *cine Eldorado* tornou-se um ponto de encontro, principalmente dos jovens, que em seus passeios públicos (procurando imitar os comportamentos do mundo moderno) de preferência na calçada entre o *Eldorado* e a matriz de *Nossa Senhora da Guia*, enquanto aguardavam o início da projeção do filme, viviam seus romances que quase sempre se iniciavam com a prática do flerte, visto que era comum as moças passearem separadas dos rapazes. Dessa forma, namorar ou flertar era uma prática bastante complicada, mas como nada se mostrava impossível, tais práticas aconteciam mesmo.

O depoimento de Dona Maria José, uma das freqüentadoras do *Eldorado* nos idos de 1940, é bastante revelador:

Comecei a namorar Deusdedit naquele cinema, primeiro eu estava na porta do Correio com uma colega quando ele passou eu perguntei a ela, quem é esse rapaz? Quando chegava gente diferente notava-se logo. Aí disse esse rapaz diferente aí! ele olhou também. Nesse cinema foi onde começamos a namorar, as sorveterias eram na Sólón de Lucena onde hoje tem muitas lojas, ali era as sorveterias, bares, restaurantes<sup>139</sup>.

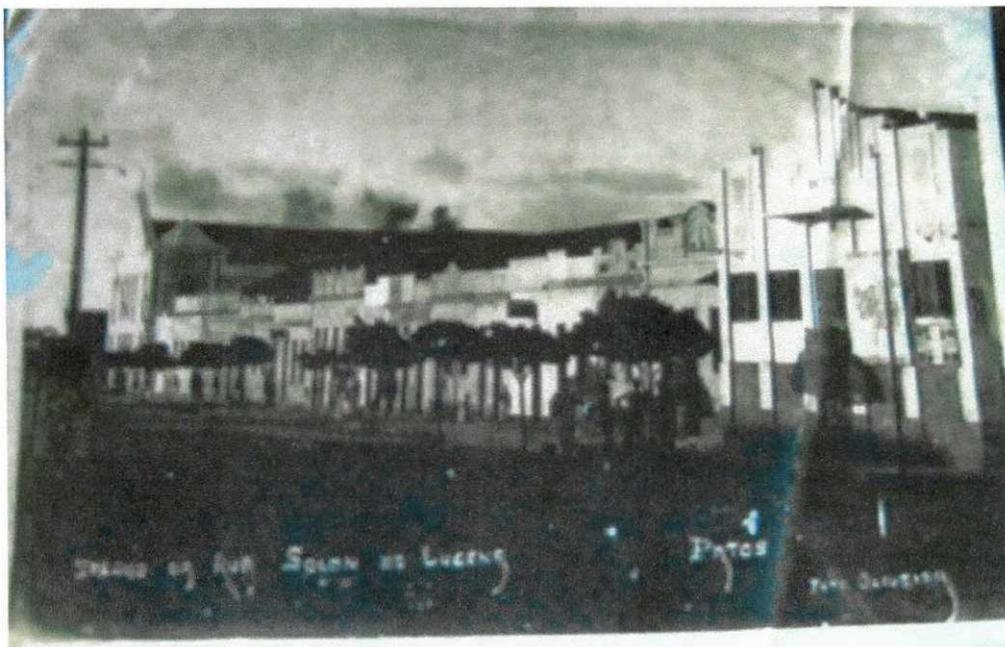


Ilustração número 15: Primeiro prédio onde funcionou o Eldorado. Acervo da fundação Ernani Sátyro- Patos -PB

<sup>139</sup> Depoimento concedido por Dona Maria José, ao autor em 11 de maio de 2010.

O prédio em estilo art decó, que pode ser visualizado na margem direita da foto, foi onde funcionou o cine Eldorado de 1934, ano de sua fundação, a 1946 quando foi transferido para o novo prédio da Rua Pedro Firmino. O trecho de calçada que vai do prédio do Eldorado até a esquina da antiga Igreja de Nossa Senhora da Guia foi um dos lugares prediletos para os passeios públicos, enquanto se esperava o início da projeção dos filmes. Que era sinalizado pelo toque de uma sirene, acionada três vezes, sendo que a terceira sinalizava o início das projeções. Sendo assim, foi também nesse local, onde moças e rapazes costumavam flertar enquanto aguardavam o início dos filmes. E dessa forma, esse local, aflora tanto nas memórias de Deusdedit como de Dona Maria José – chamada carinhosamente por ele de Mazé – como ambiente privilegiado do namoro deles, namoro aquecido pelos romances cinematográficos, e que resultou em casamento. Com relação a esse assunto vejamos o que o próprio Deusdedit diz:

Em uma das minhas visitas a Patos tomei conhecimento que o Cine Eldorado vinha programando a exibição do filme *A Porta de Ouro*, estrelado por Charles Boyer e Olivia Havilland. Já o conhecia mas fiquei interessado em revê-lo pelo colorido romântico do seu enredo que, de certo modo, se ajustava aos dias que vinha vivendo no meu anseio de voltar a Patos. Manifestei a Mazé o meu desejo de que ela assistisse comigo aquele filme pela ternura do argumento tão apropriada a notória meiguice da encantadora Olívia Havilland. Combinamos a nossa ida ao Cine Eldorado no dia marcado para a exibição daquele filme. E assim foi feito, apesar do meu sacrifício para alcançar Patos em tempo de levá-la ao cinema, o que me obrigou a utilizar um caminhão carregado de porcos que passava por Pombal. Assistimos o filme e, mais uma vez deixei-me dominar pela emoção provocada pela excelente interpretação da famosa dupla do cinema americano. Foi o primeiro filme que assistimos juntos acompanhando os lances emocionantes daquele casal romântico que lutava para transpor a porta de ouro da fronteira americana para puder viver a pureza dos seus sonhos (LEITÃO, 2000, p.221).

Portanto, o “império de seduções das imagens” tinha sua base na cidade de Patos. Dessa forma, o dono do *Eldorado*, senhor Agripino Cavalcanti, de seis em seis meses viajava ao Recife para planejar a programação do semestre. Escolhia pessoalmente cada filme, na maioria das vezes, primando pelas películas de conteúdo moralizante e mensagens educativas. Seleccionava com todo o cuidado os filmes para platéias particulares, como os alunos do *Ginásio Diocesano* do Padre Vieira e as internas do *Colégio Cristo Rei*”<sup>140</sup>. Segundo o

---

<sup>140</sup> Jornal *A União*, João Pessoa – PB, 26 de setembro de 2000

memorialista Sidnei Vieira<sup>141</sup>, o padre Vieira – diretor do *Ginásio Diocesano* de Patos - “preocupado com a moral e os bons costumes” fez um desafio a seu Agripino, dono do *Eldorado*. Para ele conseguir um filme bastante educativo, daqueles que ao invés de deixar um mal exemplo, deixasse um bom exemplo para os seus alunos, assim como a maioria dos filmes de antigamente. Seu Agripino aceitou o desafio, mandou uma correspondência para o Rio de Janeiro e passados três meses recebeu o filme, que versava sobre a vida estudantil de crianças americanas, o qual foi assistido pelos estudantes internos e externos do *Ginásio Diocesano* e também pela população patoense.

Todavia, como já vimos nesse trabalho, seu Agripino, trazia os filmes que eram exibidos no *Eldorado*, da cidade do Recife. Por que dessa vez o nosso personagem decidiu pelo Rio de Janeiro? Que tendo em vista as condições de transportes e estradas da época, uma viagem para a referida capital, era uma verdadeira aventura, a prova disso é que o filme passou três meses para chegar a Patos. Certamente, tanto o Sr. Agripino, como o padre Vieira, considerados dois intelectuais patoenses, alguns tratavam-lhes como filósofos, sabiam que o jornal *A União* do Rio de Janeiro, ligado à igreja católica, dedicava uma parte significativa de suas reportagens à cobertura e discussão de assuntos referentes ao cinema, protestando contra os filmes que atentassem contra a moral católica e contra a ordem pública. Dessa forma, todos os filmes exibidos numa primeira seção no Rio de Janeiro seguiam para as cidades do interior do Brasil.

Nesse contexto, cabe lembrar também, que para assegurar que as fitas chegassem com qualidade para os expectadores, o jornal paraibano *A imprensa*, também ligado à igreja católica, utilizava os dados provenientes do jornal carioca *A união* para classificar os “bons e maus filmes”<sup>142</sup>.

O *cine Eldorado* em determinados momentos também funcionou como cine-teatro, tendo em vista que a pedido do padre Vieira, os donos do *Eldorado* trouxeram para Patos, eventos em destaque no sul do Brasil, a exemplo da famosa ópera *Aída* de Giuseppe Verdi, mostrada a todos os alunos do Diocesano<sup>143</sup>.

---

<sup>141</sup> VIEIRA, Sidney Tôrres. *GDP: histórias e revelações*. Fortaleza: Pouchain Ramos, 2004

<sup>142</sup> SOUZA, Lincon Medeiros. *Op,cit*. P.49

<sup>143</sup> VIERA, Sidney Tôrres. *GPD: histórias e revelações*. Fortaleza: Pouchain Ramos, 2004: 54

Enfim, além de cinema e teatro, o *Eldorado* em certos momentos também sediou apresentações de renomados cantores, tanto do Brasil como da América Latina. Segundo Osvaldo Brandão Torres (Vavá Brandão), em 1943 – quando o *Cine Eldorado* ainda funcionava no seu prédio localizado na Rua Grande – Augusto Calheiros, que fazia uma excursão por todo o Nordeste, apresentou-se para uma platéia enorme que encontrava-se no auditório do *Eldorado*

Eu fiquei na fila da frente e acompanhei tudo de perto. Ele abriu o Show com trinta minutos e em seguida cantou os seguintes sucessos: *De papo pro ar, Mulher gaúcha, Célia, Garoto de Rua, Ave Maria, Prelúdio da sonata, chuá chuá...*além dele participou também do show, com grande aceitação, o cantor Paulo Sobral que se apresentava trajado de mexicano, com sombreiro, manta violão e cantava músicas do México, como *Rancho grande, La fronteira Del México*, etc. O espetáculo foi dividido em duas sessões, para atender a grande quantidade de pessoas, pois enquanto rolava a primeira apresentação, a rua já estava cheia dos que esperavam a segunda. Eu participei da primeira, mas soube no outro dia que na segunda apresentação ele havia repetido basicamente as mesmas músicas da primeira<sup>144</sup>.

O show foi assunto das principais conversas que aconteciam na cidade de Patos durante muitos dias. E não podia ser diferente, pois Augusto Calheiro, principal atração, havia iniciado sua carreira em 1935, no Rio de Janeiro, e rapidamente fez grande nome em todo o país. Assim sendo, o auditório do *Eldorado*, naquela noite, assumiu características dos auditórios das grandes rádios brasileiras, a exemplo da rádio Nacional do Rio de Janeiro, onde apresentavam-se os grandes astros e estrelas da música. Enfim, naquela noite de gala, os patoenses sentiram-se em sintonia direta com o moderno.

Em 1944, o auditório do *Eldorado*, mais uma vez foi palco de uma grande apresentação artística, desta feita, foi a *Orquestra Tabajara*, do maestro Severino Araújo, que ia apresentar-se na inauguração do hotel de Brejo das Freiras. E mais uma vez, o nosso memorialista, Osvaldo Brandão Torres (Vavá Brandão), que era sobretudo um apaixonado por música, testemunha:

Durante o show foram executadas e cantadas músicas de sucesso da época como: *O amor é sempre amor, Nunca saberás, Falsa Baiana, Smuck da moda, Béguin the Beguine, Moonlight Serenade* e outras. Era um repertório completo de músicas brasileiras e estrangeiras, todas interpretadas com perfeição. Durante a apresentação a Tabajara utilizou os seguintes músicos: Severino Araújo (regente); Sebastião de

<sup>144</sup> TORRES, Vavá Brandão. *A história de Patos*. mimeo.

Barros (K. Ximbinho), Jaime Araújo, José Araújo (Zé Bodega), Lourival Clementino e Genaldo Medeiros - saxofones; Manoel Araújo, José Leocádio e Aurélio Camilo - trombones; Plínio Araújo Geraldo Medeiros e Porfirio Costa, pistões; Jorge Aires, bateria; Cláudio Freire, piano; Juvenal - contrabaixo; Del Loro Guitarra; Gilberto D'Ávila - percussão; J. Monteiro e José Ramos – cantores. Um público muito grande lotou as dependências do velho cinema e os organizadores foram obrigados a fazer duas sessões<sup>145</sup>.

Em 1946, Agripino Cavalcanti associou-se ao técnico em eletricidade Joaquim Araújo, e juntos fundaram a empresa *Cavalcanti e Araújo*, construíram então um prédio próprio na Rua Pedro Firmino, cujo início da construção se deu em 1942, e a inauguração em 09 de fevereiro de 1946, com o filme “*A Sultana da Morte*”.



Ilustração número 16: Segundo prédio do Eldorado. Acervo da Fundação Ernani Sátiro –Patos –PB

A imponência do novo prédio do *Eldorado*, estilo art décor, localizado no centro da cidade, próximo ao prédio da Prefeitura Municipal, da Escola Rio Branco e do Hotel Central,

<sup>145</sup> TORRES, Osvaldo Brandão. História de Patos. mimeo.

sendo, este último, localizado próximo ao ponto de parada dos automóveis, caminhões e marinetes, uma espécie de rodoviária. Se antes o *Eldorado* já era visto como um ícone do moderno em Patos e região, com a inauguração do seu novo prédio, a população passou a comparecer em massa às sessões, tornando viável o empreendimento.

A equipe do *Eldorado* organizou a programação pensando em atrair cada vez mais a população patoense para a referida casa de exibição cinematográfica. Sendo assim, na terça feira acontecia à sessão popular com reprises; na quarta-feira filmes de amor, destinados principalmente as moças. Já na quinta-feira acontecia o seriado, com destaques para alguns filmes, a exemplo de: *O Segredo da Ilha do Tesouro*, *O falcão e a Caverna*. Nos domingos aconteciam as matinês. Em 18 de maio de 1957 o referido cinema inaugurou o moderno equipamento de cinemascope (que possuía projetores Scopus VII, projeção de alta intensidade (45 a 60 amperes, RCA; equipamento sonoro Phillips, tela plástica TOP- AZ 5 x11ms, scope ótico com nove alto falantes para efeitos estereofônicos) com a exibição do filme *Desirée - o amor de Napoleão* – com Marlon Brando e Jean Simons. Para assinalar o acontecimento foi publicado um folder, contendo matérias sobre o cinema, agradecendo aos colaboradores e aconselhando como se comportar no cinema<sup>146</sup>.

Em sua nova casa o *Eldorado*, além da exibição de filmes, continuou sediando as grandes apresentações artísticas na cidade de Patos. E assim sendo, em seu novo auditório desfilaram astros e estrelas do rádio. A exemplo de Orlando Silva – o cantor das multidões – que foi contratado por Mauricio Leite, na época diretor da *Rádio Espinharas* de Patos. Na incapacidade do pequeno auditório da *Espinharas* em comportar o grande número de pessoas que deveriam prestigiar o evento, o diretor da referida emissora, preferiu que o show acontecesse no auditório do *Eldorado*, que tinha capacidade para receber um público bem maior. E como era de praxe em qualquer apresentação artística que acontecia na cidade de Patos, o nosso memorialista, Osvaldo Brandão Torres (Vavá Brandão), estava presente no evento. Só que desta vez não estava na platéia, e sim no palco, visto que o seu conjunto, que era conhecido pelo nome de *Vavá e seu conjunto*, composto pelos músicos: Vavá no pandeiro, Emiliano no violão, Bideca na Manola e Manoel de Donália no clarinete, teve a honra de fazer o acompanhamento do show do cantor das multidões, que fez uma apresentação espetacular, no auditório do *Eldorado*

---

<sup>146</sup> Patos em Revista, op.cit

completamente lotado. “Orlando hospedou-se no Hotel Copacabana<sup>147</sup> de Antonio Benevides, em companhia da sua esposa Dona Lourdinha, e quando foi fazer as apresentações nas outras cidades, exigiu a presença do nosso conjunto”, destaca Vavá Brandão.

Além do “cantor das multidões” que encantou a cidade sertaneja, o auditório do *Eldorado* também serviu de palco para Nelson Gonçalves, cujo show ocorreu em maio de 1961, quando Nelson Gonçalves fez uma turnê pelo Sertão, com apresentações nas cidades de Patos, Cajazeiras e Souza. Osvaldo Brandão Torres (Vavá Brandão), que dessa vez estava tocando bateria, acompanhou Nelson Gonçalves nos três shows, que por ordem de realização se deram da seguinte forma: em Cajazeiras, no clube *Primeiro de Maio*; em Souza, no *Ideal Clube* e em Patos no *cine Eldorado*.

O show de Patos foi como os demais, um verdadeiro sucesso, com o cinema superlotado por cerca de mil pessoas, nas cadeiras, nos corredores e nas laterais. Algumas pessoas levaram cadeiras de casa e colocaram na área dos fumantes. Nelson cantou velhos sucessos de Roberto Robert, Herivelto Martins, Roberto Martins, Mario Lago, Francisco Alves, Dorival Caimy, David Nasser, Custódio Mesquita, Evaldo Rui e outros; cantou também os recentes sucessos de Adelino Moreira, no auge da parceria que durou a vida inteira.

Entre as músicas apresentadas destacamos. A volta do boêmio, Segredo, Dos meus braços tu não sairás, Marina e outras. Nem precisa falar que o público delirou e que o cinema estremeceu, sob os cuidados de seu Agripino.

O sucesso no palco repetiu-se no convívio com o nosso povo. Durante o tempo em que ele esteve entre nós recebeu inúmeras visitas e concedeu incontáveis autógrafos<sup>148</sup>.

Foram muitos os artistas que se apresentaram no auditório do *Eldorado*, que mesmo após a inauguração da *Rádio Espinharas* continuou a sediar os grandes eventos artísticos de Patos. E sendo assim, foi naquele cinema - que na época estudada possuía um edifício grande e moderno - que os patoenses sentiram-se em sintonia com as sensibilidades do mundo moderno. Foi ali onde sentiram a emoção de ver, ouvir e muitas vezes até tocar ou conversar com os seus ídolos. Enfim, na sua dobradinha com a *Rádio Espinharas*, trazendo os ídolos da música nacional e internacional, o *Eldorado* colocou os patoenses em sintonia com o ritmo de vida civilizada, que tinha como referencia as cidades ditas modernas.

<sup>147</sup> O referido Hotel localizava-se na Rua Epitácio Pessoa, onde atualmente fica o edifício Raiani.

<sup>148</sup> TORRES, Vavá Brandão. Op.cit.

Nessa perspectiva, em 1965, Bienvindo Granda, um dos grandes nomes da música no Brasil e na América Latina, fez sucesso no Brasil com as músicas: *Angústia*, *Calla*, *Oracion caribe*, *A Laurila del mar*, *Luna*, *Perfume de Gardênia* e muitas outras canções. O show contou com a presença de cerca de mil e quinhentas pessoas, que lotaram o auditório do Eldorado. Mais uma vez, Vavá e seu conjunto, que desta feita era composto por: Vavá na bateria, Zé Costa do Acordeon, Antonio Moreno no violão, Zé da Trompa nas maracás e Dedé Gambarra no pistom<sup>149</sup>.

Portanto, o *Eldorado* e as atividades ali desenvolvidas, que como vimos não foram poucas, emprestava um ar de modernidade a Patos. Possibilitava aos patoenses sentirem a emoção de participar de espetáculos que haviam sido vivenciados nos principais centros urbanos do Brasil.

O *Eldorado* funcionou no prédio da Rua Pedro Firmino, até 1971, quando seu Agripino Cavalcanti, em acordo com o seu sócio, vendeu a sua casa de exibição para a empresa de cinema *São Francisco*, pertencente a Zé do Ouro, com sede em Caicó no Rio Grande do Norte. Que imediatamente tratou de concluir o prédio que havia sido começado na Rua do Prado, que ficou conhecido como o “Gigantão do Prado”.

Enfim, assim como nas demais localidades no Brasil e no mundo por onde o cinema se instalou, em Patos, a sua influência no imaginário social é bastante evidente nas fontes que tivemos acesso. Como vimos, a referida cidade recebeu a visita do cinematógrafo itinerante ainda nos anos iniciais do século XX. Porém, nesse trabalho procuramos focar a nossa análise no impacto que o cinema exerceu no imaginário social da urbe, a partir da instalação do cine *Eldorado*, em 1934. Nesse contexto, ir ao referido cinema pelo menos uma vez na semana se constituiu como um hábito moderno, tendo em vista que, além de casa de exibição cinematográfica, se tornou um local de encontro, um ponto de novas sociabilidades. Dessa forma, o *Eldorado*, emerge como forte presença na memória de muitos que viveram em Patos, nos idos de 1940 e 1950.

---

<sup>149</sup> Idem

#### 4. Considerações finais

Nas páginas que antecedem essas considerações finais, procuramos revelar a chegada do moderno na cidade de Patos, no Sertão paraibano, dentro do recorte temporal que se estende por pouco mais de duas décadas (1934 – 1958). Rastreamos indícios ligados a temática em questão, trabalho esse que não foi fácil, visto que a cidade em estudo é bastante carente de arquivos públicos organizados. Procuramos utilizar fontes variadas, a exemplo de: livros de memória, depoimentos orais, romances, jornais e fotografias.

A modernidade é um tema amplo e complexo que não se esgota. A cidade é um espaço de lutas, desejos e utopias, e tem uma longa história. Os vestígios mais antigos com relação a aglomerações urbanas (com exceção de Jericó) datam de aproximadamente 3.000 a.C (MUNFORD, 2008, p.38). Já na antiguidade, a cidade se constituiu como centro de diversidade, pois passou a receber indivíduos egressos de diferentes lugares e culturas. Enfim, “as cidades foram os grandes cenários da modernidade e, hoje o lugar emblemático das suas ruínas e das suas tentativas de reconstrução” (REZENDE, 1997, p.21).

Assim sendo, recuperamos indícios ligados ao processo de modernização da cidade de Patos, numa trajetória, que procura entender a implicação que tal atividade passou a exercer no imaginário social da urbe. Nesse contexto, os livros de memórias se mostraram uma fonte importante para o nosso trabalho. Pois, a partir deles foi possível acessar indícios ligados as transformações que a cidade viveu, transformações essas que dizem respeito tanto a modernização, quanto ao imaginário moderno que tinha como centro as grandes metrópoles do mundo, a exemplo de Paris e Londres, e em termos de Brasil, Rio-São Paulo- Recife.

Procuramos trazer para o debate atual, características físicas e sensíveis de uma cidade que não existe mais, graças à iniciativa louvável de pessoas que resolveram escrever suas memórias, e dessa forma guardar, apesar de tantas mudanças, as inscrições de outros tempos.

Na medida do possível, isto é, até onde nos foi possível encontrar vestígios (relatos orais, contos, entre outros) que se relacionem com as transformações sofridas pela cidade de Patos, dentro da temporalidade em questão, a fonte oral deu uma contribuição importante a esse trabalho. Visto que, foi a partir dela que pudemos revelar recortes ligados ao cotidiano: adentrar a estação ferroviária nos horários de trem, revelar recortes ligados ao dia-a-dia dos cassacos que trabalharam na construção ferroviária de Patos a Campina Grande, etc. Portanto, além das memórias, os romances, os jornais e as fotografias, foram também fontes

importantes para o presente trabalho. Tendo em vista que foi a partir do diálogo com essa diversidade de fontes que buscamos trazer para as discussões atuais a temática da modernização e sua implicação na modernidade das cidades, tendo como objeto de estudo a cidade de Patos.

Assim sendo, apesar do esforço, no sentido de viabilizar um estudo que possa dar sua contribuição aos estudos historiográficos, mais especificamente a temática das cidades, em nenhum momento se fez pretensão nossa escrever um trabalho infalível, e que dê por encerrada a temática abordada, ao contrário esperamos que o presente trabalho possa contribuir com a historiografia das cidades, em particular com a historiografia das cidades paraibanas, e que fomente vários outros trabalhos de pesquisa, e dessa forma, revele as histórias urbanas que se encontram a espera de historiadores para escrevê-las. Pois

*A História é um palácio do qual não descobriremos toda a extensão (não sabemos quanto nos resta de não factível a historicizar) e do qual não podemos ver todas as alas ao mesmo tempo, assim não nos aborrecemos nunca, nesse palácio em que estamos encerrados. Um espírito absoluto que conhecesse seu geometral e que não tivesse nada mais para descobrir ou para descrever, se aborreceria nesse lugar. Esse palácio é, para nós, um verdadeiro labirinto, e a ciência dá-nos fórmulas bem construídas que nos permitem encontrar saídas mas que não nos fornecem a planta do prédio (APUD REZENDE, 1997, p.186).*

Nessa perspectiva, chegamos ao final (ainda que provisório) desse trabalho, com dúvidas e inquietações, porém, certos de que ainda existe muito a se pesquisar sobre a cidade de Patos, visto que, seria humanamente e/ou racionalmente impossível, recuperar toda a história de uma cidade em um único trabalho de pesquisa. Esperamos que muitos outros trabalhos historiográficos ainda sejam feitos sobre a cidade em questão, pois o nosso propósito é nos juntarmos a pesquisadores interessados na temática, e no objeto de estudo, para assim podermos adentrar o cotidiano dos habitantes da cidade de Patos. Isto é, revelar o mundo dos: trabalhadores das usinas de algodão, empregadas domésticas, balaieiros, carroceiros, chapeados, feirantes, pedintes, enfim, procurar recuperar o dia-a-dia das pessoas que também fazem a história da cidade, mas quase sempre não aparecem na historiografia oficial. Nessa perspectiva

O historiador do cotidiano tem como preocupação restaurar as tramas de vidas que estavam encobertas, procurar no fundo da história figuras ocultas, recobrar o pulsar no cotidiano, recuperar sua ambigüidade e a pluralidade de possíveis vivências e interpretações, desfiar a teia de relações cotidianas e suas diferentes dimensões de experiência, fugindo dos dualismos e polaridades e questionando as dicotomias (MATOS, 2002, p.26).

Enfim, apesar da importância que os estudos do cotidiano representam para a historiografia atual, não foi possível para nós, desenvolvermos um trabalho focado no dia-a-dia das pessoas que viveram em Patos, dentro da temporalidade pesquisada, tendo em vista que trabalhamos com um recorte temporal extenso, para tal empreitada, além disso, devido à carência de produções historiográficas que tratam da temática da modernidade, tendo como objeto de estudo a cidade de Patos, decidimos então desenvolver uma abordagem mais ampla, que teve como foco a instalação de alguns equipamentos modernos na cidade, e o impacto que tal atividade exerceu no imaginário social dos patoenses. Porém, “a tarefa do historiador é imensa, necessariamente incompleta, pois os enigmas sempre exigirão novas leituras, dependendo do tempo e do espaço em que são/foram/serão produzidos” (REZENDE, 1997, p. 13). Assim sendo, as nossas dúvidas e indeterminações, que não invalidam nem transformam nosso trabalho em mera ficção, ao contrário, servem como fomento para nossas inquietações, que buscam revelar cada vez mais e com mais coerência, os rastros e indícios que se encontram a espera de um historiador.

Seguimos então esperançosos, acreditando na continuidade das pesquisas ligadas a temática e ao objeto de estudo em questão, certos de haver ainda muito caminho a percorrer, nessa imensa e inconclusa, mas sobretudo, gratificante empreitada, que é recuperar o que for possível da trajetória de homens e mulheres que viveram em outros tempos. Lembremos então de Guimarães Rosa,

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu em real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. (...) (APUD REZENDE, 2008, p. 48).

No entanto, como lembra Calvino, não devemos jamais “confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles” (CALVINO, 1990, p.59), nessa perspectiva, o historiador, através do contato com os rastros que ficaram de outros tempos, busca reconstruir no presente as cidades que existiram no passado. “Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 1990, p.15).

Portanto, procuramos na medida do possível, rastrear fontes que ofereçam respostas a nossas perguntas sobre a cidade de Patos, perguntas essas que procuram adentrar a cidade visível e a cidade sensível. Visto que, “as cidades como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa” (APUD REZENDE, 1997, P.22).

## 5. Referências Bibliográficas

ABRANTES, Alômia. SANTOS NETO, Matinho Guedes dos. (orgs). *Outras Histórias: cultura e poder na Paraíba (1889-1930)*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.

ALMEIDA, José Américo. *A Paraíba e seus problemas*. 3 ed. João Pessoa PB: Governo do Estado, 1980.

ARANHA, Gervácio Batista. *Parahyba do Norte na passagem para o século XIX: vida urbana e modernidade*. IN: SOUZA, Antonio Clarindo, e SOUSA, Fábio Gutemberg (orgs). *História da Paraíba - ensino médio*. Campina Grande: EDUFCEG, 2007.

\_\_\_\_\_. *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1825 -1925)*, Campinas-SP: UNICAMP, tese de doutorado, 2001.

\_\_\_\_\_. *Trem e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas (1880 – 1925)*, Campina Grande-PB: EDUFCEG, 2006.

\_\_\_\_\_. *A Nova História Cultural e a Antropologia: perspectivas e convergências*. In: BURITI, Iranilson; e DANTAS, Eugenia (orgs). *Metodologia do Ensino e da Pesquisa – Caminhos da Investigação*. João Pessoa/ Campina Grande: Idéia/ EDUFCEG, 2008.

\_\_\_\_\_. *Trem de ferro em imagens literárias: advento triunfal da mecânica moderna no Brasil na transição do século 19 para o 20*. In: CITTADINO, Monique; GONÇALVES, Regina Célia. *História em diversidade: ensaios de história e Ensino de História*. Campina Grande: Editora Universitária-UFCG, 2008.

\_\_\_\_\_. *Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880 – 1925)*. IN: DO Ó, Alarcon Agra, e SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa, *Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural*. Campina Grande-PB: EDUFCEG, 2006.

\_\_\_\_\_. *Da vida pública noturna nas cidades do norte brasileiro: recepção ao teatro e ao cinema na passagem do século XIX para o século XX*. In: *Arius revista de ciências humanas e artes*. V. 14, n 1/2 jan/dez 2008.

\_\_\_\_\_. *Campina Grande no espaço econômico regional: estrada de ferro, tropeiros e empório comercial algodoeiro (1907 – 1957)*. Campina Grande –PB: UFPB, dissertação de mestrado, 1991.

ARAÚJO, Fátima. Agripino Cavalcanti. *Suplemento do Jornal A União* de 26 de setembro de 2000.

\_\_\_\_\_. *Paraíba imprensa e vida*. João pessoa –PB: Grafset, 1986.

AZEVEDO, Lia Calabre. *No Tempo do Rádio: Radiodifusão e Cotidiano no Brasil 1923-1960*. Niterói - RJ: Universidade Federal Fluminense, tese de doutorado, 2002.

BENJAMIM, Walter. *Charles Baudelaire: um Lírico no Auge do Capitalismo*. Obras escolhidas III. Tradução de José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista, São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti, São Paulo: Companhia das Letras, 2007

BURGUIÈRE, Andre. A antropologia histórica. In LE GOFF, Jacques. Et all. *A nova história*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes: 1993.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

\_\_\_\_\_. *A Escola do Annales (1929 – 1989). A revolução Francesa da historiografia*. Tradução Nilo Odália – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

\_\_\_\_\_. *Variedades de história cultural*. Tradução de Alda Porto – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRESCIANNI, Maria Stella M. História e Historiografia das cidades, um percurso. In FREITAS, Marcos Cezar (org). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

CABRAL, Nelson Lustoza. *Paisagens do Nordeste*. São Paulo: 1962.

CABRAL FILHO, Severino. *A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930 – 1950)*. João Pessoa – PB: UFPB, tese de doutorado, 2007.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Bertholdo de. Caminhos de ferro. In: *Revista BrBrasil*, ano I, nº I, março de 2007.

CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer*. 13 ed. Tradução de Ephaim Ferreira Alves, Petrópolis, RJ: vozes, 2007.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. *As singularidades da modernização na cidade de Parahyba, nas décadas de 1910 a 1930*. Tese de doutorado, Recife: UFPE, 2004.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo, Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand/DIFEL, 1990.

CORBIN, Alain. Do limousin as culturas sensíveis. In: RIOUX, Jean – Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e sociedade in: *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FERREIRA, Marieta de Moraes, e AMADO, Janaína. *Usos e abuso da História Oral*. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FERREIRA, Victor José. O trem no imaginário brasileiro. In: *Caminhos do Trem: a conquista do trem*. São Paulo: Duetto editorial, 2008.

FERNANDES, Flávio Sátiro. *Na rota do tempo – datas, fatos e curiosidades da história de Patos/Paraíba*. João Pessoa: Impreel, 2003.

\_\_\_\_\_. *A festa de setembro* (romance). João Pessoa PB: Letras e Artes, 1996.

\_\_\_\_\_. *A Cruz da Menina* (romance). Patos-PB: Fundação Ernani Sátiro, 1994.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: memória, história e narrativa. In: Revista *Mente Cérebro e Filosofia*, São Paulo: DUETTO, 2009 vol. 7.

\_\_\_\_\_. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara/ Kogan, 1989.

\_\_\_\_\_. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne – Petrópolis RJ, 1997.

\_\_\_\_\_. *Nova luz sobre a antropologia*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GINZBURG, Carlo. *Mito Emblemas e Sinais*. Tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras:1987.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 4 ed. Petrópolis: vozes, 2002.

HOBSBAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Tradução Celina Cardim Cavalcante – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HALL, Peter. A Cidade da Noite Apavorante: reações a cidade encortçada do século XIX. Londres, Paris, Berlim, Nova York (1880 - 1900). IN: *Cidades do Amanhã: uma história intelectual do planejamento urbano no século XX*. São Paulo: perspectiva, 1998.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

JOFFILY, Irineo. *Notas sobre a Parahyba*. Brasília: Thesaurus Editora, 1977.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Montaillou: povoado Occitânico, 1294-1324*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LEAL, Wills. *Cinema na Paraíba/cinema da Paraíba*. João Pessoa: Editora do autor, 2007.

LEITÃO, Deusdedit. *Inventário do tempo: memórias*. João Pessoa: Empório dos Livros, 2000.

LLOSA, Mario Vargas. *A verdade das mentiras*. Tradução Cordélia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004

MACIEL, Laura Antunes. *A Nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da “Comissão Rondon*. São Paulo: FAPESP, 1998.

MARIZ, Celso. *Cidades e Homens*. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1985.

MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. *Signos em confronto? O Arcaico e o Moderno na Cidade de Princesa (PB) na Década de 1920*. João Pessoa – PB: Editora da UFPB, 2010.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru SP: EDUSC, 2002.

MEDEIROS FILHO, Solon de. *Estórias do meu tempo*. Olinda: Editora do Autor, 2004.

MELLO, José Octávio de Arruda. *História da Paraíba: lutas e resistências*. 2 ed. João Pessoa: Editoria Universitária, UEPB, 1995.

MOSCATELI, Renato. Tempo e espaço projetados. In: *Revista Leituras da História*, ano I, número 04, p. 20.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na História*. Tradução de Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

OLIVEIRA, Iranilson Buritti. *Façamos da família a nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30)*. Tese de Doutorado, UFPE, 2002.

ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade: a França no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1991

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH, vol. 27, nº 53, jan-jun., 2007.

\_\_\_\_\_. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

\_\_\_\_\_. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINSKY, Jaime e BASSANEZI, Carla (org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

PROST, Antoine. *Doze Lições Sobre a História*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

QUEIROZ, Bertino Nóbrega. *Tempos de Octacílio Queiroz : Perfil de uma Vida*. João Pessoa: editora da UFPB, 2000.

RAMINELLI, Ronald. História urbana. In CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História: ensino de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1997.

\_\_\_\_\_. Lucien Febvre No caminho das mentalidades. In *Revista de História*, nº 122. São Paulo: USP, jan/jul. 1990.

REIS, José Carlos. *História e Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

REZENDE, Antonio Paulo. *(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.

\_\_\_\_\_. Cidade e modernidade: Registro históricos de amor e solidão no Recife dos anos de 1930. In: MONTENEGRO, Antonio Torres, et al. *História: Cultura e sentimento: outras histórias do Brasil*. Recife: Ed. da UFPE, 2008.

REGO, José Lins. *Pureza - Romance* – Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François (et al). Campinas- SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX*. Tradução Ana Maria Scherer, Rio de Janeiro: ROCCO, 2000.

ROLNIK, Raquel. *A cidade e a Lei: Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: FAPESP, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. IN: NOVAES, Fernando A. *História da vida privada no Brasil*. V. 3, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo: sociedade e cultura nos anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. *O velho arraial de piranhas (Pombal)*. João Pessoa: Grafset, 2004

SILVA, Josimar Gomes. *A Radiofusão na vida sócio-cultural de Patos na década de 50*. Patos-PB: FIP, monografia, 2004.

SIMMEL, Georg. *Filosofia da moda e outros escritos*. Tradução Artur Morão. Lisboa: texto e grafia, 2008.

SOLLER, Maria Angélica; MATOS, Maria Izilda. *A cidade em debate*. São Paulo: Olho D'água, 2000.

SOUSA, Fábio Gutemberg. *Territórios de confrontos: Campina Grande 1920-1945*. Campina Grande PB: EDUFPG, 2006.

SOUSA, Rivaldo Amador. *Vertigens do progresso: o trem e outros signos do moderno em São João do Rio do Peixe (1918 – 1964)*. Cajazeiras – PB: UFCG, monografia, 2005.

SOUSA, José Romildo. *Subsídios para a história da igreja de Patos*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Patos. Número 02, 2001.

\_\_\_\_\_. *Álbum do Futebol + 90 minutos*. Patos-PB: Sal da Terra, 2008.

SOUZA, Lincon César Medeiros de. *Cinematografo: a imagem da modernidade e das práticas socioculturais na cidade de Campina Grande – 1900-1940*. Campina Grande: UFCG, dissertação de mestrado, 2009.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa, OLIVEIRA, Flavianny Guimarães de (et al). *História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande*. Campina Grande: EDUFPG/EDUEP, 2006.

SOUZA, Antonio Clarindo, Dantas Maria Eugênia (et.al). *Cultura e Cidades*. Campina Grande PB: EDUFPG, 2009.

TERCEIRO NETO, Dorgival. *Taperoá: crônica para a sua história*. João Pessoa: UNIPÊ Editora, 2002.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. Tradução de Rosaura Eichenberg, São Paulo: Companhia da Letra, 1998.

TRAJANO, Neó. *Patos de minha infância*. Campina Grande: Editora e Gráfica Santa Fé Ltda, 1972.

VELLOSO, Monica Pimenta. *História e modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VICTOR, José Mota. *1912: A Invasão de Patos*. Patos-PB, 2007.

WANDERLEY, Allyrio Meira. *Ranger de dentes* (romance). Rio de Janeiro: Companhia Editora Leitura, 1945.

WANDERLEY, Helmara Gicceli Formiga. *Cotidiano, cultura e lazer em Pombal: as contradições do progresso (1927-1959)*. Campina Grande –PB: UFCG, dissertação de mestrado, 2009.

WANDERLEY, José Perminio. *Retalhos do sertão* (memórias). Patos –PB: Fundação Eranani Sáturo, 1994.

WAIZBORT, Leopoldo. A cidade grande e moderna. In *As aventuras de Georg Simmel*. 2 ed. São Paulo: USP. Curso de pós-graduação em Sociologia; Editora 34, 2006.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. Tradução Paulo Henrique Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KOOSY, Boris. *Fotografia e História*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

## Periódicos

*Revista Patos*, Patos – PB, 2007

*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Patos*, número 02, ano 2001.

*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Patos*, número 04, ano 2003.

*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Patos*, número 05, ano 2005.

*Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 05, número 52, janeiro de 2010

*Jornal A voz do Sertão*, Patos – PB, 10 de janeiro de 1915

*Jornal A voz do Sertão*, Patos – PB, 23 de maio de 1915

*Jornal A voz do Sertão*, Patos – PB, 20 de junho de 1915

*Jornal A voz do Sertão*, Patos – PB, 15 de novembro de 1915

*Jornal do Sertão*, Patos – PB, 30 de abril de 1916

*Jornal A união*, João Pessoa – PB, 23 de abril de 1944

*Jornal Correio de Campina*, de 07 de junho de 1914,

*Jornal Diário da Borborema*, Campina Grande – PB, 16 de fevereiro de 1958

*Jornal Diário da Borborema*, Campina Grande – PB, 04 de novembro de 1958

*Jornal Diário da Borborema*, Campina Grande – PB, 05 de maio de 1959

*Jornal A imprensa*, Parahyba, 25 de março de 1923.

*Jornal A imprensa*, Paraíba, 19 de julho de 1936

*Jornal A imprensa*, Paraíba, 29 de abril de 1936

*Jornal A imprensa*, Paraíba, 10 de julho de 1936

*Patos em Revista*, Patos – PB: Gráfica JB, edição histórica, 2005

*O FLIRT*, ano II, Patos – PB, 03 de setembro de 1928

*O Xuxu*, Patos 25 de setembro de 1937

*O Espião* – Jornal oficial da festa da padroeira – ano III, número I, Patos, 23 de setembro de 1943.

## Arquivos visitados

Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba - IHGP

Cúria Diocesana da Paraíba - CDP

Fundação Ernani Sátiro

Hemeroteca da Fundação Ernani Sátiro

Pessoas entrevistadas – colaboradores –

Antonio Aureliano Silva (Madureira)

Genival Maciel de Almeida (Seu Bau)

Geraldo Pinheiro da Nóbrega (Géu)

Jaime Tenente de Oliveira

João Minervino da Silva

José Gomes dos Santos (Zé Grosso)

Júlio Pedro da Silva

Luzia Vieira Maciel

Manoel Bernadino de Queiroz (Seu Manoel Lourenço)

Maria do Carmo (Maria Velha)

Maria José César